

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE LETRAS E ARTES  
INSTITUTO VILLA-LOBOS  
LICENCIATURA EM MÚSICA**

**MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PERFIL DA EDUCAÇÃO MUSICAL EM  
OITO ESCOLAS DA REDE PRIVADA DE ENSINO DA CIDADE DO RIO DE  
JANEIRO**

**CASSIANE GAMA CRUZ**

**RIO DE JANEIRO, 2009**

MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O PERFIL DA EDUCAÇÃO MUSICAL EM  
OITO ESCOLAS DA REDE PRIVADA DE ENSINO DA CIDADE DO RIO DE  
JANEIRO

por

CASSIANE GAMA CRUZ

Monografia apresentada ao Instituto  
Villa Lobos - Centro de Letras e Artes  
da UNIRIO, como requisito parcial para  
conclusão do curso de Licenciatura em  
Música, sob a orientação do Professor  
Dr. José Nunes Fernandes.

Rio de Janeiro, 2009

*A Deus,  
razão da minha existência*

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por todo cuidado, apoio e incentivo, e pelos esforços impossíveis de se recompensar;

Aos meus irmãos, meus grandes companheiros, por tudo que vivemos e aprendemos juntos e por suportarem minhas intensas horas de estudo;

Ao meu Sogro Izaías Egídio, meu Pai na Música, por tudo o que aprendi, por todos os ensinamentos que foram muito além de conteúdos musicais, pelos conselhos, pelos esforços, por ser o exemplo de Educador que jamais esquecerei, e em quem sempre poderei me espelhar;

À Minha Sogra e amiga Nilma, pela torcida, apoio e incentivo e pelos conselhos que vou sempre guardar;

Ao meu noivo Wellington, meu maior incentivador e companheiro, por apoiar e participar intensamente de todas as minhas conquistas;

À Direção da Escola de Música da Igreja Evangélica Assembléia de Deus em Campo Grande, pela confiança e pela grande oportunidade de iniciar meus estudos e minha prática profissional;

Ao grande Prof. Dr. José Nunes Fernandes, pela paciência, ajuda, compreensão, pelas instruções, enfim, pelo trabalho impecável como orientador;

À Professora Mônica Duarte, pelo incentivo e por todas as indispensáveis instruções;

À minha querida Professora Mariana Salles, pelos ensinamentos que ultrapassaram as fronteiras da prática violinística;

À minha grande Professora Adriana Miana, pela grande ajuda, principalmente no período da escolha do tema;

Aos Professores da Unirio, pela imensa contribuição para com o meu crescimento;

Aos meus alunos, de 2000 até hoje, razão da minha incessante busca pelo amadurecimento profissional;

Aos Amigos da Unirio, pelo companheirismo e por todos os momentos inesquecíveis;

À Ingrid Mendes, minha amiga flautista, pela grande participação no meu THE;

A todos os amigos que me incentivaram e torceram por mim durante esses anos;

Às Escolas e aos Educadores que contribuíram para a realização desta pesquisa.

CRUZ, Cassiane Gama. *Música na Educação Infantil: o perfil da Educação Musical em oito Escolas da rede privada de ensino da cidade do Rio de Janeiro*. 2009. Monografia (Licenciatura em Música). Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

## RESUMO

Este estudo se propõe a traçar um perfil da Educação Musical nas Escolas da rede privada de ensino da cidade do Rio de Janeiro. Através de entrevistas realizadas com Professores de Música de oito escolas particulares, foi possível conhecer as principais características das aulas de música, como espaço, carga horária, principais atividades, relação da música com as demais disciplinas e utilização da música nas festas escolares. A análise dos dados, com base nos autores que fundamentam a pesquisa, possibilitou conhecer este perfil, identificando aspectos positivos e negativos que norteiam a prática dos educadores musicais entrevistados.

Palavras-chave: educação musical; educação infantil; escolas particulares

## SUMÁRIO

Página

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
-------------------------	---

<b>CAPÍTULO 1 - MÚSICA E EDUCAÇÃO: COMO SE ENTRELAÇAM</b> .....	5
---	---

- 1.1. Contribuições da Música para o processo educacional
- 1.2. Justificativas para a presença da música na Educação Infantil

<b>CAPÍTULO 2 - MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL DAS ESCOLAS DA REDE PRIVADA DO RIO DE JANEIRO: A VISÃO DOS PROFESSORES</b> .....	11
--	----

- 2.1. Seleção das escolas
- 2.2. Apresentação das escolas e dos professores
- 2.3. Um panorama das aulas de música
  - 2.3.1. Carga horária e periodicidade das aulas
  - 2.3.2. Espaço destinado às aulas de música
  - 2.3.3. Quantidade de turmas e alunos atendidos
  - 2.3.4. Fazer musical
- 2.4. Funções da Música na escola
  - 2.4.1. Funções da música na escola sob a concepção dos professores
- 2.5. Planejamentos de aulas e atividades e ocorrência de interferências
  - 2.5.1. Existência de planejamento
- 2.6. Apoio de auxiliares e outros professores
- 2.7. Relacionamento entre as aulas de música e os demais docentes
- 2.8. Estímulos, dificuldades encontradas e reações dos professores
  - 2.8.1. Fatores de estímulo
  - 2.8.2. Fatores de influência negativa sobre o trabalho do professor
  - 2.8.3. Reação dos professores às dificuldades relatadas
- 2.9. Atuação do Professor de Música nas Festas e comemorações escolares
- 2.10. Relatos de experiências dos Professores

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	77
-----------------------------------	----

<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	79
---	----

<b>ANEXOS</b> .....	81
---------------------	----

### LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Apresentação das escolas: nome, localização, nível de formação do professor e níveis em que a Educação musical está presente .....	12
Quadro 2 – Características das aulas de música nas escolas .....	17
Quadro 3 – Funções da música nas escolas .....	37
Quadro 4 – Acompanhamento durante as aulas de música .....	51
Quadro 5 – Estímulos e dificuldades do Professor de música .....	56
Quadro 6 – Relação do Professor de música com as festas e comemorações escolares .....	66

## INTRODUÇÃO

Durante uma experiência como Professora de Música da Educação Infantil em uma Escola Particular do Rio de Janeiro, alguns fatos despertaram minha atenção: a recomendação, por parte da direção escolar, de que a aula de música não deveria musicalizar as crianças, mas, sim, reforçar os conteúdos trabalhados pelos outros professores; a informação de que as aulas seriam ministradas nas salas de cada turma; e a exigência, por parte da supervisão, de que o planejamento das aulas de música tivesse como base o planejamento dos demais professores, com atividades totalmente relacionadas aos temas mensais. Esses, foram pontos de partida para o despertar de um questionamento: afinal, com que função a música seria trabalhada na Escola, e de que maneira ela era considerada importante para o desenvolvimento das crianças?

Com o decorrer das aulas, os professores se ausentaram, muitas vezes, para atender chamados da própria supervisão; minha atenção se dividia entre as atividades e o cuidado com os alunos. As salas de aula pareciam tornar-se cada vez menores, principalmente nos meses em que o tema era a movimentação corporal; o desgaste físico e mental, por conta das 17 turmas de Educação Infantil, fez com que a criatividade para planejar atividades diferentes para cada uma das 4 turmas (maternal 1, maternal 2, 1º período e 2º período), diminuísse aos poucos. A ausência de materiais para o trabalho com música e a promessa da sua compra, “sem previsão”; a referência às aulas e ao trabalho como “a aula da tia das musiquinhas”, ou a “aulinha da tia do violão”; a visível falta de apoio por parte dos demais professores, e a exigência da minha presença em festas e atividades fora do horário de trabalho, somaram-se ao receio de perder um emprego tão desejado e valorizado por muitos professores, que se sujeitavam a todas as exigências da Administração escolar, ainda que não concordassem, deixando-me cada vez menos estimulada a trabalhar.

Após um semestre, veio o pedido de preparação de um musical que, depois de estar escrito, me foi novamente entregue três vezes, com alterações da supervisão, como mudança de músicas consideradas “chatas”, ou figurinos considerados de “alto custo”. Percebi que todo o esforço seria inválido e, mais ainda, se a questão salarial fosse lembrada. Foi então que decidi solicitar meu afastamento da escola, e me dedicar à pesquisa em

questão, a fim de conhecer a realidade de outras escolas particulares e estudar a ocorrência dos problemas enfrentados durante minha prática.

A música está inserida no espaço escolar com múltiplos objetivos. Na educação infantil, muitas vezes esses objetivos limitam-se a funções recreativas ou complementares. Em muitas escolas, a música funciona apenas como um complemento, e exige-se do professor atividades que tenham total ligação com os conteúdos trabalhados pelos outros professores em cada uma das aulas, não dando ao educador musical autonomia para estruturar e obedecer ao seu próprio planejamento. Em outros casos, a música é utilizada apenas em momentos específicos do cotidiano escolar, ou em datas comemorativas, obedecendo a um calendário de atividades determinadas pela direção da escola, e seguido criteriosamente pelos professores, o que dista completamente da proposta do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, onde são colocados os objetivos, as funções e as propostas de atividades relacionadas à música para este seguimento.

Atividade complementar ou disciplina curricular? Complemento à educação ou meio de entretenimento? Que papel a Música tem desempenhado nas escolas de Educação Infantil? Qual a valoração atribuída à Educação Musical dentro do espaço escolar? Quais as dificuldades enfrentadas pelos educadores musicais deste seguimento, e qual tem sido a sua atitude diante delas?

Através destes questionamentos, o presente estudo se propõe a mostrar a realidade da Educação Musical oferecida aos alunos da educação infantil em oito escolas da rede privada de ensino da cidade do Rio de Janeiro, sob o ponto de vista dos professores de música atuantes nestas escolas. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa de campo, realizada em oito escolas particulares da cidade do Rio de Janeiro, durante o 2º semestre de 2009. A educação musical na educação infantil constitui-se como objeto de estudo, no que diz respeito às atividades desenvolvidas, à relação entre a música e as outras disciplinas, à valorização da educação musical e às funções desenvolvidas pela música dentro da escola.

Para tanto, foram realizadas entrevistas com professores de oito escolas particulares do Rio de Janeiro, onde a música está inserida no quadro de disciplinas ou atividades da educação infantil. Participaram da pesquisa oito professores de música; cada um de uma determinada escola. As escolas e os professores não terão seus nomes



divulgados. A entrevista, gravada e transcrita, foi realizada em locais e horários estabelecidos pelos professores, constando de nove questões, relacionadas a seguir:

1. Faça um pequeno panorama das aulas de música nesta escola: (carga horária, periodicidade, espaço, principais atividades)

2. Analisando o seu trabalho e as atividades que você desenvolve, que função você considera ter a música nesta escola?

3. Esta função está de acordo com as suas concepções? Por que?

4. Você costuma fazer planos para suas aulas? Tem autonomia para criá-los e executá-los ou sofre algum tipo de intervenção?

5. Durante as aulas, você conta com o apoio de algum (a) auxiliar ou outro professor?

6. Como é a relação dos outros professores e da direção da escola com as aulas de música?

7. Que fator você considera mais estimulante para o seu trabalho? E qual (is) tem sido sua(s) maior(es) dificuldade(s)? Como você reage a isto?

8. Qual a relação do papel do professor de música e as festas e comemorações escolares? Como acontece?

9. Deseja relatar alguma experiência que considera relevante para a pesquisa?

As respostas a estas questões foram analisadas e comparadas, tendo como suporte de análise a revisão da literatura sobre a importância da presença da música na Educação Infantil, sobre as funções que ela desempenha neste seguimento e sobre as atividades que

devem ser desenvolvidas pelos professores de música. A relevância do estudo consiste em conhecer o campo (opinião dos professores) e contribuir com a área através de uma reflexão sobre para a valorização ou não da música dentro do espaço escolar.

O objetivo do estudo é, por meio da análise e comparação dos dados das entrevistas com professores de música atuantes na educação infantil, conhecer o perfil da educação musical oferecida na educação infantil em oito escolas da rede privada de ensino da cidade do Rio de Janeiro, identificando possíveis problemas enfrentados pelos educadores musicais e incentivando-os a buscar alternativas para amenizá-los.

Foram utilizadas como fontes bibliográficas, monografias apresentadas por alunos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, assim como artigos, teses e dissertações, publicados em sites, anais e revistas da ABEM (Associação Brasileira de Educação Musical), ANPPOM (Associação Nacional de Pesquisas e Pós-graduação em Música) e CAPES (Coordenação de Apoio à Pesquisa no Ensino Superior). Compõem o quadro teórico da pesquisa, autores cujas publicações têm como objeto de estudo a educação musical e a música na educação infantil, como Brito (2003) e Diniz (2005). Também será utilizado o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (BRASIL /MEC /SEF, 1998), documento que serve como base para todas as ações desenvolvidas na educação infantil das escolas brasileiras.

O estudo foi estruturado da seguinte forma: No capítulo 1, são apresentadas as contribuições da música para o processo educacional, mais precisamente para a educação infantil, justificando a sua presença neste seguimento e identificando seus usos e funções. No capítulo 2, o processo de seleção das escolas é relatado, as escolas e os professores selecionados são apresentados, e os dados coletados através das entrevistas são analisados, tendo como suporte o material bibliográfico e os autores que fundamentam a pesquisa. Seguem-se então as considerações finais.

## **CAPÍTULO 1**

### **MÚSICA E EDUCAÇÃO: COMO SE ENTRELAÇAM**

A música se manifesta em todas as fases da vida do ser humano, sob as mais diversas formas. Ainda em fase de gestação, a futura mamãe utiliza a música para se comunicar com seu bebê que, depois de nascido, é acalentado por canções de ninar. Com poucos meses, os bebês já se movimentam ao ouvir qualquer tipo de música, e estes movimentos vão se tornando mais coordenados à medida que eles adquirem um maior controle de seu corpo. Quando maiores, cantam suas músicas favoritas enquanto brincam, ou inventam canções para qualquer coisa. Cantigas e brincadeiras de roda podem ser ouvidas diversas vezes em um ambiente com crianças. Na adolescência, a música tem um importante papel na formação da identidade; o gosto musical é capaz de revelar características importantes da personalidade do adolescente, podendo ou não acompanhá-lo durante todo o seu crescimento.

Podemos dizer que o processo de musicalização dos bebês e crianças começa espontaneamente, de forma intuitiva, por meio do contato com toda a variedade de sons do cotidiano, incluindo aí a presença da música. Nesse sentido, as cantigas de ninar, as canções de roda, as parlendas e todo tipo de jogo musical têm grande importância, pois é por meio de interações que se estabelecem que os bebês desenvolvem um repertório que lhes permitirá comunicar-se pelos sons; os momentos de troca e comunicação sonoro-musical favorecem o desenvolvimento afetivo e cognitivo, bem como a criação de vínculos fortes tanto com os adultos quanto com a música. (BRITO, 2003, p.35).

Em qualquer fase da vida acontece o contato com música, independente do gênero. “É difícil encontrar alguém que não se relacione com a música de um modo ou de outro: escutando, cantando, dançando, tocando um instrumento, em diferentes momentos e por diversas razões”. (BRITO, 2003, p.31).

#### 1.1. Contribuições da Música para o processo educacional

A música acalenta, acalma, ajuda a refletir, inspira, agita, relaxa, discursa e, entre tantas outras funções, desenvolve também um importante papel na educação; estudos que se propõem a identificar as contribuições da música para o processo educacional têm sido cada vez mais freqüentes, mostrando que a sua presença durante este processo contribui para um aprendizado autônomo e criativo, já que a música é rica em experiências, e seu aprendizado auxilia no desenvolvimento de diversas áreas, como física, motora, sensorial, cognitiva e emocional, entre outras.

A música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. (BRASIL /MEC / SEF, vol 3, 1998, p.45).

A música pode contribuir para a formação global do aluno, desenvolvendo a capacidade de se expressar, através de uma linguagem não-verbal, os sentimentos e emoções, a sensibilidade, o intelecto, o corpo e a personalidade. (DEL BEN; HETSCHKE, 2002, p. 52-53).

Ao falar sobre a educação musical, muitos autores conferem a ela um papel recreativo, já que cantar é um hábito agradável, que proporciona prazer à maior parte das pessoas. É comum encontrar estudos que atribuem à música o papel de transformadora do ambiente escolar, ou facilitadora do aprendizado, quando utilizada em pequenas canções para a fixação de conteúdos, não só na educação infantil, mas em outros seguimentos educacionais. Porém, o papel da educação musical não se limita a estas funções, e o estudo da música deve ser valorizado pela escola, como mostra Chiarelli:

(...) a música também pode ser usada como um recurso no aprendizado de diversas disciplinas (...). Mas a música também deve ser estudada como matéria em si, como linguagem artística, forma de expressão e um bem cultural. A escola deve ampliar o conhecimento musical do aluno, oportunizando a convivência com os diferentes gêneros, apresentando novos estilos, proporcionando uma análise reflexiva do que lhe é apresentado, permitindo que o aluno se torne mais crítico. (CHIARELLI, 2005, p. 6).

Com o intuito de reforçar as concepções sobre a importância da música para a formação do ser, um estudo realizado com dezesseis alunos do primeiro ano do Curso de

Iniciação Artística da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (CIART-UFRN) se propôs a “observar ativamente a vivência em um ambiente onde a sensibilização musical ocorria desde os primeiros meses de vida, ou desde a gestação, como essencial na construção da personalidade e como fator relevante na formação do comportamento social do indivíduo”. (OLIVEIRA, 2006, p. 1) Após um longo período de observação, foi possível identificar diferenças entre as crianças que receberam estímulo musical intencional entre zero e dois anos, e as que não receberam, no que diz respeito ao domínio de faculdades como atenção e memória, à recepção musical, à afetividade e à resposta sensorial. Segundo os autores:

(...) a criança com estímulo musical desde a infância desenvolve algumas habilidades e características de maneira mais refinada. (...) a presença da música, desde o nascimento, auxilia processos como concentração e afetividade no desenvolvimento infantil, o que corrobora a visão da Educação Musical como parte da educação básica da criança. (OLIVEIRA, 2006, p.3).

## 1.2. Justificativas para a presença da música na Educação Infantil: usos e funções

Sabendo-se que a música desempenha um importante papel durante todo o processo educacional, justificar a sua presença na educação infantil é reafirmar as suas contribuições, tendo, porém, como foco principal, sua utilização e suas funções dentro das escolas de educação infantil.

A criança é um ser “brincante” e, brincando, faz música, pois assim se relaciona com o mundo que descobre a cada dia. Fazendo música, ela, metaforicamente, “transforma-se em sons”, num permanente exercício: receptiva e curiosa, a criança pesquisa materiais sonoros, “descobre instrumentos”, inventa e imita motivos melódicos e rítmicos e ouve com prazer a música e todos os povos. (BRITO, 2003, p. 35).

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil justifica a presença da música neste seguimento da seguinte forma:

A integração entre os aspectos sensíveis, afetivos, estéticos e cognitivos, assim como a promoção de interação e comunicação social, conferem caráter significativo à linguagem musical. É uma das formas importantes de expressão humana, o que por

si só justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente. (BRASIL /MEC /SEF, vol 3, 1998, p.45).

Os estudos que relacionam a música ao desenvolvimento infantil mostram que suas contribuições para o desenvolvimento da criança acontecem em vários aspectos, como cognitivo, afetivo, social e psicomotor (NOGUEIRA, 2003). No entanto, é importante entender que, inicialmente, a música “é uma linguagem cujo conhecimento se constrói com base em experiências e reflexões orientadas” (BRITO, 2003, p.53). Ou seja, a educação musical na educação infantil, além de rica em experiências, deve ter também objetivos musicais, que serão alcançados durante o processo de construção do conhecimento desta linguagem, paralelamente ao desenvolvimento de outras áreas.

A educação musical (...) deve ser vivenciada como produção, apreciação e reflexão. Deve, também ser considerado o aspecto da integração do trabalho musical com as demais áreas sem, no entanto, que se deixe de lado o exercício das questões especificamente musicais. (DINIZ, 2005, p. 1).

Ao se analisar historicamente a relação entre música e educação infantil, pode-se perceber que a música desempenhou, durante um bom tempo, um papel que esteve longe do que se considera ideal, servindo apenas como “um meio para garantir objetivos considerados adequados à instrução e formação infantis.” (BRITO, 2003, p.51). Ainda hoje, apesar das significativas transformações ocorridas na educação brasileira, e conseqüentemente na educação musical, esta ainda não conquistou o seu espaço dentro de muitas escolas brasileiras, e suas funções não diferem muito daquelas encontradas nos relatos históricos. Sobre esta situação, o RECNEI diz:

A música no contexto da educação infantil vem, ao longo de sua história, atendendo a vários objetivos, alguns dos quais alheios às questões próprias dessa linguagem. Tem sido, em muitos casos, suporte para atender a vários propósitos, como a formação de hábitos, atitudes e comportamentos (...); a realização de comemorações relativas ao calendário de eventos do ano letivo (...); a memorização de conteúdos relativos a números, letras do alfabeto, cores, etc., traduzidos em canções. (BRASIL /MEC /SEF, vol 3, 1998, p.47).

Os desvios de função da música na educação infantil relacionados no RECNEI possuem origens e explicações diversas. O desconhecimento das contribuições da educação

musical para a formação da criança pode ser uma das causas desta dificuldade de inserção da música no contexto educacional. Apesar da grande quantidade de estudos que apontam estas contribuições, da variedade de atividades musicais propostas nos livros de Educação Musical e no RECNEI, e da crescente presença da educação musical nas escolas, ainda pode-se encontrar instituições educacionais que concebem a música apenas como um “agente facilitador da aprendizagem”, ou como uma ferramenta para “alegrar e descontraír o ambiente escolar” ou, ainda, como recurso em datas comemorativas e festas escolares. Seguem trechos de uma pesquisa que exemplifica alguns destes casos:

Quando falamos em musicalização, (...) pensamos em diversão, alegria, prazer... Só coisas boas. Então porque não associar à música ao contexto escolar? Trazer alegria para o cotidiano escolar, levando as crianças a compreenderem a aprendizagem também pode se dar através da maravilhosa combinação melódica e harmônica de sons dentro da sala de aula. (SCOTTINI, 2006, p. 16).

(...) a musicalização serve como uma forte aliada, uma importante ferramenta, para que, nós educadores, possamos transformar a tão entediante educação formal, preconizada pelo sistema escolar, em conteúdos mais alegres, divertidos e, por consequência, mais atrativo para nossos alunos. (NARDELLI, 2000, apud SCOTTINI, 2006, p. 16-17).

O educador poderá trabalhar a música nas áreas da educação: na comunicação, expressão, etc. facilitando a aprendizagem, tornando assim o ensino de forma mais agradável para a criança, fazendo com que a criança fixe determinados assuntos com facilidades, de uma forma agradável. (SCOTTINI, 2006, p. 21).

Portanto, as atividades com a musicalização podem contribuir de maneira significativa para que o indivíduo aprenda na sociedade, aspectos importantes de comportamento, como a gentileza, disciplina, respeito. (NARDELLI, 2000, apud SCOTTINI, 2006, p. 20).

Quanto a esta forma de utilização da música nas escolas, alguns autores, como (BRITO, 2003) e (MOFATTI, 2008), manifestam opinião contrária:

(...) o trabalho com a linguagem musical avança a passos muito lentos rumo a uma transformação conceitual. É comum detectar a existência de certa defasagem entre o trabalho realizado na área de Música e aquele efetivado nas demais áreas do conhecimento. (...) continuamos apenas cantando canções que já vêm prontas, tocando os instrumentos única e exclusivamente de acordo com as indicações prévias do professor, batendo o pulso, o ritmo, etc., quase sempre excluindo a

interação com a linguagem musical, que se dá pela exploração, pela pesquisa e criação, pela ampliação de recursos, respeitando as experiências prévias, a maturidade, a cultura do aluno, seus interesses e sua motivação interna e externa. (BRITO, 2003, p. 52).

Obviamente, o trabalho realizado na área de música reflete problemas que se somam à ausência de profissionais especializados a pouca (ou nenhuma) formação musical dos educadores responsáveis pela educação infantil. (BRITO, 2003, p. 52).

Para a grande maioria das pessoas, incluindo os educadores e educadoras (especializadas ou não), a música era (e é) entendida como “algo pronto”, cabendo a nós a tarefa máxima de interpretá-la. Ensinar música, a partir dessa óptica, significa ensinar a reproduzir e interpretar músicas, desconsiderando a possibilidade de experimentar, improvisar, inventar como ferramenta pedagógica de fundamental importância no processo de construção do conhecimento musical. (BRITO, 2003, p. 52).

embora entendamos que, indiscutivelmente, a música tenha um poder socializador e educativo trazendo inúmeros benefícios às crianças, que não pode ser negligenciado. Porém, para alguns professores, as canções são apenas um meio de auxiliar no aprendizado de outras disciplinas e tarefas, ou simplesmente preencher o tempo, não importando nem mesmo “detalhes” como afinação ou expressividade. (MOFATTI, 2008, p. 13).

Os problemas apresentados mostram um pouco das características do ensino musical das escolas de educação infantil. A fim de identificar a sua ocorrência e a de outros problemas que possam existir neste contexto, foi realizada uma pesquisa de campo em oito escolas da rede privada de ensino do Rio de Janeiro. Nestas escolas, a música se insere no quadro de disciplinas ou atividades da educação infantil. Os professores de música destas escolas foram entrevistados, e suas entrevistas serão analisadas no capítulo a seguir.



## **CAPÍTULO 2**

### **A MÚSICA NA EDUCAÇÃO INFANTIL DAS ESCOLAS DA REDE PRIVADA DE ENSINO DO RIO DE JANEIRO: A VISÃO DOS PROFESSORES**

Propondo-se a conhecer o perfil da educação musical oferecida nas escolas de educação infantil da rede privada de ensino da cidade do Rio de Janeiro, foram selecionadas oito escolas particulares onde a música se insere no quadro de disciplinas ou atividades da educação infantil. Sob a autorização da administração escolar, foram realizadas entrevistas com os professores de música dessas escolas, constando de 9 questões, relacionadas aos objetivos do estudo. As entrevistas, realizadas na escola, em dia e horário marcados pelos professores, foram gravadas e transcritas, e os dados coletados serão analisados neste capítulo, após uma breve apresentação das escolas e dos professores selecionados, que não terão seus nomes divulgados.

#### 2.1. Seleção das escolas

A pesquisa se propôs a entrevistar professores de música de escolas particulares, localizadas em diferentes zonas do Estado do Rio de Janeiro, sendo duas escolas por zona.

A solicitação de autorização para a pesquisa foi feita da seguinte forma: inicialmente, foi realizado o contato por telefone com a escola.; sob a autorização da direção ou da supervisão escolar, foi realizado o contato com o professor de música, e marcada a entrevista. Após a apresentação da documentação, exigida apenas por algumas escolas, a entrevista foi realizada.

Na seleção das escolas, além da procura por algumas escolas conhecidas pela pesquisadora, recorreu-se ao Guia de Escolas do Rio de Janeiro (EDUCACIONAL, 2009). Foram selecionadas as escolas em que a música era citada como atividade da educação infantil, e realizado o contato por telefone com estas escolas. Como não foi possível chegar ao número de escolas inicialmente proposto pela pesquisa, já que algumas escolas não autorizaram a realização da entrevista, recorreu-se à Lista Telefônica RioListas (2003/2004), e a sites da Internet. O contato inicial por telefone foi feito, para saber se a educação

musical estava presente nas atividades da educação infantil e, sendo constatada a sua presença, repetiram-se os procedimentos já citados anteriormente, para a entrada na escola.

## 2.2. Apresentação das escolas e dos professores

O quadro a seguir apresenta dados importantes sobre as oito escolas visitadas para a realização das entrevistas, e também sobre os professores entrevistados. A partir dele, pode-se conhecer melhor as escolas participantes da pesquisa.

Quadro 1. Apresentação das escolas: nome, localização, nível de formação do professor e níveis em que a educação musical está presente

	<b>NOME DA ESCOLA</b>	<b>ZONA E BAIRRO</b>	<b>NÍVEL DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR</b>	<b>POSSUI EDUCAÇÃO MUSICAL NOS OUTROS SEGMENTOS?</b>
<b>1</b>	Escola A	Zona Oeste (Campo Grande)	Licenciatura em Música	Até o 3º ano do Ensino Fundamental
<b>2</b>	Escola B	Zona Oeste (Barra da Tijuca)	Pedagogia / Bacharelado em Piano	Não
<b>3</b>	Escola C	Zona Norte (Méier)	Curso básico de música (Villa-lobos)	Não possui outros segmentos
<b>4</b>	Escola D	Zona Norte (Cachambi)	Técnico em piano / Pedagogia/ Pós-graduação em Musicoterapia	Até o 1º ano do Ensino Fundamental
<b>5</b>	Escola E	Zona Sul (Laranjeiras)	Graduação em Musicoterapia	Sim
<b>6</b>	Escola F	Zona Sul (Ipanema)	Licenciatura em Música	Até o 3ºano do Ensino Fundamental
<b>7</b>	Escola G	Centro	Pedagogia	Até o 5º ano do Ensino Fundamental
<b>8</b>	Escola H	Centro (Santa Teresa)	Licenciatura em Música	Sim

Sobre a localização das escolas, é possível verificar, a partir do quadro 1, que foi possível chegar à intenção inicial da pesquisa, já que foram visitadas duas escolas por zona da cidade do Rio de Janeiro. Além de conhecer escolas com perfis sociais diferentes, o objetivo deste procedimento foi, também, identificar se há diferenças no grau de ocorrência dos problemas pesquisados, entre escolas consideradas de elite, e as que atendem a alunos das classes menos favorecidas.

As escolas A e B, localizadas na Zona Oeste, atendem a públicos diferenciados, com relação ao nível social; localizada em Campo Grande - bairro considerado pobre - a escola A atende principalmente a famílias de classe média e baixa, enquanto a escola B, localizada numa área nobre da cidade, atende a famílias de classe média-alta e alta. Apesar disto, na escola A, a educação musical está presente até o 3º ano do ensino fundamental, o que não acontece na escola B.

Nas escolas da Zona Norte não foram constatadas diferenças relevantes quanto ao perfil das classes atendidas. As escolas estão localizadas em bairros próximos, e a escola D apresenta uma demanda maior de alunos, já que atende a todos os seguimentos do ensino fundamental, o que não acontece na escola C. Porém, na escola D, o ensino de música só está presente até o 1º ano do ensino fundamental.

As escolas E e F, localizadas na Zona Sul, também atendem a públicos semelhantes; localizam-se em áreas nobres da cidade, e recebem não só alunos da educação infantil, como de outros seguimentos. A diferença entre estas duas escolas está na continuidade da educação musical: na escola E, em Laranjeiras, a disciplina continua presente no currículo escolar, até o fim do ensino fundamental. Na escola F, isso só acontece até o 3º ano.

No centro da cidade, as escolas G e H apresentam perfis distintos; a escola G atende principalmente à população de classe média e média-alta, enquanto a escola H atende exclusivamente à classe alta da população. A escola foi definida, pelo próprio professor, como uma escola de elite, que atende à classe média e média-alta. Lá, as aulas de música também fazem parte do currículo durante toda a vida escolar do aluno, ao contrário da escola G, onde a música só é trabalhada até o 5º ano do ensino fundamental.

Nota-se, portanto, que as escolas E, localizada em Laranjeiras, e a escola H, localizada em Santa Tereza, são as únicas a apresentar a continuidade do ensino de música. Este fato vem reforçar a idéia de uma valorização maior da música, em alguns casos, pela

população das áreas mais nobres. A educação musical nestas escolas, além de contínua, é também de boa qualidade, como será mostrado no decorrer do capítulo. Nas séries seguintes à educação infantil, os alunos têm a possibilidade de aprofundar os estudos, e aprender um instrumento musical.

A escola B, apesar da localização, assemelha-se, quanto à continuidade do ensino de música, à escola F, oferecendo a educação musical até o 3º ano do ensino fundamental. As escolas D e B apresentaram a menor ocorrência da presença da música, apesar da localização da escola D. A partir desses dados, percebe-se que, nessas escolas, a música é valorizada apenas durante o início da formação do aluno. Nenhum dos professores comentou sobre a existência de interesse, por parte da escola, de que a educação musical seja inserida no currículo das outras séries, o que demonstra não haver preocupação, por parte da diretoria escolar, em oferecer um ensino de música com qualidade ao aluno.

Observando-se o quadro 1 percebe-se que, de oito professores entrevistados, apenas os das escolas A, F e H são Licenciados em Música; os outros possuem outros tipos de formação musical, ou nenhum tipo. Os professores das escolas B e D possuem nível superior em Pedagogia e formações musicais diferentes: na escola B, além da Pedagogia, o professor possui Bacharelado em Piano; na escola D, o professor fez curso técnico em piano, e Pós-graduação em Musicoterapia. O professor da escola E também é formado em Musicoterapia, porém, em nível de graduação.

Na escola C, o professor possui apenas o curso básico de música, e na escola G, o professor possui apenas o curso de Pedagogia.

Conforme previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a formação superior não é uma exigência aos professores atuantes na educação infantil, sendo aceita a formação em nível médio, na modalidade normal. Isto é apresentado no Artigo 62:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal. (BRASIL/ CONGRESSO NACIONAL, 1996).

Isto faz com que, em algumas escolas, as aulas de música sejam ministradas por professores sem formação específica. Em alguns casos, os professores possuem alguma

ligação com a música, como o curso básico ou técnico, ou apenas executam um instrumento musical; em outros, esta ligação mínima com a música nem chega a existir, e os professores generalistas são considerados capacitados para ministrar a disciplina, já que alguns cursos da modalidade normal, ou cursos superiores de Pedagogia inserem a música no quadro de disciplinas.

Apesar da existência da disciplina nestes currículos, sabe-se que estas aulas, em sua maioria, resumem-se a brincadeiras musicais e músicas infantis para dias e ocasiões especiais, não dando ao normalista ou ao pedagogo a formação necessária para trabalhar a música na escola.

Embora se pretenda que o professor generalista seja responsável por todas as áreas do currículo escolar, a preparação artística, em geral, e a preparação musical, em particular, têm sido abordadas de forma superficial e insuficiente pelos cursos formadores desses profissionais. As artes tendem a ser consideradas como áreas específicas demais para serem assimiladas pelos profissionais generalistas, perpetuando uma série de equívocos e preconceitos em torno dessas áreas na educação em geral.

Os professores generalistas não são matemáticos, mas incluem matemática em sua prática cotidiana; não são cientistas mas abordam as ciências em suas atividades de ensino; não são poetas nem escritores mas são responsáveis por questões da língua portuguesa; mas normalmente não se sentem confiantes para aplicar questões artísticas e musicais por se considerarem desprovidos de talento para tal. (...). Os professores especialistas em música no Brasil, aqueles que frequentaram cursos específicos de licenciatura em música, são considerados por muitos como sendo os profissionais mais adequados para o ensino de música no contexto escolar. No entanto, tais professores raramente são solicitados nos anos iniciais da escolarização, especialmente nos sistemas educacionais públicos. O resultado dessa falta de professores especialistas para essa faixa etária, associado ao despreparo dos professores generalistas para compreenderem e incluírem a música em sua prática escolar, tem contribuído para uma ausência significativa da educação musical nos primeiros anos escolares. (FIGUEIREDO, 2004, p. 2).

Esta carência na formação pode ser suprida quando o professor, ciente de suas limitações, procura se apropriar da linguagem musical e entendê-la, buscando conhecimento em cursos, oficinas ou materiais que lhe ofereçam suporte, ou até mesmo quando decide complementar sua formação com cursos de música, como fizeram os professores das escolas B e D. Quanto à formação básica em música, apresentada pelo professor da Escola C, sabe-se que também é insuficiente, já que o curso básico apenas ensina os conteúdos musicais; o aprofundamento dos conteúdos só acontece durante um

curso técnico ou superior, e a preparação para a sala de aula, numa universidade ou em cursos específicos. Apesar disto, o professor da Escola C, durante toda a entrevista, demonstrou considerar-se preparado para exercer a função.

Integrar a música à educação infantil implica que o professor deva assumir uma postura de disponibilidade em relação a essa linguagem. Considerando-se que a maioria dos professores de educação infantil não tem uma formação específica em música, sugere-se que cada profissional faça um contínuo trabalho pessoal consigo mesmo no sentido de: sensibilizar-se em relação às questões inerentes à música; reconhecer a música como linguagem cujo conhecimento se constrói; entender e respeitar como as crianças se expressam musicalmente em cada fase, para, a partir daí, fornecer os meios necessários (vivências, informações, materiais) ao desenvolvimento de sua capacidade expressiva. (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p. 67).

A seguir, serão analisados os dados coletados nas entrevistas com os professores de música participantes do estudo, tendo como base o referencial teórico da pesquisa, apresentado no capítulo 1.

### 2.3 Um panorama das aulas de música

A primeira questão da entrevista teve por objetivo conhecer as principais características das aulas de música. Por meio das respostas, foi possível coletar informações sobre a carga horária e periodicidade das aulas, sobre o espaço utilizado para as atividades musicais, sobre a quantidade de alunos e turmas e sobre as principais atividades realizadas pelo professor. Estas questões foram consideradas relevantes, já que os fatores citados possuem grande influência sobre o trabalho do professor.

A partir dos dados coletados nessa questão, foi possível elaborar um quadro no qual são expostas as principais características das aulas de música nas escolas visitadas. Todos os dados foram relacionados pelos professores entrevistados.

A partir da análise das informações coletadas nessa e em outras questões, espera-se conhecer o perfil da educação musical na educação infantil das escolas particulares da cidade do Rio de Janeiro, identificando aspectos positivos e/ou negativos presentes nas aulas de música, no que diz respeito à amostra escolhida e sua possível generalização.

Quadro 2. Características das aulas de música nas escolas

<b>Escola/ aulas de música</b>	<b>Carga horária</b>	<b>Periodicidade</b>	<b>Espaço onde acontecem</b>	<b>Número de turmas</b>	<b>Número de alunos por turma</b>	<b>Principais atividades</b>
<b>A</b>	20 a 30min	- Turmas de meio período: uma vez por semana; - Turmas em horário integral (creche): duas vezes por semana	Pátio escolar	Mais de 15	Dado não informado	- jogos musicais que trabalham os parâmetros do som: ritmo, melodia, atenção - trabalho com timbres, utilizando cds - contato com instrumentos musicais diversos - trabalho da coordenação motora
<b>B</b>	40 min	Uma vez por semana	Sala de dança ou parque interno	9	15 a 17	- movimento - percepção auditiva - percepção corporal - percepção sensitiva
<b>C</b>	Dado não informado	Dado não informado	Salas de aula	5	Dado não informado	- movimentação do corpo - audição - concentração - percepção das direções de emissão do som - ritmo - melodia - história da música - escalas musicais - apresentação de instrumentos musicais diversos
<b>D</b>	30 min	Uma vez por semana	Sala múltipla, grande e com um espelho, onde também acontecem aulas de dança e xadrez	16	Maternal: 15 Jardim: 20 Jardim 3:22	- utilização de cds de cantigas infantis - trabalho rítmico com instrumentos de percussão - brincadeiras rítmicas - expressão corporal

<b>E</b>	30 min	Uma vez por semana	Sala de música ou sala de multimeios: biblioteca com espaço de vídeo, de jogos e brinquedos	6	15 a 20 alunos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- contato com o repertório do cancionero infantil e da cultura popular</li> <li>- manuseio e exploração de instrumentos</li> <li>- brinquedos cantados</li> <li>- brinquedos de roda</li> <li>- reconhecimento de melodias executadas com flauta doce</li> <li>- apreensão, tanto da oralidade quanto da compreensão e apreensão da melodia.</li> <li>- elaboração e montagem de apresentações</li> <li>- reprodução rítmica</li> <li>- contação de histórias</li> </ul>
<b>F</b>	30 min	Duas vezes por semana	Sala multiuso ou salas de aula	O professor não se lembrava	Dado não informado	<ul style="list-style-type: none"> <li>- audição de canções ao vivo e reproduzidas por cds</li> <li>- audição de música clássica e popular</li> <li>- aprendizado de cirandas infantis;</li> <li>- movimentação do corpo</li> <li>- A Prática de Villa-Lobos (Guia das Escolas Municipais)</li> <li>- brincadeiras de roda</li> <li>- trabalho com instrumentos de percussão</li> <li>- apresentação de instrumentos musicais, utilizando o livro “A orquestra tintim por tintim”, da UFRGS</li> <li>- danças típicas e folclóricas do Brasil e do mundo</li> </ul>



<b>G</b>	30 min	Uma vez por semana	Não há espaço específico	Dado não informado	18 a 20	<ul style="list-style-type: none"> <li>- movimentação do corpo</li> <li>- artes cênicas</li> <li>- histórias com fantoches</li> <li>- origami</li> <li>- expressão facial</li> <li>- desenho</li> <li>- dança</li> <li>- confecção de instrumentos musicais</li> <li>- histórias cantadas</li> <li>- canções infantis</li> <li>- cirandas e brincadeiras de roda</li> <li>- contato com o folclore brasileiro</li> </ul>
<b>H</b>	45 a 50 min	Duas vezes por semana	Salas de música equipadas com instrumentos, discografia e bibliografia musical infantil	Dado não informado	Máximo de 20 crianças	<ul style="list-style-type: none"> <li>- vivência com a linguagem musical</li> <li>- construção do conhecimento e do gosto musical do aluno</li> <li>- apreciação musical</li> <li>- audição e aprendizado de música popular brasileira</li> <li>- audição de música instrumental, popular e clássica</li> <li>- audição de clássicos infantis</li> <li>- manuseio de instrumentos musicais e objetos sonoros</li> <li>- conscientização da percepção musical e dos parâmetros sonoros</li> <li>- movimentação e expressão corporal</li> <li>- dança livre</li> <li>- danças típicas brasileiras</li> </ul>

### 2.3.1. Carga horária e periodicidade das aulas

A partir da análise do Quadro 2, observa-se que nas escolas onde foi realizada a pesquisa, a carga horária em média destinada às aulas de música é de 30 a 40 minutos semanais, o que é considerado pouco pelo professor da escola B, e razoável, pelo professor da escola E, por razões distintas:

São 40 minutos semanais, que eu particularmente considero pouco, porque o que são 40 minutos pra você desenvolver uma atividade? Quando você começa, já está na hora de terminar, e outra turma já está entrando. (professor da escola B).

Penso que 30 minutos é uma quantidade de tempo razoável, porque a atenção das crianças menores é muito pequena; o problema é que existe a necessidade do deslocamento das crianças, ou do meu deslocamento até o espaço onde elas estejam. (professor da escola E).

O professor da escola A, apesar de ter apenas 20 minutos semanais com os alunos, não manifestou qualquer tipo de opinião quanto à sua hora-aula, assim como os professores das escolas D e F, onde as aulas têm a durabilidade de 30 minutos, sendo duas aulas por semana na escola F, totalizando uma hora de aula semanal. Nas escolas G e H, localizadas na mesma região da cidade, e com características bastante distintas, foi possível notar uma grande divergência de opiniões sobre o assunto: enquanto o professor da escola G sente-se satisfeito com os 30 minutos semanais destinados às suas aulas, o professor da escola H, onde foi encontrada a maior carga horária destinada às aulas de música, considera que a escola ainda não atingiu o ideal:

Geralmente na Educação Infantil, o tempo máximo é de 30 minutos, e já está de bom tamanho pra passar o que eu quero. (professor da escola G).

Eu acho pouco, duas vezes por semana. A nossa escola pretende chegar ao requinte, porque é caro, mas é um grande investimento. (professor da escola H).

Na escola A, situada na zona Oeste, foi encontrada a menor carga horária, enquanto as maiores foram encontradas nas escolas F e H, situadas em bairros nobres da cidade. Nota-se novamente uma valorização maior das atividades culturais pela população das classes mais favorecidas. O professor da escola C não divulgou dados sobre essa questão.

A carga horária das aulas de música, apresentada por algumas escolas é realmente insuficiente para a realização de atividades musicais. Na escola A, por exemplo, o professor dispõe apenas de 20 min para suas aulas. Como foi colocado pelo professor da escola E, a capacidade de concentração das crianças nesta faixa é baixa, porém, o fato não justifica uma aula de música tão pequena, já que, além de baixa, a concentração também é demorada. Se na escola B, o professor afirma que os 40 min de que dispõe são insuficientes para realizar uma atividade, na escola A, o professor precisa administrar muito bem seus 20 min semanais. Esta carga horária tão pequena, apresentada por algumas escolas, mostra que as aulas de música, assim como as de outras artes, são menos importantes, na visão da escola, que as aulas de outras disciplinas. O que acontece em muitas escolas não são aulas de música, e sim, momentos de atividades musicais.

### 2.3.2. Espaço destinado às aulas de música

A necessidade do deslocamento, colocada pelo professor da escola E, foi vista na maior parte das escolas pesquisadas. Das oito escolas visitadas, somente duas possuem um local específico para as aulas de música. Sendo assim, os professores compartilham salas com professores de outras atividades, dão aula em lugares improvisados, ou se deslocam entre uma aula e outra, dirigindo-se até as salas de aula. A escola H foi a única a apresentar um espaço específico para a realização das aulas de música, o que podemos comprovar com o relato do próprio professor:

(...) temos duas salas de música, totalmente preparada para as aulas de música, com materiais adequados, com uma discografia, com uma bibliografia, tudo ligado à música infantil de qualidade. (professor da escola H)

Na escola E, também existe uma sala específica para as aulas de música, porém, esta é utilizada também pelo professor de música dos outros segmentos, implicando no deslocamento do professor entrevistado até uma outra sala:

A sala de música aqui é compartilhada com outro professor, que é o professor das outras séries; ele trabalha no mesmo horário que eu. Então quando ele está lá, eu fico em outra sala, que é uma sala de multimeios: é uma biblioteca, tem um espaço de vídeo, espaço de

corpo, de jogos simbólicos, tem muitos brinquedos. Então é uma sala muito atraente para as crianças. (professor da escola E).

Além da falta de espaço, ocorre também a falta de material. Dos oito professores entrevistados, cinco admitiram precisar levar instrumentos e outros materiais para a escola, para complementar as aulas.

Todos os professores das escolas onde não há uma sala de música colocaram este fator como uma grande dificuldade para o desenvolvimento do trabalho, exceto o professor da escola G que, apesar de deixar clara esta ausência de espaço, não manifestou nenhum tipo de insatisfação:

Vario bastante de espaço: às vezes estou lá atrás, lá na frente; já dei aula até dentro da piscina de bolinhas, e eles curtem muito. (professor da escola G).

O momento relatado pelo professor da escola G assemelha-se mais a um momento de recreação. Em muitas escolas, a aula de música é vista como um período de descontração, onde as crianças abandonam a seriedade dos estudos para se divertir, ao lado de um recreador musical. E como uma atividade recreativa pode ser feita em qualquer lugar, este aspecto é também atribuído às aulas de música, que precisam disputar não só os espaços da escola, mas a atenção dos alunos, muitas vezes atraída por outras pessoas e outros sons, como acontece na escola A.

A necessidade de complementar o suporte de materiais específicos oferecido pela escola soma-se à necessidade de deslocamento do professor, interferindo na sua motivação para o trabalho. Portanto, além da carga horária demasiadamente inferior à das outras disciplinas e além da ausência de espaço, não existe, por parte de muitas escolas, a preocupação com a qualidade das aulas, mostrando novamente a diferença de valores atribuídos à música dentro do ambiente escolar.

### 2.3.3. Quantidade de turmas e alunos atendidos

O número de turmas atendidas por cada professor entrevistado varia bastante, porém, quanto ao número de alunos por turma, verificou-se uma grande semelhança entre as escolas: as turmas possuem de 15 a 20 alunos, sendo a escola D a única a registrar um número maior, tendo

22 alunos no Jardim 3. A quantidade de alunos por turma será ainda comentada na análise da questão 5, onde o professor foi indagado sobre a presença de um outro adulto para apoiá-lo em sala de aula.

#### 2.3.4. Fazer musical

Observando as principais atividades realizadas nas aulas de música, nota-se a variedade de atividades e objetivos, e a dificuldade encontrada pelos professores para obedecer a um planejamento com atividades e objetivos estritamente musicais. Cada professor prioriza um tipo de atividade, valoriza um certo objetivo; é possível notar semelhanças, mas não a existência de um perfil comum a todas as escolas. As atividades encontradas com maior frequência foram:

- Movimentação e expressão corporal, nas escolas B, C, D, G e H;
- Utilização de elementos do folclore e da cultura popular, nas Escolas E, F G e H
- Exploração de instrumentos musicais, nas escolas A, E, F e H;
- Audição de músicas, nas escolas C, F, E e H.

As atividades encontradas com uma frequência um pouco menor, em 3 escolas, foram as seguintes:

- Jogos rítmicos, nas escolas A, D e E;
- Percepção auditiva, nas escolas B, C e H;
- Cantigas infantis, nas escolas D, G e H;
- Brinquedos cantados e cantigas de roda, nas escolas E, F e G;
- Trabalho rítmico com bandinha, nas escolas B, D e F.

O quadro de atividades apresentado pelo professor da escola A é bastante simples, se comparado ao de outras escolas, como o da escola E por exemplo. Percebe-se que o trabalho fundamenta-se basicamente nas atividades rítmicas, como os jogos e os instrumentos percussivos:

Eu faço muitos jogos, porque atrai a atenção deles (...); faço muitos jogos que trabalhem os parâmetros de som. (...) Levo bastante instrumentos para que eles tenham contato, trabalho a coordenação motora. (Professor da Escola A).

Percebe-se também que um dos principais objetivos do professor é trabalhar com os parâmetros sonoros, o que pode ser comprovado com outro trecho de sua entrevista:

Quando eu entrei aqui, as crianças só cantavam com cd, repetindo em cima do cd. Eles não aproveitavam nada dos parâmetros musicais da música, só usavam a letra. (professor da escola B).

Na Escola B as atividades não foram detalhadas, mas observa-se um trabalho intenso sobre o desenvolvimento das percepções da criança, como foi dito pelo professor:

Sempre tem movimento, percepção auditiva, corporal e sensitiva. (professor da escola B).

Os professores das escolas A e B não mencionaram a presença de cantigas infantis ou de um momento onde se faça audição de canções. Esse tipo de trabalho, mais focado nos jogos e nas atividades rítmicas do que na melodia, justifica-se pelas condições em que as aulas de música acontecem nas escolas. Na escola A, o professor possui apenas 20 min com cada turma, para realizar suas atividades. As turmas possuem mais de 15 alunos, e as aulas são realizadas no pátio escolar, por onde passam muitos alunos e professores. As atividades precisam ser muito atraentes, e capazes de concentrar a atenção dos alunos. Atividades como “Escuta sonora e musical” ou “Elaboração e execução de arranjos”, propostas por (BRITO, 2003), não são possíveis de se realizar. Como foi dito pelo próprio professor, é impossível realizar uma atividade de relaxamento, devido à movimentação das pessoas:

Às vezes eu quero fazer um exercício de relaxamento e não dá; passa um pro teatro, um pra natação. (professor da escola A).

As aulas da escola B, quando não acontecem na sala de dança, que não é um local devidamente equipado para a realização de atividades musicais, acontecem no parque da escola, local também de intensa movimentação. Já na escola C, onde as aulas de música são realizadas dentro das salas de aula, há uma variedade maior de atividades, estando presentes, entre outros elementos o ritmo, a melodia, a percepção e a história da música.

Nas escolas onde se trabalha a audição de músicas, verificou-se uma diferença relevante com relação aos estilos musicais apreciados e utilizados pelos professores. Nas escolas D e G a audição limita-se às músicas infantis encontradas em cds específicos; na escola E, os alunos ouvem música popular brasileira e músicas infantis; nas escolas F e H estão presentes a música

infantil, a música popular e a música clássica. Nota-se mais uma vez a valorização de estilos musicais diferentes nas escolas localizadas em áreas mais nobres da cidade.

Elementos da cultura popular são trabalhados nas escolas E, F, G e H, sendo ainda mais enfatizados na escola H:

(...) aqui tem um ponto forte, uma tendência de uma extrema valorização da cultura popular brasileira. (professor da escola H).

Das escolas visitadas, a escola G se apresentou como a mais distante das demais, com relação às atividades: há uma grande variedade de conteúdos trabalhados pelo professor, com objetivos musicais e não musicais. A música é utilizada como pano de fundo para muitas atividades realizadas, como fantoches, dança, desenho, origami e expressão facial. Nota-se através das atividades apresentadas, a utilização da música principalmente como ferramenta. Ocorre uma confusão de conteúdos por parte do professor, e a aula de música acaba perdendo sua identidade. É importante lembrar que, o professor da escola G não possui nenhum tipo de formação musical e, nesta escola, também não existe um espaço específico para as aulas de música. Apesar disto, a escola G foi a única a apresentar a confecção de instrumentos musicais, proposta pelo RECNEI (BRASIL/ MEC/ SEF, 1998) para este segmento, como atividade presente nas aulas de música.

Além de destacar-se pela existência de um espaço específico para as aulas, a escola H destaca-se também pelo caráter de algumas das atividades relacionadas. Esta foi a única escola onde se puderam encontrar atividades com características incomuns às de todas as outras escolas, como se pode comprovar através de falas do professor:

Aqui a aula de música é uma aula de produção, de construção de conhecimento; a criança vai construir o conhecimento musical, a partir da vivência com a linguagem musical. (professor da escola H).

Percebe-se novamente, a extrema valorização da música por parte da população das áreas mais nobres da cidade. O professor da escola H deixou claro este fato, que será reforçado ao longo de sua entrevista.

De acordo com o RECNEI, os conteúdos para o trabalho na área de música na educação infantil “deverão priorizar a possibilidade de desenvolver a comunicação e expressão por meio

dessa linguagem.” (BRASIL /MEC / SEF, vol 3, 1998, p.57). Neste processo, que deve abranger a exploração de materiais e escuta de obras musicais, a vivência da organização dos sons e silêncios em linguagem musical e a reflexão sobre a música (BRASIL /MEC / SEF, vol 3, 1998, p.57), os conteúdos estão organizados em dois blocos: “O fazer musical”, que é “uma forma de comunicação e expressão que acontece por meio da improvisação, da composição e da interpretação.” e a “Apreciação Musical”, que “refere-se à audição e à interação com músicas diversas.”(BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p.57).

Dentro do “Fazer Musical”, segundo o RECNEI:

(...) a improvisação constitui-se numa das formas de atividade criativa. Os jogos de improvisação são ações intencionais que possibilitam o exercício criativo de situações musicais e o desenvolvimento da comunicação por meio dessa linguagem. (BRASIL/ MEC / SEF, vol 3, 1998, p.57).

Apesar disto, em nenhuma escola foi constatada a realização de jogos de improvisação durante as aulas de música.

Quanto às atividades propostas pelo RECNEI para crianças de zero a três anos:

- Exploração, expressão e produção de silêncio e sons com a voz, o corpo, o entorno de materiais sonoros diversos;
- Interpretação de músicas e canções diversas;
- Participação em brincadeiras e jogos cantados e rítmicos;

Pôde-se ver a realização destas atividades na maioria das escolas, principalmente a interpretação de canções e a realização de jogos rítmicos, não constatada apenas na escola G. No que se destina a esta faixa etária, a maior parte dos professores está de acordo com as orientações didáticas propostas, ainda que elas tenham sido citadas apenas pelo professor da escola H. As orientações são as seguintes:

No primeiro ano de vida, a prática musical poderá ocorrer por meio de atividades lúdicas. O professor estará contribuindo para o desenvolvimento da percepção e atenção dos bebês quando canta pra eles; produz sons vocais diversos por meio da imitação de vozes de animais, ruídos, etc., ou sons corporais, como palmas, batidas nas pernas, pés, etc., embala-os e dança com eles. As canções de ninar tradicionais, os brinquedos cantados e rítmicos, as todas e cirandas, os jogos com movimentos, as brincadeiras com palmas e gestos sonoros corporais, assim como outras produções do acervo cultural infantil, podem estar presentes e devem se constituir em conteúdos de trabalho. (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p. 58).



Sobre a importância da presença das cantigas infantis com gestos corporais, é importante que o professor dê ao aluno a possibilidade de se movimentar livremente, não obedecendo a gestos mecânicos, como é proposto no RECNEI, e foi lembrado pelo professor da escola H:

Deve-se cuidar para que os jogos e brinquedos não estimulem a imitação gestual mecânica e estereotipada que, muitas vezes, se apresenta como modelo às crianças. (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p. 59).

A gente nunca deixa de trabalhar na Educação Infantil, que é fundamental, toda a parte da movimentação e expressão corporal. Porque a criança nessa faixa etária é muito sensorial; ela é corporal, e vai construindo a linguagem verbal de acordo com o desenvolvimento dela. Então o corpo acompanha; o corpo é o primeiro grande instrumento que vem nessa projeção natural. Então a criança faz dança livre; tem um momento em que fazemos o que chamamos de gestos ilustrativos orientados, e não estereotipados, porque não precisa disso. A gente sempre aproveita o gesto trazido pela criança (...). (Professor da Escola H).

O canto, proposto também pelo RECNEI, já que “integra melodia, ritmo e – freqüentemente – harmonia, sendo um excelente meio para o desenvolvimento da audição e para o desenvolvimento de habilidades que permitirão à criança, se comunicar através dessa linguagem” (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p. 59), não foi citado pelos professores das escolas A e B. As canções do cancioneiro popular infantil, da música popular brasileira foram citadas pelos professores das escolas E, F, G e H. Na escola D, o professor citou o canto das cantigas infantis, realizado com a utilização de CDs. Na escola C, como a música funciona como complemento e apoio aos outros professores, as canções utilizadas pelo professor resumem-se a musiquinhas infantis que trabalham conteúdos como as cores, os números, os alimentos, e canções especiais para datas comemorativas, como se pode ver através de algumas falas do professor:

(...) a música em si, é um grande apoio pra todas as atividades dentro da escola. Num evento, por exemplo o Dia das mães, a gente vai trabalhar uma música em cima da mãe, ou do avô, do pai, da independência. (professor da escola C).

(...) há a necessidade da música pra essas idades? Há sim, mas apoiando as crianças pras outras matérias: Na matemática, trabalhando a matemática com a música, na linguagem, trabalhando os fonemas com a música. (professor da escola C).

(...) no dia do soldado trabalho músicas que tenham a marchinha, marcha soldado, ou músicas que eu mesmo faço. (...)Dia da alimentação, eu pego uma música que fale sobre os alimentos, sobre as cores dos alimentos. É um trabalho de suporte. (professor da escola C).

O RECNEI diz ainda que, “São importantes as situações nas quais se ofereçam instrumentos musicais e objetos sonoros para que as crianças possam explorá-los, imitar gestos motores que observam, percebendo as possibilidades resultantes.” (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p.59). Este tipo de atividade foi citado por todos os professores, mas percebem-se diferentes formas de utilização destes materiais sonoros:

O professor da escola A utiliza os instrumentos principalmente para o desenvolvimento da coordenação motora dos alunos:

O berçário também tem música, eu levo bastante instrumentos, para eles terem contato, trabalho a coordenação motora. (Professor da Escola A).

Na escola C, o professor se preocupa em desenvolver o controle rítmico das crianças:

(...) eu trago instrumentos, trabalho ritmos, a gente desenvolve o ritmo na criança. Tem criança aqui que não tinha ritmo nenhum pra cantar nem pra bater palma (...). (professor da escola C).

Apesar da importância do controle ritmo para a criança, este não deve ser o principal objetivo do trabalho com os instrumentos musicais, já que, a aquisição desta capacidade acontece gradativamente, durante o desenvolvimento da criança. O importante, no trabalho com os instrumentos musicais na educação infantil, é permitir que a criança conheça e explore o som e suas qualidades, sem necessariamente ajustar-se a padrões rítmicos definidos.

Assim, o que caracteriza a produção musical das crianças nesse estágio é a exploração do som e suas qualidades – que são altura, duração, intensidade e timbre – e não a criação de temas ou melodias definidos precisamente (...). E ainda que possam, em alguns casos, manter um pulso (medida referencial de duração constante), a vivência do ritmo também não se subordina à pulsação e ao compasso (organização do pulso em tempos fortes e fracos) e assim vivenciam o ritmo livre. (BRASIL/ MEC/ SEF, 1998, vol 3, p. 52).

Na escola D, além de trabalhar o ritmo, o professor utiliza os instrumentos para a realização de jogos, e para trabalhar outras questões:

Tem aula que eu trago os instrumentos de percussão da bandinha, aí eu já trabalho ritmo. Às vezes a gente nem canta nada. Faço brincadeira rítmica com um pandeiro: conforme eu bater vocês vão andar, vão correr, se eu bato fraquinho vocês vão andar devagarzinho... então já trabalho forte e fraco. (professor da escola D).

Os professores das escolas B e F realizam o trabalho rítmico com bandinha, e apresentam perfis diferentes neste aspecto. Na escola B, o Professor afirmou que a má qualidade dos instrumentos interfere na sua utilização, e na escola F, o professor expõe a necessidade de complementar os materiais oferecidos pela escola com instrumentos próprios, e faz ainda uma crítica à forma tradicional de trabalho com a bandinha:

Minha bandinha é muito ruim. Já pedi uma de plástico, mas não me deram. Tenho instrumentos que quebram com facilidade, outros com tarraxas pequenas, que uma criança já colocou na boca, e outros podem cortá-las, como o meu tambor que é de aro de aço. (professor da escola B).

Trabalho também percussão. Aqui não é uma escola de música, é uma escola de educação infantil. Numa escola de música tem os instrumentos, aqui não. O que eu posso trazer eu trago, e utilizo alguns instrumentos que a escola tem, como chocalho, agogô, reco-reco, xilofones com as notas. Quando trabalho percussão, trabalho gradativamente: experimentar sem compromisso, depois eles vão acompanhando. Não é aquela bandinha clássica, tradicional, que existia antigamente, onde cada um fazia alguma coisa, mas eles acompanham o ritmo: tentam acompanhar um baião, um samba (...). (professor da escola F).

Nas escolas E, G e H, foram observadas formas de utilização dos instrumentos musicais bastante adequadas às propostas do RECNEI. Os professores, além de realizar jogos rítmicos e atividades com a bandinha, preocupam-se com a exploração sonora dos instrumentos, desde as séries iniciais da educação infantil. Na escola E, o professor dispõe não só de instrumentos adaptados à faixa etária em questão, como de instrumentos musicais convencionais, que ficam dispostos na sala utilizada. Ao contrário do que se poderia esperar, a presença destes instrumentos não interfere negativamente no desenvolvimento das atividades do professor, e sua utilização torna a aula ainda mais musical e atrativa para as crianças:

(...) ao mesmo tempo em que existe um armário pequenininho, com alguns instrumentos voltados pra faixa etária em questão, tem também outros instrumentos, como guitarra, bateria, teclado, timbales, congas, que não são instrumentos adequados a esta faixa etária, mas despertam um interesse muito grande. Então quando estou dando aula lá, tem o momento de explorar, tem um piano; então é um ambiente totalmente musical, que não é

100% adequado à faixa etária, mas que de alguma forma eu tomo um tipo de partido disso. Volta e meia utilizo os instrumentos. Até a bateria eu já utilizei. (professor da escola E).

(...) quando eles não usam os instrumentos da escola, nós confeccionamos, pra eles terem idéia de como é feito, do barulhinho, e fazemos a exposição no final do ano – mas o que eles tocam é a bandinha da escola, porque o que eles fazem fica difícil de ser tocado. Os bebezinhos também manuseiam os instrumentos, até mesmo um apito, e ficam muito felizes. Desde pequeninhos eles já manuseiam os instrumentos musicais. (professor da escola G).

Desde muito pequenos eles têm contato com os instrumentos musicais, com objetos sonoros, e a gente não utiliza aquele objeto sonoro ou aquele instrumento musical estereotipado. Por exemplo o brinquedo do chocalho. A gente compra, a escola adquire um chocalho mesmo, uma maraca de diversos timbres, de madeira, de metal, de bambu, de plástico. O reco-reco, temos de madeira, de metal, e assim por diante, pra que a criança possa ter idéia dos parâmetros sonoros. (professor da escola H).

Quanto à utilização dos instrumentos musicais e da bandinha rítmica, o RECNEI chama atenção para a situação encontrada na escola B, onde a má qualidade dos materiais prejudica o trabalho do professor, e reforça o que foi destacado pelo professor da escola F, sobre ao trabalho mecânico e repetitivo das crianças:

Outra prática corrente tem sido o uso das bandinhas para o desenvolvimento motor, da audição, e do domínio rítmico. Essas bandinhas utilizam instrumentos – pandeirinhos, tamborzinhos, pauzinhos, etc. – muitas vezes confeccionados com material inadequado e conseqüentemente com qualidade sonora deficiente. Isso reforça o aspecto mecânico e a imitação, deixando pouco ou nenhum espaço às atividades de criação ou às questões ligadas a percepção e conhecimento das possibilidades e qualidades expressiva dos sons. (BRASIL/ MEC/ SEF, 1998, vol 3, p. 47).

Com relação ao “Fazer Musical” das crianças de quatro a seis anos, o RECNEI propõe “a reflexão sobre aspectos referentes aos elementos da linguagem musical” (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p. 59), a partir das seguintes atividades:

- Reconhecimento e utilização expressiva, em contextos musicais das diferentes características geradas pelo silêncio e pelos sons: altura, duração, intensidade e timbre;
- Reconhecimento e utilização das variações de velocidade e densidade<sup>1</sup> na organização e realização de algumas produções musicais;
- Participação em jogos e brincadeiras que envolvam a dança e/ ou a improvisação musical;

- Repertório de canções para desenvolver memória musical.

Das atividades propostas, as mais encontradas nas escolas foram: a participação em jogos com dança, e a criação e desenvolvimento do repertório de canções. O reconhecimento das características sonoras foi citado apenas pelo professor da escola A; a exploração das variações de velocidade e densidade não foi citada.

As orientações didáticas do RECNEI dizem que “O fazer musical requer atitudes de concentração e envolvimento com as atividades propostas (...)” e ainda:

Importa que todos os conteúdos sejam trabalhados em situações expressivas e significativas para as crianças, tendo-se o cuidado fundamental de não tomá-los como fins em si mesmos.(...) A simples discriminação auditiva de sons graves ou agudos, curtos ou longos, fracos ou fortes, em situações descontextualizadas do ponto de vista musical, pouco acrescenta à experiência das crianças. (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p. 60).

As orientações citadas se tornam difíceis ao professor da escola A, por exemplo, onde se precisa buscar a concentração das crianças a todo instante. O professor recorre a CDs para trabalhar as características sonoras, correndo o risco de fazer exatamente o que está descrito acima: levar os alunos a uma discriminação descontextualizada musicalmente.

O trabalho com instrumentos musicais também é proposto para esta faixa etária, e foi encontrado em todas as escolas visitadas. Alguns professores trabalham com a bandinha, outros com jogos rítmicos utilizando instrumentos, outros trabalham com o acompanhamento de canções e ritmos executados pelas crianças.

O gesto e o movimento corporal foram encontrados em todas as escolas. Segundo o RECNEI, “a realização musical implica tanto em gesto como em movimento, porque o som é , também, gesto e movimento vibratório, e o corpo traduz em movimento os diferentes sons que percebe.” (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p. 61).

Os jogos de improvisação são mais uma vez propostos pelo RECNEI, para crianças de quatro a seis anos. Somente o professor da escola B citou a realização de um jogo, explorando o som da água. Nas demais escolas, não foi citada a realização desse tipo de jogo, tão importante para o desenvolvimento da criatividade da criança.

Os jogos de improvisação podem, também, ser realizados com materiais variados, como os instrumentos confeccionados pelas crianças, os materiais disponíveis que produzem sons, os sons do corpo, a voz, etc. (...). Deverão ser propostos, também, jogos de

improvisação que estimulem a memória auditiva e musical, assim como a percepção da direção do som no espaço. (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p.62).

O RECNEI propõe ainda, dentro do “Fazer Musical” para crianças de quatro a seis anos, a criação musical e a sonorização de histórias: “O professor pode estimular a criação de pequenas canções, em geral estruturadas, tendo por base a experiência musical que as crianças vêm acumulando. Trabalhar com rimas, por exemplo, é interessante e envolvente.” (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p. 62).

Uma outra atividade interessante é a sonorização de histórias. Para fazê-lo, as crianças precisam organizar de forma expressiva o material sonoro, trabalhando a percepção auditiva, a discriminação e a classificação dos sons (altura, duração, intensidade, timbre). (...) a diversidade de sons presentes na realidade e no imaginário das crianças é atividade que envolve e desperta a atenção, a percepção e a discriminação auditiva. (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p. 62, 63).

Das atividades citadas acima, somente a sonorização de histórias foi encontrada, nas escolas D, E e G. A criação de canções não foi colocada por nenhum dos professores.

Na “Apreciação musical” das crianças de zero a três anos, segundo o RECNEI, devem estar presentes:

- Escuta de obras musicais variadas;
- Participação em situações que integrem músicas, canções e movimentos corporais.

Essas atividades foram encontradas com grande ocorrência em quase todas as escolas, ainda que realizadas de maneiras diferentes. Com relação à escuta, alguns professores utilizam a música popular, outros a música clássica, outros a música infantil. Alguns professores utilizam os três tipos de música, como foi visto nas escolas F e H; já na escola E, o professor não citou a utilização da música clássica, mas afirmou utilizar a música infantil e a música popular. Nas escolas D e G os professores afirmaram utilizar apenas a música infantil que, na maioria das vezes, não oferece uma quantidade de elementos musicais suficiente para a realização de uma atividade. Alguns cds de músicas infantis possuem arranjos repetitivos, e músicas gravadas em tonalidades que ultrapassam a extensão vocal da criança. Além disso, na maioria dessas gravações, são utilizados aparelhos eletrônicos no lugar dos instrumentos musicais, não oferecendo às crianças, a possibilidade de ouvir gravações de boa qualidade.

É importante que a criança tenha contato com músicas de diversos tipos, ritmos e linguagens, e que seu repertório musical não se limite a canções infantis. Como existe também a necessidade de que essas músicas sejam trabalhadas, o professor deve procurar por cds bem produzidos, ou optar por cantar as canções ao vivo, adequando-se à capacidade vocal das crianças.

É aconselhável a organização de um pequeno repertório que, durante algum tempo, deverá ser apresentado para que se estabeleçam relações com o que escutam. Tal repertório pode contar com obras da música erudita, da música popular, do cancionário infantil, da música regional, etc. A música, porém, não deve funcionar como pano de fundo permanente para o desenvolvimento de outras atividades, impedindo que o silêncio seja valorizado. (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p.64).

Há que se tomar cuidado para não limitar o contato das crianças com o repertório dito “infantil” que é, muitas vezes, estereotipado e, não raro, o mais inadequado. As canções infantis veiculadas pela mídia, produzidas pela indústria cultural, pouco enriquecem o conhecimento das crianças. Com arranjos padronizados, geralmente executados por instrumentos eletrônicos, limitam o acesso a um universo musical mais rico e abrangente, que pode incluir uma variedade de gêneros, estilos e ritmos regionais, nacionais e internacionais. (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p.65).

A organização de um repertório só é possível, quando as atividades musicais não têm a intenção única de reforçar conteúdos trabalhados pelos outros professores, como foi colocado pelo professor da escola C. Quando isto ocorre, as crianças têm contato com uma música diferente a cada aula, não tendo tempo de aprender as canções.

A utilização da música como pano de fundo para a realização de outras atividades foi encontrada na escola G, onde o professor trabalha origami, expressão facial e desenho. A confusão com relação aos conteúdos trabalhados já foi comentada, e aqui aparece novamente, mostrando a utilização da música sem o compromisso com o aprendizado musical das crianças.

Para crianças de quatro a seis anos, o RECNEI propõe, dentro da “Apreciação Musical”:

- Escuta de obras musicais de diversos gêneros, estilos, épocas e culturas, da produção musical brasileira e de outros povos e países;
- Reconhecimento de elementos básicos: frases, partes, elementos que se repetem, etc. (a forma);
- Informações sobre as obras ouvidas e sobre seus compositores para iniciar seus conhecimentos sobre a produção musical.

A escuta de obras de diversos gêneros não acontece em todas as escolas, como já foi mostrado. O reconhecimento de elementos que determinam a forma da música – não citado por nenhum dos professores – é uma atividade difícil de ser realizada no contexto de algumas escolas visitadas. Nas escolas onde a carga horária das aulas é pequena, ou onde não há espaço específico para as aulas, como as escolas A, B e D, por exemplo, falar sobre estes elementos exigiria, além da concentração máxima das crianças, uma quantidade de tempo maior.

Informações sobre as obras e os compositores foram citados apenas pelo professor da escola C, que afirmou trabalhar a História da Música, e pelo professor da escola H, que relatou uma experiência relacionada a este tipo de atividade.

Quanto às orientações didáticas colocadas pelo RECNEI para a faixa etária de quatro a seis anos, notou-se uma preocupação por parte do professor da Escola H, em observá-las e segui-las. Ao falar sobre o panorama das aulas de música da escola, o professor deu exemplos de várias das atividades encontradas no RECNEI, e deixou claro que conhece as propostas.

Nessa faixa etária, o trabalho com a audição poderá ser mais detalhado, acompanhando a ampliação da capacidade de atenção e concentração das crianças. A apreciação musical poderá propiciar o enriquecimento e ampliação do conhecimento de diversos aspectos referentes à produção musical: os instrumentos utilizados; tipo de profissionais que atuam e o conjunto que formam (orquestra, banda, etc.); gêneros musicais, estilos, etc. O contato com uma obra musical pode ser complementado com algumas informações relativas ao contexto histórico de sua criação, a época, seu compositor, intérpretes, etc. (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p.65).

É importante oferecer, também, a oportunidade de ouvir música sem texto, não limitando o contato musical da criança com a canção que, apesar de muito importante, não se constitui em única possibilidade. (...). As crianças podem perceber, sentir e ouvir, deixando-se guiar pela sensibilidade, pela imaginação e pela sensação que a música lhe sugere e comunica. (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p.64).

A produção musical de cada região do país é muito rica, de modo que se pode encontrar vasto material para o desenvolvimento do trabalho com as crianças. Nos grandes centros urbanos, a música tradicional popular vem perdendo sua força e cabe aos professores resgatar e aproximar as crianças dos valores musicais de sua cultura. (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p.64).

(...) a gente trabalha basicamente com a apreciação musical, que é toda a parte de repertório e toda a parte de formação do gosto musical pela música; a gente enfatiza demais a música infantil de qualidade, a música popular brasileira, a música instrumental, a música clássica; e sobretudo, aqui tem um ponto forte, uma tendência de uma extrema



valorização da cultura popular brasileira. Então o trabalho fica muito forte nesse aspecto. As crianças desde muito pequenas vão trabalhando com esse conceito, e com essa idéia de brasilidade, das coisas lindas e maravilhosas que existem no nosso país. (Professor da Escola H).

Quando as crianças trazem a música de mídia, nosso procedimento é acolher e tentar contextualizar para a criança. (...). Quando a gente vai trabalhar um conteúdo musical, a gente nunca utiliza essa música que a gente não considera; a gente faz realmente essa avaliação e essa seleção. A gente não utiliza essa música de mídia, que não tenha qualidade pro que a gente quer: trabalhar a escuta; a gente quer que realmente esta criança passe a ter o que Schaffer fala, que é o ouvido pensante. (Professor da Escola H).

Este é um outro aspecto do nosso currículo: a gente trabalha com a idéia, com a conscientização da percepção musical; os parâmetros sonoros: altura, intensidade (...). A gente sempre aproveita o gesto trazido pela criança, mas a gente também passa pra eles os movimentos coreográficos básicos das formações de roda, de pares, de trios, de trenzinhos, de passos. E isso vem muito com a idéia da dança, com as músicas da cultura popular. Então aqui as crianças dançam jongo, coco, maracatu, as crianças conhecem xote, conhecem forró, dançam valsa, afoxé, o bumba-meu-boi, o samba de raiz, o chorinho também. (Professor da Escola H).

E como a gente trabalha a apreciação, e na apreciação a gente trabalha a vida e a obra, a história da música, o fazer musical; essas coisas todas que estão aí nesses currículos, nesses PCNs, RCNs, a gente domina e estuda. Tem que estudar e pesquisar. A sala de música da educação infantil não é simplesmente um divertimento, ela tem que ser prazerosa, tem que socializar aquelas crianças, mas o mais importante é que essa criança se aproprie da linguagem musical, seja pra cantar, seja pra tocar, seja pra dançar, seja pra compor. (Professor da Escola H).

Outra atividade, também proposta pelo RECNEI, e citada apenas pelo professor da escola G, é a confecção de instrumentos musicais pelas crianças. Segundo o RECNEI, a atividade, “além de contribuir para o entendimento de questões elementares referentes à produção do som e suas qualidades, estimula a pesquisa, a imaginação e a capacidade criativa.” (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p. 69). Porém, mesmo sendo realizada com os alunos da escola G, a atividade ainda requer um aprimoramento pois, segundo o professor, os instrumentos confeccionados pelas crianças não são utilizados em sua execução musical. Segundo o RECNEI, “tão importante quanto confeccionar os próprios instrumentos e objetos sonoros é poder fazer música com eles, postura essencial a ser adotada nesse processo.” (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p. 69).

(...) quando eles não usam os instrumentos da escola, nós confeccionamos, pra eles terem idéia de como é feito, do barulhinho, e fazemos a exposição no final do ano – mas o que eles tocam é a bandinha da escola, porque o que eles fazem fica difícil de ser tocado. (professor da escola G).

Das escolas visitadas, as que apresentaram menor variedade de conteúdos e atividades foram as escolas A e B. As escolas que se mostraram mais integradas às propostas do RECNEI, foram as escolas E, F, e H, apesar do documento em questão ter sido citado somente pelo professor da escola H.

Nas escolas D e G, apesar da ocorrência de diversas atividades com objetivos musicais, observa-se uma forte utilização da música como suporte às outras disciplinas. Este aspecto é ainda mais forte na escola G, onde o professor trabalha conteúdos sem objetivo musical algum, como origami e fantoches.

A maior distância entre as propostas do RECNEI e a prática do professor foi encontrada na escola C, onde as atividades realizadas servem como suporte às outras disciplinas e, apesar da presença de algumas atividades musicais, relatadas pelo professor, percebe-se que os conteúdos não são trabalhados a fundo, e os objetivos musicais limitam-se à aquisição do controle rítmico e ao conhecimento de alguns instrumentos, ou ao aprendizado de canções infantis. Como já foi relatado, segundo o próprio professor, a música é uma atividade de incentivo aos alunos e professores da escola.

Constata-se uma defasagem entre o trabalho realizado na área de Música e as demais áreas do conhecimento, evidenciada pela realização de atividades de reprodução e imitação em detrimento de atividades voltadas à criação e à elaboração musical. Nesses contextos, a música é tratada como se fosse um produto pronto, que se aprende a reproduzir, e não uma linguagem cujo conhecimento se constrói. (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p. 47)

#### 2.4 Funções da Música na escola

Tomando por base as atividades relatadas, os docentes foram convidados a identificar a função desenvolvida pela música no ambiente escolar. Pôde-se constatar que a música desempenha papéis diversos durante o processo educacional e, de acordo com os professores, sua função na educação infantil não se restringe apenas à aquisição de habilidades ou ao conhecimento de conteúdos puramente musicais, como mostra o quadro a seguir.

Quadro 3. Funções da música na escola

<b>Escolas</b>	<b>Funções</b>
<b>A</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Atividade de enriquecimento</li> <li>- Desenvolver o raciocínio</li> <li>- Desenvolver a atenção</li> </ul>
<b>B</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Auxiliar no psíquico</li> <li>- Auxiliar na coordenação motora e no desenvolvimento das atividades em sala de aula, com os professores regentes</li> <li>- Auxiliar na integração dos alunos</li> </ul>
<b>C</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Suporte às outras disciplinas</li> <li>- Apoiar o conhecimento das crianças no aprendizado de outros conteúdos</li> <li>- Incentivar a escola e aos outros professores</li> <li>- Ajudar no desenvolvimento da parte fonética</li> <li>- Ajudar na parte psicomotora</li> <li>- Ajudar as crianças no aprendizado das outras matérias</li> <li>- Ferramenta para as festas escolares</li> </ul>
<b>D</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Complementar as outras aulas e disciplinas</li> <li>- Funções diversas</li> </ul>
<b>E</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Contribuir para o projeto de turma</li> <li>- Agregar as atividades escolares, como festas encontros</li> <li>- Eixo central das festas escolares</li> </ul>
<b>F</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fazer com que a criança tenha um gosto musical</li> <li>- Auxiliar no aprendizado de conteúdos das outras matérias</li> <li>- Trabalhar o vocabulário</li> <li>- Função recreativa</li> </ul>
<b>G</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Socialização</li> <li>- Integração do grupo</li> <li>- Desenvolvimento do senso rítmico</li> <li>- Desenvolvimento das percepções</li> <li>- Auxiliar as crianças no aprendizado da leitura e da escrita</li> <li>- Estimular a criatividade, a atenção e a memorização</li> <li>- Levar ao conhecimento do Folclore brasileiro</li> <li>- Estimular a percepção dos fenômenos rítmicos e sonoros</li> </ul>
<b>H</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Levar ao aluno o conhecimento da arte, da cultura e de si próprio</li> <li>- Produzir e construir conhecimento</li> <li>- Trabalhar a escuta e desenvolver o ouvido musical</li> <li>- Conscientização da percepção musical</li> <li>- Trabalhar a movimentação e a expressão corporal</li> <li>- Trabalhar as danças e a cultura popular brasileira</li> <li>- Auxiliar o aluno na aquisição das potencialidades para se colocar no mundo</li> </ul>

Na maior parte das escolas, constatou-se a utilização da música como ferramenta: os objetivos e funções colocados pelos professores mostram que a música, na maioria das escolas

pesquisadas, é uma atividade complementar às outras disciplinas. Apesar de alguns professores afirmarem que a música é vista como uma disciplina independente e valorizada dentro da escola, pode-se perceber que, na maioria delas, os objetivos musicais não estão presentes, ou apresentam-se em minoria.

Na escola A, onde a música é chamada de “Atividade de enriquecimento”, e nas escolas B, C, D e E, percebe-se a utilização da música como complemento: as funções apresentadas pelos professores destas escolas levam a esta constatação. As palavras “auxiliar”, “ajudar”, “incentivar” e “complementar” foram bastante utilizadas. O professor da escola C relatou que a música funciona puramente como suporte; segundo ele, esta deve ser a função da disciplina na educação infantil, já que as crianças não estão na escola para aprender música:

A música para essas idades é um trabalho de apoio à escola, de apoio aos outros professores (...) Aqui não é uma escola de música, então eu sempre digo o seguinte: Há a necessidade da música para essas idades? Há sim, mas apoiando as crianças nas outras matérias (...) eu não estou direcionando a criança a ser músico, porque não sei se esta é a intenção da criança. (professor da escola C).

O argumento apresentado não justifica a inexistência de uma aula de música de qualidade para as crianças. A criança que pode não querer ser músico, é a mesma que poderá vir a ser. Se os objetivos musicais forem trabalhados, a criança poderá, ainda nesta fase, despertar o gosto pela música, e dar continuidade aos estudos, como foi colocado pelo professor da escola F:

Eu como professor daqui, trabalho a educação musical; aproveito as coisas que as professoras trabalham, mas tenho os meus objetivos. Existe um planejamento, onde eu tenho tudo o que trabalho: velocidade, intensidade, as notas, os timbres(...). Existe a educação musical dentro da escola. (...). Tem alunos meus que eu mando para uma escola de música aqui perto; eles já chegam lá com noção de ritmo, sabendo manusear um instrumento. (professor da escola F).

Encontramos também na escola C, a utilização da música como ferramenta de auxílio no aprendizado de outros conteúdos, como também é colocado pelos professores das escolas B, D, F e G. A música assume então a função de ajudar no aprendizado de conteúdos como as letras, os números, as estações do ano, as cores, os alimentos, etc. Esta forma de utilização da música se opõe completamente ao que é proposto pelo RECNEI, pois as propostas apresentadas mostram que, a aula de música da educação infantil, apesar da pouca idade dos alunos, deve trabalhar

questões musicais, com o objetivo de desenvolver no aluno a capacidade de expressar-se através dessa linguagem. Em nenhum momento o RECNEI sugere a utilização da música para o aprendizado de conteúdos, ou como atração em festas escolares, apesar de propor a apresentação e utilização do Folclore durante as aulas. Nas propostas do RECNEI, também não se fala sobre a função recreativa da música, como lhe foi atribuída pelo professor da escola F.

Apesar da ligação existente entre a música e as demais áreas de conhecimento; apesar da quantidade de estímulos que as atividades musicais provocam na criança, como o desenvolvimento de coordenação motora, da lateralidade, da capacidade de comunicação, entre outros; apesar de se saber que a música também pode ser utilizada para o aprendizado de conteúdos não musicais, sua principal função não é contribuir com estes aspectos. Uma aula de música, independente da faixa etária à qual se destina, precisa ter objetivos musicais. A criança, mesmo durante a educação infantil, é capaz de aprender e apropriar-se dos conteúdos e da linguagem musical, se estiverem apropriados à sua capacidade de aprendizado; aprender música “significa integrar experiências que envolvem a vivência, a percepção e a reflexão, encaminhando-as para níveis cada vez mais elaborados.” (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p. 48).

Deve ser considerado o aspecto da integração do trabalho musical às outras áreas, já que, por um lado, a música mantém contato estreito e direto com as demais linguagens expressivas (movimento, expressão cênica, artes visuais etc.), e, por outro, torna possível a realização de projetos integrados. É preciso cuidar, no entanto, para que não se deixe de lado o exercício das questões especificamente musicais. (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p. 49).

O trabalho com música deve considerar, portanto, que ela é um meio de expressão e forma de conhecimento acessível aos bebês e crianças, inclusive aquelas que apresentem necessidades especiais. A linguagem musical é excelente meio para o desenvolvimento da expressão, do equilíbrio, da autoestima e autoconhecimento, além de poderoso meio de integração social. (BRASIL/ MEC/ SEF, vol 3, 1998, p. 49).

Na escola B foram encontradas duas formas de utilização da música, colocadas pelo próprio professor:

Aqui eu acho que hora a música é vista como disciplina, por alguns e, por outros, apenas como um instrumento de auxílio, depende do momento que estamos vivendo. (professor da escola B).

As escolas onde se pode perceber uma maior incidência de funções e objetivos musicais, foram as escolas G e H, porém é importante ressaltar que as funções relatadas pelo professor da escola G foram lidas em um folder sobre educação musical, ou seja, o professor não se baseou nas atividades que desenvolve para identificar as funções da música na escola, apesar de ser esta a proposta da questão. Devido também a isso, a escola que se destacou por suas funções foi a escola H, onde encontramos uma relação de objetivos e funções totalmente musicais, diferenciados dos mesmos apresentados pelas outras escolas, como a produção de conhecimento musical, o desenvolvimento da escuta e do ouvido crítico, e a conscientização da percepção musical. O professor da escola H diz:

Aqui a gente não faz música como normalmente se tem a visão, da aula de música ser uma coisa funcional (...) A gente quer que realmente a criança passe a ter o que Schaffer (1991) fala, que é o ouvido pensante. (professor da escola H).

Como todos os professores entrevistados são professores de música, não foram encontradas funções como as relacionadas por (PENNA, MELLO 2006), Sabe-se que, na ausência do educador musical, as aulas de música ficam sob a responsabilidade dos professores regentes que, na maioria dos casos, utilizam a música somente com funções de suporte, como organizar a rotina escolar, ajudar nas festas ou ensinar conteúdos.

As práticas pedagógicas envolvendo música, observadas nas duas turmas de educação infantil, podem ser assim agrupadas: música (a) acompanhando atividades cotidianas (lanche, oração, recreio); (b) em função do processo de alfabetização; (c) para acalmar e relaxar, através de audição ou canto; (d) na preparação de apresentações para os pais, relacionadas ao calendário de eventos comemorativos. (PENNA, MELLO, 2006, p.2).

A análise do Quadro 3 mostra, então, que apesar da grande quantidade de atividades musicais realizadas pelos professores, grande parte dos objetivos relacionados a elas não possui um caráter musical, e na maioria das escolas visitadas a música ocupa uma função auxiliar, colaborando apenas para a aquisição de potencialidades, para o desenvolvimento de capacidades de ordem física, motora ou cognitiva, e para a socialização e integração das crianças. A escola H foi a única a apresentar uma aula de música onde os objetivos musicais são devidamente trabalhados e valorizados, pois, segundo o professor, a aula de música não tem o objetivo de

ajudar ou complementar o trabalho de outros professores, mesmo que muitas das atividades contribuam para o desenvolvimento de questões não musicais.

A gente nunca deixa de trabalhar na Educação Infantil, que é fundamental, toda a parte da movimentação e expressão corporal. Porque a criança nessa faixa etária é muito sensorial; ela é corporal, e vai construindo a linguagem verbal de acordo com o desenvolvimento dela. Então o corpo acompanha; o corpo é o primeiro grande instrumento que vem nessa projeção natural. (professor da escola H).

A gente entende que a música, sobretudo na educação infantil, é uma linguagem. E por ser uma linguagem, ela tem que entrar como um aprendizado. Aqui a gente não faz música como normalmente se tem a visão, da aula de música ser uma aula funcional. Aqui a aula de música é uma aula de produção, de construção de conhecimento; a criança vai construir o conhecimento musical, a partir da vivência dela com a linguagem musical. Então a gente organiza projetos; a gente trabalha basicamente com a apreciação musical, que é toda a parte de repertório e toda a parte de formação do gosto musical pela música; a gente enfatiza demais a música infantil de qualidade, a música popular brasileira, a música instrumental, a música clássica; e sobretudo, aqui tem um ponto forte, uma tendência de uma extrema valorização da cultura popular brasileira. (professor da escola H).

#### 2.4.1 Funções da música na escola sob a concepção dos professores

Nas escolas particulares, muitas vezes, o trabalho desenvolvido pelo professor não está de acordo com a sua vontade. A obrigatoriedade de adequar-se às normas e solicitações da direção ou da supervisão escolar, obrigam o professor a realizar um trabalho distante do que ele considera ideal. Diante desta hipótese, a pesquisa procurou também, conhecer a relação entre as funções da música apresentadas pelos educadores, e as suas concepções com relação à educação musical.

Em seis das oito escolas, encontramos professores totalmente satisfeitos com relação às funções da música, o que pode ser mostrado com suas falas:

Está de acordo, porque pra mim, música não é só cantar. (professor da escola A).

Apesar disso, na resposta do professor é possível notar uma discordância com relação à concepção da escola:

Então eu acho que a função está de acordo sim; mesmo que a escola não esteja, eu tento na medida do possível, com os recursos que tenho, utilizar o máximo que eu acho certo na educação musical. (professor da escola A).

O professor da escola C diz:

Dentro desta área, está dentro sim. Uma criança que quer ser músico vai procurar uma escola de música, que vai formá-lo músico. (professor da escola C).

Percebe-se, então, que o professor está de acordo com a função recreativa da música considerada pela escola, e com a ausência de objetivos musicais. Sua resposta revela não haver um compromisso com o aprendizado musical dos alunos, que é possível, ainda que em crianças da faixa etária em questão.

Eu acho isso bom. Até por eu já ter trabalhado em turma, acho que ajuda bastante. (professor da escola D).

O professor da escola D possui uma longa experiência como professor regente de turma, anterior à sua atuação como educador musical. Com relação aos professores regentes, o que normalmente se observa é a visão da música como auxílio ao trabalho dos outros professores, sempre atrelada ao trabalho de sala de aula. Através de sua resposta, percebe-se que, apesar de ter assumido as atividades musicais da escola, a visão do professor não mudou. A utilização da música como ferramenta auxiliar ainda é presente na concepção do professor, assim como utilização do espaço das aulas de música para trabalhar conteúdos não musicais:

Quanto às atividades, depende do planejamento de cada semana. Eu trabalho muita coisa. Nesta semana estou trabalhando dedoches, que são os fantoches de dedo, e clássicos infantis. (professor da escola D).

O professor da escola F também manifesta concordar com o trabalho que desenvolve na escola:

A função está de acordo, porque me sinto livre para trabalhar a música na escola. A escola me dá liberdade para preparar uma criança para ingressar em um estudo de música. (professor da escola F).



O professor da escola G afirmou concordar com as funções da música na escola, apesar de parecer não conhecê-las, precisando lê-las em um folder:

Concordo, justamente por causa disso: eu acho que eu tenho a minha parte que as outras não têm. Cada disciplina tem a sua função, e a música tem sua função. (professor da escola G).

O professor da escola E, apesar de afirmar estar de acordo com as funções da música considerada pela escola, expôs algumas particularidades e algumas dificuldades existentes:

Tenho certeza que a música contribui na corporalidade da criança, na percepção da atenção da criança, sob vários aspectos; na questão da formação cultural, da aquisição de um repertório, na questão da oralidade, na questão até do início de um pensamento espacial. Tenho certeza de que estou contribuindo nestes aspectos. Mas existe aqui na escola uma intenção grande de que esta musicalização seja uma coisa duradoura. Depois da educação infantil, os alunos passam para outro professor, que dá todo um desdobramento com prática de conjunto, em que as crianças vão se capacitando para formar uma banda, criar uma prática de violão, guitarra, teclado, bateria(...). Mas a minha prática é mais de sensibilização; meus objetivos existem, mas não são quantificados. Procuro trabalhar dentro das minhas concepções, mas a gente esbarra na questão: como é que uma aula de música vai funcionar com 20 crianças? É uma prática difícil. (professor da escola E).

É possível perceber que, apesar de, na educação infantil, a música ser utilizada principalmente como ferramenta, existe uma valorização da educação musical por parte da escola, o que é comprovado com a continuidade da disciplina nos outros segmentos, e com o tipo de trabalho realizado, onde os alunos têm a oportunidade de continuar os estudos de música, podendo estudar um instrumento musical.

O professor da escola B foi o único a manifestar sua insatisfação quanto à forma como a música é trabalhada na escola:

Tem muita coisa que a gente deveria fazer, mas o pouco tempo que a gente tem em sala de aula não nos permite(...). Eu acho que a música tem que auxiliar sim, mas a música tem programa. Existem coisas que eu preciso fazer. Eles precisam sair daqui no mínimo sabendo bater palma no ritmo da música (...). (professor da escola D).

Durante toda a entrevista, o professor da escola H, mostrou estar plenamente de acordo com a função da música na escola. Portanto, a questão 3 não foi colocada. Em vários momentos esta concordância se destaca através de suas falas:

(...) como a escola realmente valoriza o ensino, nós temos uma sala específica (...), todo ligado à musica infantil de qualidade (...) A música é vital no desenvolvimento do ser humano. Ela vai construir as potencialidades pra esse sujeito se colocar no mundo. E a escola tem que ter espaço pra trazer para o aluno um ensino de música de qualidade. E aqui na escola tem; nós batalhamos por isso, nós construímos e preservamos. Acho que esse é um dos motivos para os pais procurarem a nossa escola: a escola tem um valor enorme, não só com a música, mas com todas as linguagens artísticas. (professor da escola H).

Percebe-se então que, apesar dos objetivos não musicais excederem aos objetivos musicais na maior parte das escolas visitadas, e da utilização da música como ferramenta de auxílio às outras atividades e disciplinas, a maioria dos professores entrevistados não se opõe a este tipo de trabalho, manifestando estar de acordo com as atividades que realizam e com as funções atribuídas à música na escola.

## 2.5 Planejamentos de aulas e atividades e ocorrência de interferências

Além de conhecer as atividades realizadas nas aulas de música, julgou-se importante saber, também, se estas atividades são planejadas pelos professores, e se existe algum tipo de interferência por parte da coordenação ou supervisão escolar sobre este planejamento.

### 2.5.1 Existência de planejamento

Em seis das escolas envolvidas na pesquisa, os professores fazem planejamentos escritos, especificando atividades, conteúdos e objetivos. São elas: Escola A, B, D, F, G e H. Esses planejamentos apresentam características diferentes quanto à forma como são feitos. Alguns são semanais, outros mensais; alguns individuais, outros coletivos; alguns são independentes, outros precisam estar diretamente ligados aos conteúdos trabalhados em sala de aula, pelos outros professores.

Os professores das escolas C e E não falaram sobre a existência de um planejamento escrito; na escola C, como já foi colocado anteriormente pelo professor, a música funciona como apoio às outras matérias. O professor não citou a ocorrência de um planejamento, mas relatou que as atividades estão sempre ligadas ao trabalho dos outros professores, já que funcionam como apoio.

A música em si, é um grande apoio pra todas as atividades dentro da escola. Num evento, por exemplo, o Dia das Mães, a gente vai trabalhar uma música em cima da mãe, ou do avô, do pai, da Independência, ou do dia do Soldado (sic). Então é um trabalho de conhecimento, que ajuda nas outras matérias (...) Aqui não é uma escola de música, então eu sempre digo o seguinte: Há a necessidade da música para essas idades? Há sim, mas apoiando as crianças nas outras matérias: na matemática, trabalhando a matemática com a música; na linguagem, trabalhando os fonemas com a música. (professor da escola C).

Já na escola E, essa falta de uma maior exigência com relação a um planejamento escrito, é vista de forma negativa pelo professor:

Aqui eu tenho um grau de exigência em relação ao planejamento. Trabalho em lugares onde não tenho nenhuma supervisão direta; isso me incomoda. Prefiro quando estou trocando, de que quando não estou. Aqui nós não temos um momento específico de planejamento meu com a coordenação e com os outros professores; esta é uma luta constante minha(...). Não faço planejamento escrito aqui; sinto que contribuo de uma maneira muito informal. É quase aquela conversa de corredor. (professor da escola E).

Os professores das escolas B e G fazem planejamento semanais, porém, como será mostrado mais adiante, a execução destes planejamentos se dá de formas diferentes nas duas escolas.

As escolas que apresentaram um planejamento feito em conjunto foram as escolas D e H. Na escola D, este modelo foi solicitado pela supervisão da rede escolar que, observando o trabalho de outros professores, em outras unidades da mesma escola, perceberam uma grande diferença com relação às aulas, aos objetivos e aos conteúdos trabalhados:

A rede trabalha com a unificação de planejamentos: em todas as unidades, todas as séries têm que trabalhar a mesma coisa em todas as disciplinas. E neste ano descobriram que a música não estava assim (...) Então cada uma traçou um planejamento, com os seus objetivos, e a escola vai decidir o que fazer para unificar, porque nós não conseguimos unificar; cada uma tem, não só um conhecimento, como uma realidade. (professor da escola D).

Como foi dito pelo professor da escola D, o planejamento em conjunto não deu certo, já que as escolas que integram a rede possuem realidades diferentes. Além desta exigência por parte da direção escolar, o professor também afirmou que suas atividades estão sempre ligadas ao trabalho realizado em sala de aula, pelos professores regulares, assemelhando-se à escola C, onde a música funciona apenas como complemento, e não existe planejamento; e à escola G, onde o planejamento é feito semanalmente, com base nas atividades realizadas pelos outros professores:

Eu trabalho junto com a professora. Se ela está trabalhando animais, coloco muita música de animais; se vai falar das flores, coloco música de flores, da primavera; sempre de acordo com o que elas estão fazendo. (professor da escola G).

Apesar da necessidade da ligação entre as aulas de música e as demais aulas, os professores das escolas D e C afirmam ter liberdade para trabalhar. Este aspecto será comentado posteriormente.

Ao contrário do que acontece na escola D, a realização de um planejamento em conjunto é uma proposta fixa e bem aceita na escola H. Existe, na escola, um currículo específico para a disciplina de música, que se dá em todos os segmentos:

Nós trabalhamos numa equipe de artes, no caso da linguagem musical, uma equipe de música. Somos quatro professoras, e realizamos um currículo que vai desde a educação infantil até o ensino médio. (professor da escola H).

Com base neste currículo, os professores de música reúnem-se anualmente para produzir uma proposta de atividades, que serão desdobradas ao longo do ano, de acordo com o planejamento de cada professor. Essas atividades podem estar ligadas ou não, ao projeto a ser trabalhado durante o ano na escola:

Aqui na escola trabalhamos muito com a autonomia, com a idéia de o professor ser o autor do seu planejamento. Faço meu planejamento. (...). Neste ano, por exemplo, estamos trabalhando Astronomia, que é um tema transversal. Todas as disciplinas estão trabalhando astronomia, mas na aula de música isto não é obrigatório. Dependendo do interesse, eu tenho um projeto próprio, já que tenho um currículo elaborado por toda a equipe de música. (professor da escola H).

## 2.5.2 Intervenções da Escola sobre a ação do professor

Após a constatação da existência do planejamento, o objetivo foi saber se a escola concede ao professor, a autonomia necessária para executá-lo, ou para realizar qualquer atividade prevista, ainda que na ausência de um planejamento escrito.

Em sete, de oito escolas visitadas, os professores afirmaram ter total liberdade para executar seu planejamento ou suas atividades. Foi visto, porém, que, em algumas escolas, como nas escolas C, D e G, o planejamento, ou as atividades, estão sempre ligados aos conteúdos trabalhados em sala pelos outros professores, reforçando a idéia da música como suporte às demais disciplinas e atividades. Nas escolas A, B, E, F e H isso não acontece, mas na escolas A, a falta de ligação com as outras aulas não exclui a avaliação do planejamento por parte da supervisão escolar:

Eu faço o planejamento e a coordenadora avalia, mas em termos de conteúdo, sou livre pra trabalhar o que eu quiser. Só corrijo se está dentro do que a escola quer, mas eles não interferem na minha aula. (professor da escola A).

A afirmação do professor sugere algum tipo de interferência, ainda que pequena, já que pode ocorrer uma correção, de acordo com a vontade da coordenação.

Na escola B, segundo o professor, não acontece nenhum tipo de interferência:

Faço planos semanais e não sofro nenhuma intervenção. (professor da escola B).

Na Escola C, onde não foi constatada a existência de um planejamento, o professor não relatou a existência de interferências, mas de um trabalho de ajuda a outros professores:

Eu tenho autonomia. Lógico que às vezes algum professor vai fazer um teatro e pede um apoio, e eu ajudo. (professor da escola C).

Na escola D, cuja rede administrativa propôs a realização de um planejamento em conjunto que, segundo o professor, não foi possível realizar, não foram relatadas intervenções sobre as atividades do professor. Também não há a obrigatoriedade da entrega de relatórios escritos à coordenação:

A coordenação observa, mas nunca tiveram nada a opor. Não interferem. (professor da escola D).

Apesar disso, observou-se que as atividades do professor têm relação direta com as atividades desenvolvidas em sala, pelos professores regentes, porém, o professor não manifestou incômodo algum:

Apesar de estar sempre ligada ao que as professoras estão fazendo, tenho uma grande liberdade pra trabalhar. (professor da escola D).

Esta liberdade, colocada pelos professores das escolas C e D, não se dá em todos os aspectos. Por mais que não ocorram interferências durante as aulas de música, a necessidade da ligação entre o planejamento das aulas de música e o planejamento dos outros professores mostra que o professor de música destas escolas possui autonomia para escolher as atividades, mas não os conteúdos. As aulas de música não possuem então um planejamento específico, e o professor de música precisa estar sempre consciente do trabalho dos demais professores, para então, desenvolver atividades que auxiliem o aluno no aprendizado e na fixação de conteúdos não musicais, como números, letras, cores, estações do ano, datas comemorativas e outros.

Esta falta de autonomia por parte do educador musical, na escolha dos conteúdos a serem trabalhados em suas aulas, também foi encontrada na escola G. Nesta escola, a interferência não acontece apenas no planejamento, mas também nas aulas. Segundo o professor, uma atividade planejada pode não ser realizada, devido à intervenção por parte da supervisão escolar.

Eu faço meu planejamento. Às vezes a supervisora nem olha, ela diz: Eu quero uma coreografia. Então a gente não faz a aula e faz a coreografia. (...). Eu trabalho junto com a professora: se ela está trabalhando animais, coloco uma música sobre animais; se vai falar das flores, coloco uma música de flores, da primavera. Sempre de acordo com o que elas estão fazendo. (professor da escola H).

Na escola E, como já foi citado, não ocorre a realização de um planejamento escrito. Segundo o professor, também não ocorrem interferências por parte da escola sobre o seu trabalho. Mesmo sem esta exigência, o professor procura trabalhar em conjunto com os outros professores, com a intenção de contribuir para o aprendizado das crianças. Além disso, existe a obrigatoriedade da entrega de relatórios semestrais:

Temos relatórios semestrais aqui, que são de grupo. Aí mostramos o que foi feito em cada turma. Existe um interesse em que haja uma troca, e eu procuro sempre fazer, mas não apresento nenhuma proposta escrita, são contribuições informais. Ninguém interfere no que eu estou fazendo. (professor da escola E).

Por mais que não haja interferências no trabalho do professor da escola E, onde foi constatado um bom número de atividades com objetivos musicais, a falta de interesse por parte da supervisão escolar, sobre o trabalho do professor, mostra também que a escola, e não o professor, não atribui a devida importância ao aprendizado musical das crianças, pelo menos durante a educação infantil. Nos outros seguimentos a situação é diferente, já que a escola possui uma sala de aula devidamente equipada, e um outro professor trabalha a educação musical com os alunos maiores, que podem até aprender a executar um instrumento. Como já foi colocado, este é um fato que incomoda ao professor, que diz contribuir de uma maneira informal e, devido à ausência de um momento para que o planejamento seja realizado, procura sempre estar ciente do trabalho dos outros professores, para que as aulas de música possam também servir como um auxílio ao aprendizado dos alunos.

(...) eu venho de uma prática em que procuro estar sempre situado e contribuir para o projeto de turma. Se a turma está trabalhando o circo, que elementos musicais, a contextualização, a questão da música no circo; vou sempre buscando trabalhar dentro dos projetos das turmas. (professor da escola E).

Depois da Educação Infantil, passa pra mão de um outro professor, que dá todo um desdobramento com prática de conjunto, em que as crianças vão se capacitando pra formar uma banda, criar uma prática de violão, guitarra, teclado, bateria. Isto é interessante; a escola tem uma infra-estrutura nesse sentido, com uma coisa mais elaborada. Mas a minha parte é mais de sensibilização; meus objetivos existem, mas não são propriamente quantificados. (professor da escola E).

Aqui nós não temos um momento específico para o planejamento meu com a coordenação ou com os outros professores; esta é uma luta constante minha, porque o tiro sai um pouco pela culatra. Quando você vê, está sempre correndo atrás de uma coisa que já está lá na frente. Isso me incomoda; eu preferia estar participando do momento do planejamento. (...). Existe um interesse em que haja uma troca, e eu procuro sempre fazer, mas não apresento nenhuma proposta escrita, são contribuições informais. (professor da escola E).

Na escola F, o professor afirma ter liberdade para executar as atividades planejadas, apesar dos compromissos relacionados às comemorações escolares:

Quando você trabalha em uma escola, você tem certas funções. Por exemplo, trabalhar o Natal, a Festa Junina, o Dia das Mães. Mas eu tenho liberdade para fazer o que eu quiser. (professor da escola F).

Na escola H, além da liberdade para escolher os conteúdos, com base no currículo específico de música, o professor também tem liberdade para desenvolver quaisquer atividades com as crianças. Constatou-se uma postura diferenciada por parte da supervisão escolar, com relação às outras escolas visitadas. A fala do professor demonstra claramente essa questão:

O trabalho da coordenação aqui é coordenar, ou seja, ela trabalha junto com o professor, vai construindo com a gente(...). A coordenadora saiu de sala de aula, então ela é, antes de tudo, uma educadora. Ela não é nossa patroa. Não fica mandando no que a gente tem que fazer, não fica observando. Até observa mas, sobretudo, compartilha e apóia(...). Ela dá mil sugestões, não fica pedindo nada. A coordenação aqui, assim como o professor, tem autonomia e autoridade, mas não é autoritária. (professor da escola H).

Observa-se que, a interferência por parte da supervisão ou coordenação escolar sobre o planejamento do professor de música ocorre na maioria das escolas visitadas, mas o grau de interferência varia entre elas. As escolas onde se viu que o professor possui total liberdade para escolher os conteúdos e atividades, e para executar seu planejamento foram as escolas B, F e H. Na escola E isto também ocorre, mas o professor discorda da falta de exigência com relação a um planejamento. Nas outras escolas, existe a obrigatoriedade da ligação entre a música e as demais disciplinas, como nas escolas C, D e G; ou a obrigatoriedade de se trabalhar as datas comemorativas, como na escola F, ou a avaliação do planejamento e mudança deste, de acordo com a vontade da supervisão escolar, como na escola A, ou a interferência direta sobre o planejamento do professor, como na escola G.

A obrigatoriedade da ligação entre as aulas de música e as demais atividades ou disciplinas, e a intervenção por parte da supervisão escolar contribuem ainda mais para a constatação de que, em algumas escolas, principalmente nas escolas C e F, a música é considerada como uma atividade complementar, e o valor atribuído a ela ainda é inferior ao atribuído às demais disciplinas ou atividades. Apesar disto, nestas escolas, os professores não manifestaram discordar da atuação da supervisão, nem da maneira como a música é utilizada na escola.



## 2.6 Apoio de auxiliares e outros professores

As escolas de educação infantil atendem, atualmente, crianças na faixa etária compreendida entre 2 e 5 anos de idade, podendo ser encontradas crianças ainda menores, nas escolas denominadas de creche ou creche-escola. Sabe-se que, nesta faixa, a atenção e a concentração das crianças é pequena, ao contrário de sua capacidade de movimentação e de sua curiosidade. Portanto, trabalhar em uma sala com várias crianças, sem o apoio de um professor ou auxiliar, além de uma tarefa difícil, torna-se também bastante perigoso. A ausência de um outro adulto, além de prejudicar o trabalho do professor, causando um desgaste maior, pode provocar acidentes. Este fato também foi considerado importante, e os professores foram interrogados sobre a existência de algum tipo de apoio, durante as aulas de música.

Quadro 4. Acompanhamento durante as aulas de música

<b>Escolas</b>	<b>Tipo de apoio</b>
<b>A</b>	- Professores regentes (generalistas) - Facilitadores, nas turmas de alunos com necessidades especiais - Estagiários, ocasionalmente
<b>B</b>	- Nenhum tipo de apoio, na maioria das vezes
<b>C</b>	- Professor regente (generalista) ou auxiliar
<b>D</b>	- Nenhum tipo de apoio, na maioria das vezes
<b>E</b>	- Dado não informado
<b>F</b>	- Professor regente (generalista) ou auxiliar
<b>G</b>	- Estagiário, ocasionalmente
<b>H</b>	- Professor regente (generalista) - Professor auxiliar - Atendente

A partir da análise do Quadro 4, observa-se que em 3, de 8 escolas visitadas, os professores não contam com nenhum tipo de apoio durante a maioria das aulas. São elas: Escola B, escola D e escola G. Em duas dessas escolas, os professores relataram que, apesar da solicitação da permanência do professor em sala por parte da supervisão escolar, o momento da aula de música é utilizado pelos professores regentes, para cuidar de outras atividades, lanche, ou até mesmo conversar:

Elas aproveitam o momento da aula pra tomar um café, ir ao banheiro ou até pra bater papo. Ou às vezes elas aproveitam pra adiantar algum trabalho. (...). Tanto a direção quanto a supervisão pedem pra que elas fiquem. (professor da escola B).

Como a sala é longe do lugar onde eles estudam, no início do ano a escola sempre pede pra que fique alguém lá, pra levá-los ao banheiro ou pra beber água. Mas quando passam dois meses, as professoras têm sempre muita coisa a fazer, então deixam as crianças lá e aproveitam essa meia hora pra resolver as coisas. (professor da escola D).

A conduta adotada pelos professores regentes de turma em algumas escolas mostra que, apesar do interesse por parte do professor de música, em conhecer o que é trabalhado em sala de aula pelos demais professores, não há, por parte destes, um interesse em conhecer o que é trabalhado durante as aulas de música, tão pouco em auxiliar o educador musical durante suas aulas, que na maioria dos casos acontecem em locais desapropriados, com um grande número de crianças e durante um tempo pequeno para a realização das atividades.

Nas escolas A, C, F e H, os professores contam com o apoio de um ou mais professores e/ou auxiliares. Em duas destas escolas, os professores afirmam exigir a presença de um outro adulto durante as aulas:

Eu acho importante e até exijo a presença de um segundo adulto na sala, porque lidar com filhos dos outros é complicado. (professor da escola C).

Eu me recuso a trabalhar com crianças pequenas sozinho. Faço esta exigência com a coordenação. (professor da escola F).

O professor da escola G, onde não há a presença constante de um outro professor ou auxiliar, mais uma vez não manifesta nenhum tipo de oposição ao fato. Segundo ele, não há problema algum em ficar sozinho com as crianças:

Às vezes eu fico sozinha com eles, e dou conta, porque eles nunca ficam parados; o tempo todo tem música. Sempre estão se movimentando, em nenhum minuto se pára a aula de música pra fazer alguma coisa. (professor da escola G).

É exatamente esta movimentação que se torna perigosa para as crianças, principalmente quando não existem adultos suficientes para observá-los, ou se estão em grande quantidade em uma sala de aula, como normalmente se vê. Quando a escola não possui auxiliares suficientes

para ajudar o professor de música, e ainda assim não exige a presença dos professores regentes durante as aulas, expõe os alunos ao perigo de acidentes, e faz com que o professor utilize parte do pouco tempo de que dispõe, para arrumar e concentrar os alunos.

Se eu fico aqui sozinha, como uma criança vai ao banheiro, se eu não posso levá-la e não posso deixá-la ir sozinha? Já aconteceu de uma criança cair e se machucar, porque eles não param. É uma média de 15 a 17 crianças por sala, e as salas aqui são pequenas, não comportam. (professor da escola B).

## 2.7 Relacionamento entre as aulas de música e os demais docentes

Além das características das aulas de música e dos procedimentos realizados pelos professores e pela supervisão, outro fator de extrema importância é a relação existente entre os demais docentes e as aulas de música na escola, já que esse fator também pode interferir no desdobramento das atividades musicais da escola, na autonomia do professor, na qualidade das aulas e, conseqüentemente, nos resultados obtidos através delas. Os professores foram convidados então, a falar sobre esta relação, e seus relatos serão colocados e analisados a seguir.

Na Escola A, a maioria dos professores respeita o trabalho do professor de música; segundo ele, existem apenas alguns professores que, por assistirem diversas aulas com o mesmo conteúdo, pensam ter adquirido o conhecimento suficiente para dirigir as atividades:

Tem professor que acha que poderia fazer o que você está fazendo (...) A aula não é pra ele, é pra criança. (professor da escola A).

Na Escola B, o professor expôs algumas dificuldades existentes no relacionamento com os outros professores, como mostra seu depoimento a seguir.

As pessoas acham que aula de música é só cantar ou só tocar um instrumento. Perguntam pela bandinha. (...). Perguntam se eu não vou cantar, como se eu tivesse que ficar 40 minutos cantando. (...). Minha supervisão é bastante aberta com isso, mas a maioria das colegas de trabalho não. (...). Aqui acontece muito isto: as pessoas assistem à minha aula em alguns momentos, e questionam o porquê das atividades que eu faço; não conseguem entender o que eu quero passar para eles. (professor da escola B).

Apesar das constantes críticas ao trabalho realizado durante as aulas de música, o professor relata que é, às vezes, solicitado a ajudá-los, trabalhando músicas com conteúdos ligados aos de suas aulas, interferindo no seu planejamento:

Às vezes elas me pedem alguma coisa: estou trabalhando alimentos, você pode trabalhar música de alimentos com eles? Ou meios de transporte. Aí eu fujo do meu planejamento para trabalhar aquilo ali. (professor da escola B).

Na escola F também encontramos comentários de dificuldades, relatadas pelo professor. Segundo ele, a maioria dos professores desconhece a importância da educação musical para a escola e para os alunos, e a coordenação e a direção não se interessam em conhecer o andamento das aulas:

Muitas vezes, na hora das aulas de arte, as professoras vão fazer outra coisa. (...). Não sei se elas têm esta visão da importância da educação musical; sinto que elas não se importam muito. (...). A maioria não vê importância. Acho chato, seria bacana se fosse uma coisa mais integrada. Nestes vinte e poucos anos que trabalho aqui, diretor e coordenador nunca apareceram na aula de música, apesar de eu ter convidado várias vezes. A maioria das pessoas não sabe que a música é fundamental para o desenvolvimento da criança. Inclusive, somos desvalorizados financeiramente. (professor da escola F).

A escola G encerra o grupo das quatro escolas onde foram encontradas dificuldades de relacionamento. Segundo o professor, além da ausência durante as aulas de música, alguns professores referem-se às aulas como um momento recreativo:

Acho que o professor deveria ficar mais na aula de música. Tem escolas em que é obrigatório. Aqui acontece de o professor não valorizar a música; tem professor que diz: - Vai lá brincar com a tia! – E não é uma brincadeira, tem todo um conteúdo pra fazer, todo o meu processo. (professor da escola G).

Apesar dos problemas enfrentados com os outros professores, o professor afirma receber total apoio da direção escolar:

Eu acho que para certas professoras é apenas um complemento, é aquela meia hora pra brincar. Já a direção me apóia. Às vezes peço material pra fazer um desenho, ou outra coisa, a diretora sempre me dá. Supervisão e coordenação me ajudam bastante. (professor da escola G).

Nas escolas C, D, E e H os professores relataram a existência de um bom relacionamento com os demais docentes:

Temos um relacionamento muito bom. Sempre trazem idéias e aceitam as minhas idéias. (Professor da Escola C).

Não tenho problema; os professores gostam muito das atividades. (Professor da Escola D).

Aqui é 100%. Vejo uma aposta muito grande por parte da direção da escola. Eles compram a idéia mesmo. Acho isso muito legal. Os professores também apóiam. (Professor da Escola E).

Minha equipe da Educação Infantil é extremamente integrada e afinada comigo. O trabalho de música aqui não está a serviço de nada, ele tem identidade própria. E essa relação com as professoras vai se construindo a partir de uma grande parceria, tanto na Educação Infantil, quanto no Ensino Fundamental. Não existe essa coisa de: “Ah, ta na hora da aula de música! Eu vou sair pra tomar o meu café.” (Professor da Escola H).

Se algumas escolas exigem que o trabalho do professor de música esteja pautado no trabalho dos demais professores, deveriam também exigir que estes, oferecessem apoio e suporte ao educador musical, para que os objetivos de seu trabalho fossem alcançados. A falta de um bom relacionamento com os demais professores pode ser um fator desestimulante para o professor de música, podendo até interferir no andamento de suas aulas. Na escola B, por exemplo, o professor relatou que precisa saber lidar com as críticas feitas ao seu trabalho, por parte dos demais professores.

Há alguns meses atrás, minha supervisora sentou comigo e disse: “Vou te falar tudo o que algumas das suas colegas pensam sobre o seu trabalho”. Elas haviam dito em uma reunião em que eu não estava presente. Ela me disse tudo e perguntou: “E aí, o que você me diz?” É complicado...Já disseram que eu converso o tempo todo na sala de aula com as crianças, que eu vou toda hora ao banheiro, que eu não canto com as crianças, que eu não uso a bandinha o tempo todo... Então você se pergunta “será que eu estou errando nisso mesmo?” Mas então você se auto-avalia. (...). (professor da escola B).

## 2.8 Estímulos, dificuldades encontradas e reações dos professores

A sala de aula da educação infantil é um lugar que, apesar de obedecer a uma rotina, não é monótono. O trabalho de música para este segmento exige, entre outros elementos,

uma grande disposição do professor, a capacidade de concentrar as crianças, o domínio do tempo, criatividade e flexibilidade. Torna-se, portanto, um trabalho desgastante, principalmente quando o professor precisa lidar com dificuldades vividas fora da sala de aula.

O que causa mais prazer a um professor de música da educação infantil? E que elemento age de forma negativa sobre o seu trabalho? Como ele reage?

Essas questões foram colocadas aos professores entrevistados, pois estes elementos foram considerados importantes no processo de conhecimento do perfil das aulas de música na escola.

Quadro 5. Estímulos e dificuldades vividos pelo professor

<b>Escolas</b>	<b>Maior (s) estímulo(s)</b>	<b>Maior(s) dificuldade(s)</b>	<b>Soluções para as dificuldades</b>
<b>A</b>	Ver uma dificuldade sendo vencida pelos alunos	Ausência de um espaço específico para as aulas de música	Dinamização das aulas, através de jogos e instrumentos, abordando conteúdos diferentes, para prender a atenção dos alunos
<b>B</b>	As crianças	-Falta de suporte por parte dos colegas de trabalho - Falta de uma sala para as aulas de música -Falta de material específico e adequado	- Solicitação do suporte necessário à Direção escolar  - Cobrança de melhores condições de trabalho
<b>C</b>	Trabalhar com crianças	Conseguir concentrar as crianças	Busca da concentração da criança por parte do professor, sem ser exigente, utilizando brincadeiras e palhaçadas para chamar a atenção
<b>D</b>	- As crianças - O caráter flexivo das aulas	- Falta de material adequado - Falta de uma sala para as aulas de música	Pesquisa e compra de materiais adequados e, às vezes, solicitação de compra de algum material à direção da escola.
<b>E</b>	O afeto das crianças	A intensidade com que as aulas de música acontecem: não há intervalos entre as aulas.	O professor procura relaxar um pouco em meio ao ritmo das aulas.
<b>F</b>	Os resultados do trabalho, que se mostram ao longo dos anos	- A visão da música como algo não importante para a escola - A falta de espaço específico - A falta de material adequado	O professor está sempre debatendo, lutando, procurando modificar a visão da escola com relação à música
	A apreciação das	- Crianças sapecas, que	- Estímulo e atenção maior às

<b>G</b>	crianças e sua vontade de cantar	não se comportam - Crianças que têm medo do violão - Crianças que não gostam da aula - Falta de material adequado e em maior quantidade	crianças que não gostam da aula  - Utilização de material próprio do professor
<b>H</b>	O desafio constante da sala de aula	Cumprir com as exigências burocráticas da instituição	Aprender a lidar com os prazos e regras da instituição

### 2.8.1 Fatores de estímulo

Observa-se, a partir do Quadro 5, que a relação com as crianças foi colocada como o elemento mais estimulante pela maioria dos professores. Nas escolas B, C, os professores identificaram apenas as crianças como fator de estímulo. Na escola E, o professor destacou o afeto das crianças:

O mais estimulante é o afeto. (professor da escola E).

Na Escola G, o professor destacou elementos presentes nas crianças:

O mais estimulante é a apreciação das crianças, a vontade que elas têm de cantar.(Professor da Escola G).

Já na Escola D, além das crianças, o professor destaca também o caráter flexivo das aulas de música. Ele diz:

O mais estimulante são as crianças; o que elas passam pra gente é muito legal. Às vezes você está com um conteúdo planejado e o negócio muda ali na hora; e você tem que ter flexibilidade. (...). Se a criança chega contando que foi a um show, ou assistiu a uma peça, eu peço pra que conte para os amigos. Então aquilo muda, e aquela meia hora acaba; eu já não faço aquilo que tinha que fazer (...). Acho esta parte da flexibilidade muito boa. (professor da escola D).

Nas escolas A e F, os professores sentem-se estimulados através dos resultados obtidos com o trabalho:

Me sinto muito satisfeita quando os vejo realizando uma coisa que era difícil. (...) Quando vejo que conseguiram, me sinto realizada. (professor da escola A).

O grande prazer é ver, lá na frente, o resultado do teu trabalho; ver uma criança cantando legal, ou estudando música. (professor da escola F).

O Professor da escola H destacou o desafio da sala de aula como maior estímulo ao seu trabalho:

O mais estimulante é estar em constante desafio. (...). Estou sempre pesquisado, buscando, trazendo novidades, me atualizando; tenho que correr atrás. (professor da escola H).

Observa-se então que as crianças constituem o fator de maior estímulo ao trabalho dos professores entrevistados e, a relação construída entre elas e os professores, e as experiências vividas em sala de aula possuem um grande valor para os professores entrevistados. O trabalho com crianças é realmente bastante estimulante. Participar de seu crescimento e desenvolvimento, contribuir para o seu aprendizado, orientá-los na construção do conhecimento, guiá-los na descoberta de coisas novas, construir uma relação de confiança e afeto são fatores de incentivo não só aos professores de música entrevistados, mas a todos os educadores. Estes fatores podem até, concentrar a atenção do professor nos estímulos, e não das dificuldades, que ainda são muitas, e serão relatadas a seguir.

### 2.8.2 Fatores de influência negativa sobre o trabalho do professor

A maior parte dos professores destacou, dentre as dificuldades enfrentadas na escola, a ausência de um espaço específico para as aulas de música, fator já comentado anteriormente. Em seis, de oito escolas visitadas, este espaço não existe, obrigando o professor a utilizar espaços não apropriados, ou a se deslocar até as salas de aula, o que interfere de forma negativa sobre o trabalho, como podemos ver através dos relatos dos professores.

Aqui a maior dificuldade é o fato de eu não ter uma sala. É muito complicado, por causa da atenção. Às vezes eu quero fazer um exercício de relaxamento e não dá. Passa um para o teatro, outro para a natação. Aqui não tem espaço específico para nenhuma arte, é onde der. (professor da escola A).



Era importantíssimo que tivéssemos uma sala pra isso. Em todas as escolas onde trabalhei até hoje, não tinha sala de música. (professor da escola B).

A dificuldade é que a maioria das escolas em que a gente trabalha não vê a música como uma coisa importante: não tem espaço pra trabalhar. Imagina trabalhar em uma sala cheia de mesas e cadeiras: se quero trabalhar movimento, preciso pedir às crianças que afastem as cadeiras. (professor da escola F).

Outra coisa que me entristece são as escolas que não têm um espaço específico para as aulas de música; (...). (professor da escola G).

Além da ausência de um espaço específico, a falta de material adequado também foi colocada como maior dificuldade enfrentada pelos professores. Encontramos quatro escolas onde o problema foi destacado:

Outro fator que desestimula, que eu acho que você vai encontrar em todas as escolas onde for pesquisar, é a falta de material para trabalhar. (professor da escola B).

A dificuldade ainda é a falta de material. Se há dez anos atrás foi comprado um teclado, e se eu uso instrumentos de percussão, isso está muito bom. O material restante que eu apresento são coisas que eu busco, que eu compro (...). Antes ainda era pior, porque não tínhamos esta sala, então era muito difícil, porque eu ia de sala em sala carregando materiais, teclado, tudo. (...). Mas o material ainda é precário, e a escola não dá muito valor a esta necessidade. (professor da escola D).

Em outras escolas, não tem DVD, não tem televisão, então não dá pra passar um vídeo. (professor da escola F).

Em um momento anterior, o professor já havia comentado sobre a falta de material específico para as aulas:

Aqui não é uma escola de música, é uma escola de educação infantil. Numa escola de música é outro papo: tem instrumentos, aqui não. Aqui tem alguns. O que eu posso trazer eu trago, e utilizo alguns que a escola tem. (professor da escola F).

Tem coisas que a escola não tem para oferecer, e eu, às vezes, não tenho material. Trago tudo que eu posso, mas nem sempre é suficiente. (professor da escola G).

É importante lembrar que, mesmo não destacando o fator como dificuldade, o professor da Escola A também utiliza materiais próprios durante as aulas, já que a escola possui apenas um teclado:

A escola tem um teclado, e eu trago outros instrumentos para que eles manuseiem. (professor da escola A).

A necessidade de complementar o material oferecidos pela escola com recursos próprios reforça o que vem sendo constatado neste capítulo: a maior parte das escolas ainda não atribui à música o valor que ela tem para a formação da criança. Se a escola oferece aos professores regentes o suporte necessário para o trabalho em sala de aula, porque não oferecê-lo também aos professores de música? Esta preocupação com a qualidade das aulas de música nem sempre existe, e os professores precisam então levar instrumentos musicais ou outros materiais para a escola, para atrair a atenção das crianças e realizar as atividades planejadas.

Além da falta de espaço adequado e de material específico, o professor da escola B destacou também, a falta de apoio por parte dos outros professores:

Quanto à dificuldade, às vezes me falta um pouco de suporte, mas é por parte das minhas colegas. (professor da escola B).

Nesta escola, pode-se ver que o apoio por parte dos demais professores realmente não acontece, e como já foi citado, o trabalho do professor de música chega a ser criticado pelos demais professores. Observa-se, porém, que alguns professores solicitam a ajuda do professor de música para trabalhar alguns conteúdos e que esta ajuda não é negada. Portanto, assim como o trabalho do professor de música pode, em alguns casos, ser respaldado pelo trabalho dos demais professores, o trabalho destes em sala de aula, pode também ser complementado pelo trabalho do professor de música, sendo imprescindível para isto, que haja um bom relacionamento entre os professores regentes, a administração escolar e o professor de música.

Observa-se um fato interessante: nas escolas C e G, apesar de algumas das atividades trabalhadas estarem de acordo com as propostas do RECNEI, os professores deixam claro que a música funciona como complemento, e seu trabalho não possui objetivos musicais. Na escola G, como já foi dito, a supervisão escolar chega a interferir diretamente nas atividades planejadas para as aulas de música. Apesar disto, os professores destas escolas manifestaram estar plenamente de acordo com este tipo de visão da escola com relação à música e, quando

perguntados sobre as dificuldades vividas na escola, relataram dificuldades referentes às crianças. Somente o professor da escola G falou sobre a ausência de espaço e de material, mas não demonstrou se incomodar com a interferência da supervisão. Ou seja, apesar da pequena carga horária destinada às aulas de música; e apesar da distância entre as funções da música encontradas nestas escolas e as propostas pelo RECNEI; apesar da ausência de um espaço específico e de material apropriado, relacionada como fator de interferência negativa por todos os professores das escolas onde o mesmo acontece, e não citada como dificuldade pelo professor da escola C; e apesar da intervenção sobre o planejamento das atividades, não citado como dificuldade pelo professor da escola G, os professores mostram-se satisfeitos e de acordo com esta realidade. As dificuldades relatadas pelo professor da escola C limita-se apenas ao comportamento das crianças:

A maior dificuldade é conseguir concentrar. (professor da escola C).

O professor da escola G falou sobre a ausência de espaço e de material, mas sua maior dificuldade também está relacionada ao comportamento das crianças:

A maior dificuldade são aquelas crianças sapecas, que não estão nem aí, ou quando as crianças têm medo do violão e choram, fico muito triste.(professor da escola G).

Nas escolas E e H, as dificuldades relatadas não se referem às aulas ou à escola, mas aos próprios professores:

A maior dificuldade é essa coisa intensa que é a aula de música na escola. É difícil tomar um fôlego durante o dia. (professor da escola E).

A fala do professor da escola E sugere não haver um intervalo entre as suas aulas na escola. Este intervalo é importantíssimo, já que o trabalho do professor de música é mental, corporal, auditivo e principalmente vocal, sendo um trabalho muito desgastante, principalmente na educação infantil, e ainda mais cansativo quando o professor não conta com a ajuda de auxiliares ou de outros professores durante as aulas.

Como na escola H observa-se que: as aulas possuem um espaço específico, com materiais adequados, com uma carga horária superior à das demais escolas; o professor tem liberdade para

planejar suas aulas e executar o seu planejamento sem nenhum tipo de interferência; os demais professores apóiam seu trabalho e as atividades realizadas estão baseadas nas propostas do RECNEI, a dificuldade relatada pelo professor se refere é uma particularidade sua:

Minha maior dificuldade é quando sou exigida, na instituição, em cumprir com as coisas burocráticas. É uma característica pessoal minha. (professor da escola H).

Além destes fatores, a questão salarial, lembrada apenas pelo professor da escola F, também acontece:

A maioria das pessoas não sabe que a música é fundamental para a educação da criança. Inclusive, somos desvalorizados financeiramente. (professor da escola F).

Quanto à ausência de um espaço específico e de materiais apropriados, muito citados pelos professores durante toda a entrevista, percebe-se que é um fator comum à maioria das escolas. Este fato, somado a outros já citados, como a interferência da supervisão escolar no trabalho do professor de música, mostra que na maioria das escolas, apesar de fazer parte do quadro de disciplinas ou atividades, a música não assumiu o seu papel. Não existe a idéia da música como disciplina, por mais que muitos professores insistam em afirmar o contrário. A música faz parte do quadro de atividades, já que esta é uma exigência proposta em Lei, mas não é devidamente valorizada, já que não existe, por parte de algumas escolas, a preocupação com a qualidade das aulas de música oferecidas aos alunos: não existe um espaço específico para as aulas e a aquisição de materiais apropriados está sempre em segundo plano; o deslocamento do professor acontece sem um intervalo entre as aulas; o desgaste é grande e o salário do professor é baixo; a quantidade de alunos é grande e o tempo de aula é insuficiente; o professor de música não tem autonomia para planejar suas aulas e, em alguns casos, não recebe o apoio dos demais professores e da supervisão; os professores regentes não acompanham o trabalho do professor de música, mesmo que ele tenha que conhecer e seguir o planejamento dos demais.

Todos esses fatores transformam o trabalho do educador musical em uma constante luta dentro da escola. O professor deve estar consciente de que o papel da música na formação da criança não é apenas ajudá-la na aquisição de conteúdos, mas sim, servir como uma linguagem, como uma forma de comunicação e expressão.

### 2.8.3 Reação dos professores às dificuldades relatadas

Quando perguntados sobre a forma como reagem às dificuldades vividas na escola, alguns professores ficaram pensativos. Reagir, em uma escola particular, pode significar o afastamento da instituição. Percebe-se, observando o quadro 5, que alguns professores vivem em constante luta dentro da escola, a fim de obter meios para oferecer uma aula de música de qualidade aos alunos. Porém, nem sempre obtém êxito.

Quanto à ausência de espaço e de material, os professores dizem:

Eu reajo tentando fazer jogos, fazendo várias aulas diferentes. (...). Também ouço o que eles gostam de fazer, peço sugestões deles, aí eles participam mais. (professor da escola A).

Eu trago muita coisa, ainda bem que tenho carro. Chego a pedir algumas coisas, mas também vejo a necessidade em outras áreas. Acabo ficando calada, porque às vezes, de tanto falar, você acaba ficando chato, e não vão resolver o teu problema. (professor da escola D).

Trago tudo que posso, mas nem sempre é suficiente. (professor da escola G).

A reação dos professores das escolas A, D e G limita-se à utilização de materiais próprios, para complementar as aulas. Esta é a melhor alternativa encontrada, já que a escola não oferece suporte, e as necessidades da aula de música estão, na maioria das vezes, em segundo plano. Comprar brinquedos, outros materiais didáticos, reformar a escola, cuidar do parquinho, ornamentar as salas, organizar grandes festas, são necessidades urgentes, já que a escola precisa ser atrativa para as crianças e para os pais. Para a aula de música, um violão pode ser suficiente, já que o principal é trabalhar o canto. Ou um aparelho de som e cds infantis suprem a necessidade do professor, que poderá trabalhar durante todo o ano as musiquinhas infantis com movimentos corporais. Instrumentos de bandinha, independente da qualidade sonora, também podem ser suficientes, já que o importante é ter o que mostrar aos pais. Este é o pensamento de muitas instituições, que se recusam a adquirir materiais de qualidade, e que, muitas vezes, se aproveitam da disponibilidade do professor em levá-los para as aulas, adiando cada vez mais a compra de instrumentos e outros materiais. Se as aulas de música estão funcionando nas circunstâncias em que acontecem, não existe a necessidade de melhorar sua qualidade.

Além destes fatores, a instabilidade profissional em que vive a maioria dos professores das escolas particulares impossibilita uma atitude mais incisiva do professor, na hora de fazer suas exigências. O professor da escola B falou sobre isto, afirmando que muitas vezes não reage, devido ao perigo de ser desligado da instituição:

Eu reajo pedindo, mas não posso ter muita reação, porque posso perder o emprego. Tem horas em que não posso reagir da maneira como gostaria. (professor da escola B).

O professor da escola F, por trabalhar a muito tempo na escola, afirma que seu trabalho é uma luta constante pela educação musical de qualidade:

Eu procuro discutir, procuro bater de frente, colocar aquilo. A reação é sempre lutar. (professor da escola F).

Os professores das escolas C e F afirmam que procuram dinamizar as aulas, estimulando a participação dos alunos:

Nem toda criança gosta de música, então você tem que fazer palhaçada. (...). Vou buscando a concentração da criança, fazendo com que ela me observe, que perceba o que eu quero fazer, enganando a criança numa brincadeira. (professor da escola C).

A fala do professor, assim como outras já citadas, demonstram o caráter recreativo das aulas de música. Já foi constatado que na escola C, a música possui um papel complementar. O próprio professor afirma que não se deve trabalhar a música a fundo, porque nem todas as crianças gostam de música ou querem ser músicos. Sabe-se porém que, o gosto e o aprendizado musical podem e devem ser explorados nesta fase da vida, onde a criança já é capaz de aprender. Além disto, como já foi dito, oferecer à criança uma educação musical de qualidade é importante, independente da profissão que ela venha a exercer. Na escola G, onde o trabalho realizado assemelha-se ao do professor da escola C, o professor diz:

Tento estimular sempre: coloco pra cantar, dou o microfone. (professor da escola G).

Nas escolas E e H, os professores procuram se adequar à situação colocada como dificuldade. Na escola E, onde o professor encontra dificuldades devido ao ritmo intenso das aulas, a reação é tentar relaxar:

Eu reajo procurando relaxar um pouco dentro de tudo isso. (professor da escola E).

Na escola H, onde a maior dificuldade é a adequação, por parte do professor, às exigências escolares, a solução é tentar se ajustar:

(...) quando você está dentro de uma instituição, em que aprender a lidar com este continente: com os prazos, com as regras, essas coisas. (professor da escola H).

Observa-se então que nas escolas onde os problemas são maiores e mais frequentes, como a falta de espaço e de material adequado, os professores acabam levando seus materiais para a escola, já que pedir nem sempre é a atitude mais apropriada. Trabalhar em uma escola particular requer do professor de música o cuidado com as exigências da instituição, com o cumprimento destas exigências, com a relação construída com a administração escolar e com os demais professores, com os prazos e normas da Instituição, com as crianças e, principalmente, com um bom resultado do trabalho, mesmo que os recursos disponíveis não sejam suficientes e, na impossibilidade de lutar por eles, o professor precise utilizar recursos próprios, ou adequar suas atividades aos materiais disponibilizados pela escola.

## 2.9 Atuação do professor de música nas festas e comemorações escolares

As festas e comemorações presentes no calendário escolar são eventos importantíssimos nas escolas de educação infantil. É momento onde a família visita a escola, onde os alunos se confraternizam, onde homenagens são feitas, e onde experiências importantes para o desenvolvimento e a socialização da criança acontecem, sendo registradas e apreciadas com orgulho pelos familiares. Nestes momentos, torna-se indispensável a presença da música que, as vezes, funciona como principal atração.

Diante dessa importância da música para as festas e comemorações escolares, muitas escolas atribuem ao professor de música a responsabilidade por esses eventos; sua presença na

escola durante essas ocasiões é cobrada pela direção escolar, e suas atividades são interrompidas por ensaios, que passam a fazer parte da rotina das aulas de música, anulando os conteúdos do planejamento feito pelo professor de música.

O Quadro 6, a seguir, foi feito com base na relação entre o papel do professor de música e as festas e comemorações escolares. Procurou-se saber, nas escolas pesquisadas: quais as principais festas que compõem o calendário escolar, quem é o responsável pela organização destas festas, e como o trabalho do professor de música está inserido nelas.

Quadro 6. Relação do professor de música com as festas e comemorações escolares

<b>Escolas</b>	<b>Festas / Comemorações</b>	<b>Relação e papel do professor</b>
<b>A</b>	- Festas típicas - Comemorações - Culminâncias dos Projetos Escolares	Escolhe as músicas que serão cantadas pelas crianças, mas conta com a ajuda das professoras e da coordenação. Não é responsável pela organização das festas, mas participa de todas elas.
<b>B</b>	- Dia das mães - Dia dos pais -Chá da Vovó - Festa Junina - Musical infantil	Está sempre presente; é responsável pelas comemorações e pelo musical, que acontece no fim do ano. A Festa junina é de responsabilidade dos outros professores, mas ele sempre está envolvido.
<b>C</b>	- Dia das mães - Dia dos pais - Dia do soldado - Dia do músico - Dia da alimentação - Outras festas	A música funciona como suporte para todas as festas e comemorações: o professor canta músicas referentes às festas com as crianças, como “Marcha soldado” e músicas sobre os alimentos.
<b>D</b>	- Datas comemorativas - Formatura	O professor está em todas as festas, mas não é responsável por nenhuma delas, e não utiliza as suas aulas para nenhum tipo de ensaio com as crianças.
<b>E</b>	- Apresentações cantadas das crianças - Festa Junina - Atividades lúdicas - Brincadeiras - Recreações - Várias festas	A aula de música assume a dianteira das festas
<b>F</b>	- Natal - Festa Junina - Dia das Mães - Dia dos Pais - Várias festas	O professor faz quase todas as festas, mediante um acordo estabelecido com a direção, que prevê a realização das festas durante o seu horário de trabalho.
<b>G</b>	- Festa Junina - Encerramento do ano	O professor tem participação direta em todas as festas: faz coreografias, escolhe o figurino, o



	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Dia das Mães</li> <li>- Dia dos Pais</li> <li>- Dia da Vovó</li> <li>- Formatura</li> </ul>	<p>cenário e as músicas.</p> <p>A festa de fim de ano é de responsabilidade do professor.</p> <p>Nas comemorações, o professor ensaia músicas com as crianças.</p> <p>Também está envolvido na formatura</p> <p>Também ajuda o Fundamental</p>
<b>H</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Feira literária</li> <li>- Feira cultural</li> <li>- Festa Junina</li> <li>- Semana da criança</li> <li>- Feira do conhecimento</li> </ul>	<p>O professor participa de todas as festas, em conjunto com os outros professores.</p>

A partir da análise do Quadro 6, observa-se que as festas e comemorações são eventos sempre presentes no calendário escolar. A única escola a qual não acontecem comemorações comuns à maioria das escolas, como Dia das Mães, Dia dos Pais ou Dia da Árvore, é a escola H; a escola realiza três grandes festas: a Feira Literária, no início do ano; a Festa Cultural, onde acontece a Festa Junina, no meio do ano; e a Feira do Conhecimento, realizada ao fim do ano. O Dia das Crianças é comemorado com uma semana diferente e, ao invés da formatura, a passagem do ciclo é comemorada com um evento de encerramento. Todos esses momentos foram detalhados pelo professor:

Temos dois momentos fundamentais na escola: o momento do meio do ano, que é a nossa festa cultural, onde temos a festa junina,(...). O mesmo se dá na feira do conhecimento, que é no fim do ano. E logo no início do ano nós temos a feira literária.(...). No dia das crianças a gente faz uma semana das crianças. É uma semana diferente da nossa rotina: trazemos filmes do festival de cinema; fazemos um dia só de jogos e brinquedos; um dia só de fantasias; um dia só de danceteria. (...). No final do ano fazemos um encerramento de ciclo de escolaridade. (...). Com o grupo 5, fazemos especialmente um evento de encerramento. Este momento engloba um momento de recordação: ou a gente faz um DVD com os melhores momentos da turma, ou eles fazem uma poesia, ou eles criam uma composição, ou fazemos uma camiseta temática. (professor da escola H).

Sobre a ausência das datas comemorativas, o professor diz:

As outras comemorações nós não fazemos: dia das mães, dia do índio, dia dos pais, e outras. A gente não tem este entendimento. Pra nós, a mãe é mãe o ano inteiro; o pai, a mesma coisa. (...). Essas coisas marcantes a gente considera, mas dia de índio, dia de soldado, dia da árvore, dia do livro, a gente não faz. Ensinamos os hinos como cidadania, mas Dia da Bandeira não existe. (professor da escola H).

Mesmo com a pequena quantidade de eventos comemorativos na escola, percebe-se que a presença do professor de música é comum em todos eles, não só para auxiliar, mas também para participar ativamente.

Neste ano, a feira do conhecimento vai mostrar o que cada turma produziu relacionada a esse tema. Na aula de música, se eu não estiver ligada ao tema, vou fazer em algum momento, com as famílias e com os pais, algum momento musical que nos agregue. (professor da escola H).

O professor também falou sobre sua participação no dia das crianças. Nota-se que ele tem o mesmo grau de participação que os demais professores:

Nós professores, preparamos um teatro surpresa, e englobamos os funcionários da escola (...).(professor da escola H).

Sua participação também é percebida, quando fala sobre o evento de encerramento:

Fazemos um agradecimento, um lanche coletivo, um agradecimento às famílias. (professor da escola H).

Em todas as outras escolas, foi constatada a presença do professor de música durante as festas escolares; o que diferencia esta participação é a responsabilidade atribuída ao professor e a forma como a música é utilizada durante estes eventos.

Na escola H, como já foi colocado, o professor não é o responsável pelas festas, mas participa de todas elas, juntamente com os demais professores. O mesmo acontece na escola A, onde o professor diz:

Eu participo das festas, mas não escolho as músicas sozinha. Tem a coordenadoria e os professores da turma, que também podem opinar. Eu não sou responsável por organizar a festa(...). Mas eu estou em todas as festas. (professor da escola A).

Na escola C, a música funciona como pano de fundo para as comemorações. Ocorre não só a presença, mas a participação direta da música.

Por exemplo, no dia do soldado, trabalho músicas que tenham a marchinha, como Marcha Soldado, ou músicas que eu mesmo faço. No dia do músico a gente faz exposições, confecção de instrumentos com sucata. No dia da alimentação, eu pego uma música que

fale sobre os alimentos, sobre as cores dos alimentos. É um trabalho de suporte. (professor da escola C).

Nas escolas B, E, F e G, o professor de música é o responsável pelas festas, ou por parte delas. Vejamos os relatos a seguir.

Estou sempre presente nas atividades culturais que eles fazem. (...). As principais são: o dia dos pais, o chá da vovó e o musical de fim de ano. A Festa Junina é mais das outras professoras, mas elas sempre me pedem ajuda pra alguma coisa. (professor da escola B)

Geralmente as aulas de arte e de música acabam assumindo a dianteira de várias festas. Uma apresentação cantada das crianças, ou na festa junina, ou pra uma atividade lúdica, uma brincadeira, uma recreação; a música está sempre sendo solicitada.(professor da escola E).

Na escola F, existe uma particularidade: o professor, que deixou clara sua opinião sobre o papel do professor de música nas festas, é o responsável pela maioria delas, mas tem um acordo com a direção escolar, que prevê a realização de todas as festas durante o seu horário de trabalho.

Não acho que o professor de música tenha que ser o responsável pelas festas, porque não tem só ele na escola. (...). Estou saindo de uma escola por isto. (...). Sou músico e tenho outros compromissos; se me quiserem na festa, tem que ser no meu horário de trabalho. (...). Aqui eu faço quase todas as festas, mas temos um acordo, de fazermos somente no meu horário de trabalho. (professor da escola F).

Faço todas as coreografias da Educação Infantil. Dou idéia de roupa, do cenário, escolho as músicas, mas deixo as professoras bem à vontade para opinar. (...). No fim do ano eles cantam e dançam, e é sob a minha responsabilidade. Nos outros dias, sempre ensino uma música: dia dos pais, dia das mães, dia da vovó. Tem a formatura também, que estou envolvida. (professor da escola G).

A única escola onde a participação do professor de música nas festas e comemorações escolares não acontece, é a escola D. O professor fez questão de dizer que concorda com esta postura da escola, e sente-se satisfeito com isso:

Uma coisa que eu acho positiva aqui, pra quem trabalha com música: eles não me chateiam com as datas comemorativas. A Escola tem, mas é com cada professora. (...) No início eu falei que não gostava disso; que achava que a aula de música não tinha a ver com isso. Posso até ajudar, fazer alguma coisa que elas me peçam, mas não utilizo as minhas aulas pra ensaios e datas comemorativas. Não tenho nenhuma responsabilidade com as festas. (professor da escola D).

Observa-se que em cinco escolas visitadas, os professores de música possuem responsabilidades nas festas escolares e, nas quatro escolas onde o professor não é o responsável pelas festas, sua presença é obrigatória durante esses eventos. Sabe-se que, como o professor de música normalmente trabalha uma ou duas vezes na semana em uma determinada escola, é normal que seja contratado por duas ou mais escolas, ou que possua outros tipos de trabalhos musicais, e que não possua horários livres. Isto pode gerar um problema, já que muitas festas acontecem fora do horário das aulas de música, ou até mesmo aos sábados. Por esta razão, o professor da escola F, como já foi citado, possui um acordo com a escola, para que as festas sejam realizadas somente durante o seu horário de trabalho.

Em nenhum momento o RECNEI propõe a utilização das aulas de música para a preparação de festas do calendário escolar, ou para ensaios de apresentações em datas comemorativas. Esta exigência, em algumas instituições, não tem fundamento algum, e o professor de música não deveria ser obrigado a utilizar as suas aulas para a preparação das festas escolares. Muitas vezes, o seu planejamento é interrompido por uma série de ensaios para o Dia das Mães, para a Festa Junina, para o Natal, ou para musicais específicos do calendário escolar. Estas festas, e todas as demais, não são de responsabilidade do professor de música, que está na escola para trabalhar conteúdos musicais, ainda que, dentro destes, se encontrem conteúdos relacionados ao Folclore e a festas típicas brasileiras.

Outro “complicador” diz respeito ao caráter de espetáculo que freqüentemente ronda o trabalho musical: dedica-se muito tempo a ensaios para apresentações em comemorações diversas que até mesmo excluem os alunos considerados desafinados, “sem voz”, “sem ritmo”, etc. Ainda hoje existem escolas de educação infantil que iniciam os ensaios para a grande festa junina no mês de março e abril, reduzindo a isso as atividades da área de música durante todo o decorrer do semestre. E nem ao menos se desenvolvem projetos de pesquisa, de criação, de integração com outras áreas do conhecimento: cada classe limita-se a ensaiar – exaustivamente – o canto e a dança que irá apresentar no mês de junho! (BRITO, 2003, p.53)

## 2.10 Relatos de experiências dos professores

As questões 1 e 2 já se referenciavam ao tipo de atividades realizadas, portanto, nesse ponto da entrevista, muitas experiências já haviam sido relatadas pelos professores. Foram

lembradas experiências boas e ruins, de diversos tipos e em diferentes momentos: com os alunos e/ou com a coordenação escolar; durante as aulas de música e em eventos da escola; experiências envolvendo questões familiares e outras pessoais, vividas pelos professores dentro e fora do espaço escolar.

O professor da escola A considerou importante destacar a mudança ocorrida na maneira com que o canto era realizado na escola. Segundo ele, a visão da escola mudou: as crianças adquiriram a prática de cantar ao vivo, abandonando o hábito de cantar por cima do cd. O professor apontou também o ensino de flauta doce, que acontece no 3º ano do ensino fundamental, como uma nova experiência para a educação musical na escola:

A criança vinha sendo musicalizada na educação infantil; quando chegava no ensino fundamental, ela queria tocar alguma coisa. E agora eu já consegui dar esta visão para a escola, tanto é que este ano começou o ensino da flauta. (professor da escola A).

A experiência relatada pelo professor da escola A é de extrema importância para o processo de valorização da educação musical por parte da escola. Como foi visto no quadro 1, apenas em duas, das oito escolas visitadas, a música está presente nos demais seguimentos e, em quatro escolas, inclusive na escola A, a música é trabalhada somente até os primeiros anos do ensino fundamental. Muitas escolas consideram a música importante apenas durante a educação infantil, já que as aulas de música possuem um caráter lúdico, tornando-se bastante atrativas às crianças. É necessário porém, que se entenda que a música deve estar presente em todos os seguimentos educacionais, não só na forma de atividades complementares, auxiliares ou recreativas, mas principalmente na forma de atividades com objetivos musicais, possibilitando aos alunos uma vivência e a construção do pensamento musical durante todo o período educacional.

O professor da escola B expôs uma experiência vivida na escola, já citada anteriormente, envolvendo a supervisão escolar e seus colegas de trabalho: durante uma reunião em que o professor não estava presente, foram feitas críticas negativas ao seu trabalho, que lhe foram relatadas posteriormente, pela supervisão:

Vou te falar tudo o que alguns de seus colegas pensam sobre o teu trabalho – me disse a supervisão. Foi numa reunião em que eu não estava presente. Elas disseram que eu conversei o tempo todo com as crianças, que eu vou toda hora ao banheiro, que não canto

com as crianças, que eu não uso a bandinha o tempo todo. A supervisora me disse tudo e perguntou: - E aí, o que você me diz? (professor da escola B).

Como já foi dito, a relação entre o professor de música e os demais professores, em algumas escolas, não é bem construída, podendo interferir no trabalho do professor. Ainda que as atividades desenvolvidas pelo professor da escola B estivessem erradas, um trabalho de ajuda, por ambas as partes, acarretaria em melhores resultados, principalmente para o desenvolvimento dos alunos.

Outra experiência relatada pelo professor da escola B, aconteceu na sala de aula:

Estava trabalhando os sons da natureza com as crianças, fazendo mímica: ensinei pra eles o som da chuva, batendo rapidamente os dedos na palma da mão. Pedi a um aluno pra fazer uma mímica com o som da água, ele deitou de bruços no chão, abriu os braços e ficou parado. Quando perguntamos o que era, ele respondeu: “Tia, é a água, eu estou boiando!”. (professor da escola B).

O professor da escola C falou sobre a experiência adquirida ao longo dos anos em que trabalhou com educação musical; segundo ele, é preciso entender que a função do professor de música na pré-escola não é ensinar música, mas sim incentivar a criança a gostar de música:

A experiência que eu passo para todo mundo, inclusive para professores graduados, é que a criança pode querer ser médico, bombeiro, policial, dentista, veterinário, e não gostar de música; não querer ser músico. Então na pré-escola o importante, na minha experiência, é que você entenda que não está aqui para formá-lo músico, mas para incentivá-lo a gostar de música. (professor da escola C).

Além de expor o seu modo de pensar, o professor também relatou uma experiência vivida em outra escola, envolvendo a direção:

Uma vez briguei com o diretor de uma escola em que trabalhava, que era até formado em música: ele não aceitava a minha forma de trabalhar; queria que eu ensinasse às crianças o que era um oboé; queria que eu falasse sobre Villa-Lobos para elas e sobre notas musicais. Não vejo razão pra isto e pedi demissão da escola. (professor da escola C).

As experiências expostas pelo professor da escola C, além de reforçar o fato da desvalorização da educação musical por parte da escola e do professor, mostram também o seu despreparo para exercer a função em que se encontra. Por várias vezes, o professor afirmou que a música, neste seguimento, deve funcionar apenas como complemento, como suporte, como apoio

às demais atividades da escola. Não se viu em nenhum momento, por parte do Professor, a preocupação com a qualidade das aulas oferecidas às crianças. Percebe-se que suas aulas funcionam como uma recreação musical para os alunos e que ele está plenamente de acordo com a função atribuída à música na escola. Além disso, a segunda experiência relatada é sim, possível de ser trabalhada com crianças, ainda que pequenas, desde que os conteúdos citados sejam ensinados de forma adequada à sua faixa etária. Além de possuir apenas o curso básico em música, o professor parece desconhecer as propostas do RECNEI e outras propostas para se trabalhar a música na educação infantil, limitando-se a ajudar e incentivar à escola e aos outros professores, como os seus relatos anteriores podem mostrar.

Antes do início e durante toda a entrevista, o professor da escola D fez muitos comentários sobre a experiência adquirida durante sua formação e no período em que trabalhou como professor regente de turma, na mesma escola, até assumir as aulas de música. Esta nova responsabilidade motivou-o a buscar novos conhecimentos que, segundo ele, não seriam suficientes se não possuísse a experiência de sala de aula, vivida anteriormente.

Eu me sinto privilegiada por ter feito normal, por ter feito pedagogia e por trabalhar oito anos em sala de aula com magistério. Acho que é um bem que veio, para depois eu cair na música. Vejo até em cursos, quando a gente lida com profissionais de música, que muitos têm dificuldades neste lidar com criança. (...). Acho que se eu tivesse só a base da formação musical, não seria suficiente. O campo para o profissional da música está enorme, mas a escola tem que entender que é necessário, que é essencial, principalmente na educação infantil. E o profissional tem que estar habilitado pra chegar na escola e dar certo. (professor da escola D).

O fato colocado pelo professor da escola D é uma realidade. A ausência de uma formação específica em música pode significar um trabalho musical de baixa qualidade dentro de uma escola mas, por outro lado, a formação musical não significa o preparo completo do professor para a atuação em sala de aula. Os conhecimentos adquiridos na graduação precisam ser complementados com cursos ou materiais específicos, principalmente no que diz respeito à educação infantil. Muitos educadores musicais, apesar da formação, não possuem o conhecimento e o preparo necessário para estar à frente de uma turma, e realizar atividades musicais com sucesso. Apesar disto, é necessário buscar esta experiência e, constantemente, o preparo para ela.

O professor da escola E relatou a ocorrência de um questionamento da direção escolar, relacionado à hora-aula diferenciada do professor de música. Segundo ele, a direção da escola questionava a existência desta hora-aula, que dura em média 30 ou 45 minutos:

Por que o professor de música tem uma hora-aula diferenciada, se hoje em dia todos os professores são formados, pedagogos, têm nível superior, etc? Este era o argumento da direção. Tentei argumentar, dizendo que já fui professor de turma, e os outros professores têm intervalos entre as atividades, (...) e o professor de música não tem intervalo: sai de uma turma e entra em outra; eu não tenho tempo de respirar. Mas esqueci o argumento mais forte: pra eu ter um salário compatível com o de um professor de sala de aula, eu preciso trabalhar em quatro lugares e ter 400 crianças por semana. São projetos diferentes, atividades diferentes, sábados diferentes. (professor da escola E).

A questão salarial já foi comentada anteriormente, e a experiência relatada pelo professor da escola E reforça o fato da desvalorização do professor de música, citada anteriormente, pelo professor da escola F. Além das exigências com relação ao espaço, aos materiais, ao planejamento, à autonomia, ao caráter das atividades e outros, conquistar uma remuneração mais justa também é uma necessidade do professor de música que, na maioria dos casos, como acontece com o professor da escola E, precisa trabalhar em mais de uma escola, para garantir um salário que lhe dê condições de se manter.

O professor da escola F relatou uma experiência vivida com crianças de 10 e 11 anos de idade, em um CIEP no Rio de Janeiro. O trabalho teve uma aceitação tão grande por parte das crianças, que o deixou emocionado:

Achei interessante o prazer que eles tiveram com aquilo, um prazer que você não vê em crianças de classe média e alta. (...). As crianças deram uma importância tão grande que eu fiquei emocionado. (professor da escola F).

Além dessa experiência, o professor falou sobre a carga horária das aulas de música na escola, que foi diminuindo, à medida que novas atividades foram implantadas na grade escolar:

Aqui na escola tive uma experiência ruim: aos poucos fui sendo cortado; meu tempo foi diminuindo. As crianças maiores têm 30 minutos de aula, e é um tempo muito curto. Já trabalhei com flauta doce, em séries maiores; hoje não trabalho mais. Chegava até a passar um pouco de leitura musical pra eles, (...). Como fazer isso em 30 minutos? (professor da escola F).



Esta segunda experiência relatada pelo professor da escola F, também mostra a desvalorização que a música vem sofrendo em algumas escolas. Na escola F, o professor conta que sua carga horária foi diminuindo e, conseqüentemente, a qualidade de suas aulas também. Portanto, mesmo que o professor se preocupe em desenvolver atividades com objetivos musicais, percebe-se que não existe esta preocupação por parte da escola.

O professor da escola G relatou uma experiência com alunos do berçário, que para ele, foi muito marcante:

(...) quando entreguei os apitos, com medo ainda de entregar e alguma criança engolir. Eles assopraram e ficaram tão felizes! (...), pra mim foi o máximo ver aqueles bebezinhos fazendo seu primeiro som (sic). (professor da escola G).

Ele também comentou sobre a frustração de preparar algo que não dá certo:

Às vezes passo um fim de semana montando uma linda coreografia, e quando tento passar não dá certo. (professor da escola G).

O professor da escola H relatou diferentes experiências: uma vivida no dia da entrevista, com alunos do ensino médio; outra trabalhada há um tempo atrás, com alunos da educação infantil; e outra que acontece diariamente. A experiência referente aos alunos do ensino médio será transcrita, já que demonstra a dimensão do trabalho musical da escola.

Hoje, por exemplo, tive um encontro inédito: ao entrar na sala, tinha um grupo de alunos do ensino médio, ensaiando *Que nem jiló, O morro não tem vez*, pra tocar no sarau da escola. Tinha um aluno tocando baixo, um aluno na guitarra, um no clarinete, três meninas no vocal, quatro meninos na percussão. (professor da escola H).

Tenho uma experiência que me emociona demais, que foi o ano em que eu trabalhei Pixinguinha. Isso aconteceu com uma criança de 4 anos: antes de virem para a aula de música, eles estavam no lugar onde brincam após o lanche. Ao entrar na sala de música, coloquei um chorinho do Pixinguinha e perguntei: - Está faltando alguém? Já chegaram todos? - E esse menino disse: - Está faltando um amigo sim! Está faltando o Pixinguinha. Ele estava lá fora, brincando com a gente. - Acho que isso é uma coisa muito interessante. Tenho certeza de que essa criança de 4 anos trouxe o Pixinguinha pra vida dele, pro brinquedo dele. (professor da escola H).

O que também posso dizer de experiências desagradáveis, são de quando você tem que lidar com as diferenças dos valores trazidos pelas crianças, de casa. Tem crianças que têm acesso a toda e qualquer coisa lançada pela mídia; tem crianças que têm restrições. São

regras familiares. Mas a criança que tem restrição é a mesma que convive com a que tem acesso. (...). É importante saber que a gente faz uma preservação na formação dessa criança. Não admitimos canções de cunho erótico, com mensagens de palavrões, ligadas a drogas, à discriminação racial; é regra da escola. (professor da escola H).

Das três experiências relatadas, duas serão destacadas: a primeira mostra, além da dimensão do trabalho musical, a qualidade da educação musical oferecida na Escola. Este fator é reforçado pela situação social dos alunos matriculados na escola H: muitos destes alunos têm acesso à música de qualidade dentro das próprias casas, são filhos de artistas, ou ainda, têm a possibilidade de continuar os estudos de música em instituições especializadas.

A segunda experiência, exemplifica um pouco da forma com que as crianças na faixa etária da educação infantil. Ela prova também que o ensino musical de qualidade é possível e deve ser desenvolvido e valorizado, mesmo durante este seguimento.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos dados coletados através das entrevistas realizadas com os professores de música revelou aspectos positivos e negativos presentes na educação musical de oito escolas privadas de educação infantil da cidade do Rio de Janeiro. Fatores como a ausência de um espaço específico para as aulas, a falta de materiais adequados, carga horária insuficiente, falta de apoio por parte dos demais professores, e outros, foram observados e, em alguns casos, apontados pelos próprios professores como grandes dificuldades enfrentadas no ambiente escolar.

Comparando-se as atividades desenvolvidas pelos professores durante as aulas de música, com as propostas encontradas no RECNEI e nas demais fontes bibliográficas, foi possível perceber que uma grande parte dos conteúdos e atividades trabalhadas está de acordo com estas propostas, porém, as funções com que estas atividades vêm sendo desenvolvidas não se encontram na mesma situação. A música vem sendo utilizada na educação infantil, principalmente como suporte para as demais disciplinas e atividades desenvolvidas na escola e, na maior parte das escolas visitadas, a educação musical não é devidamente valorizada, pois suas funções restringem-se ao auxílio no aprendizado de outros conteúdos, ao suporte para o desenvolvimento de diversas habilidades por parte da criança, à recreação e à sua utilização nas festas e comemorações escolares.

A música tem sim, o poder de auxiliar no desenvolvimento psicomotor, auditivo, afetivo, social, visual, cognitivo, e em muitos outros aspectos. É importante que, tanto o educador musical quanto o professor regente de turma tenham consciência disto. Porém, é também de extrema importância que as atividades musicais não sejam desenvolvidas na escola somente com estas funções. Os objetivos musicais também devem estar presentes em todas as atividades, pois a criança é capaz aprender e internalizar conteúdos musicais, desde que sejam transmitidos e desenvolvidos de forma adequada à sua faixa etária. Portanto, não se deve ignorar as contribuições da música para a formação da criança, em nenhum dos aspectos sobre os quais ela exerce influência, mas também não se pode esquecer que estes aspectos desenvolvem-se paralelamente ao desenvolvimento musical da criança, que não pode ser esquecido e desvalorizado. As aulas de música, mesmo na educação infantil, precisam ter um planejamento específico, com conteúdos e objetivos musicais a serem trabalhados, sem interferências.

Apesar dos avanços relacionados à obrigatoriedade do ensino de música nas escolas, é necessária uma conscientização por parte das instituições (direção, supervisão, coordenação, corpo docente) de que a música não deve servir à escola apenas como complemento educacional, principalmente na educação infantil, onde a aula de música assume um caráter lúdico e descontraído, sendo interpretada como um momento de recreação. É necessário também que o professor de música esteja consciente do papel que a educação musical deve assumir nas Escolas, buscando autonomia para planejar e executar atividades com objetivos musicais. Além disto, é preciso que o professor exija – com cuidado – da instituição o suporte necessário para uma aula de música de qualidade, sendo primordial a conquista de um espaço específico para as aulas, com materiais adequados e de qualidade, que permitam o desenvolvimento musical das crianças.

Em poucas escolas pode-se perceber uma devida valorização da educação musical, com uma carga horária satisfatória destinada às aulas, com espaço e materiais adequados, com respeito ao planejamento do professor, com apoio dos demais docentes, e com atividades que possuíssem objetivos musicais. A música precisa conquistar, além do respeito por parte dos demais docentes, o mesmo grau de importância que as outras atividades, tendo o direito de se manter enquanto disciplina, sem precisar basear-se no planejamento dos demais professores, ou servir apenas como complemento educacional. O momento da aula de música precisa ser um momento de aprendizado musical, e não um momento apenas de descontração ou de reforço de outros conteúdos. É preciso ainda que, tanto os professores generalistas responsáveis pela disciplina, quanto os professores de música, recorram a fontes que possibilitem um trabalho mais focado nos objetivos musicais, como o RECNEI e outras publicações.

Aos professores generalistas, um convite a adquirir ou ampliar seus conhecimentos musicais, para poderem se expressar e ensinar a se expressar através da linguagem musical. Aos professores de música, um alerta para as atuais condições da educação musical na educação infantil, e um incentivo à luta pela valorização da música dentro das instituições escolares.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BEYER, Esther: As músicas do cotidiano nos processos de Educação Infantil. XVI ENCONTRO ANUAL DA ABEM, Mato Grosso do Sul. *Anais...* Mato Grosso do Sul: ABEM, 2007.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, LDB: Lei 9394/96. *Diário Oficial da União*, Brasília, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Coordenação Geral de Educação Infantil. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, vol. 3, MEC. Brasília, 1998.
- BRITO, Teca Alencar de. *Música na educação infantil: propostas para a formação integral da criança*. São Paulo: Peirópolis, 2003.
- CHIARELLI, Lígia Karina Meneghetti; BARRETO, Sidney de Jesus: A importância da música na Educação Infantil e no Ensino Fundamental: A música como meio de desenvolver a inteligência e a integração do ser. In: Revista *Recre@rte* nº 3, 2005. Disponível em: <<http://www.iacat.com/revista/recrearte/recrearte3/musicoterapia.htm>> Acesso em: 20 ago. 2009.
- DEL BEN, Luciana; HENTSCHKE, Liane. Educação musical escolar: uma investigação a partir das concepções e ações de três professoras de música. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, nº 7, p. 49-57, 2002.
- DINIZ, Lélia Negrini: *Ensino de música na Educação Infantil: um survey com professoras da rede municipal de ensino de Porto Alegre – RS*. 2005. (Dissertação) Mestrado em Música – Programa de Pós-graduação em Música – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- EDUCACIONAL. *Guia de Escolas da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Educacional editora, 2009.
- FERREIRA, Danielle. *A importância da música na educação infantil*. 2002. (Monografia) Especialização em Psicopedagogia – Pró-reitoria de Planejamento e Desenvolvimento, Universidade Cândido Mendes.
- FIGUEIREDO, Sérgio Luiz Ferreira de. A preparação musical de professores generalistas no Brasil. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, nº 11, p. 55-66, 2004.
- JOLY, Ilza Zenker Leme; SANCHES, Melina Fernandez: Estudo dos Efeitos Da Musicalização no Processo de desenvolvimento geral de crianças. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 10, Uberlândia, 2001. *Anais...* Uberlândia: ABEM, 2001.

HUMMES, Julia Maria: Por que é importante o ensino de música? Considerações sobre as funções da música na sociedade e na escola. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n.11, p. 17 – 25, 2004.

JOLY, Ilza Zenker Leme; SANCHEZ, Melina Fernandez: Estudos dos efeitos da musicalização no processo de desenvolvimento geral das crianças. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 10, Uberlândia, 2001. *Anais...* Uberlândia: ABEM, 2001.

LIEDKE, Claudia C.. *Apreciação Musical na Educação Infantil*. 2007. (Monografia) Licenciatura em Música – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

MOFATTI, Valéria: *O papel das canções na Educação Infantil*. 2008. (Monografia) Licenciatura em Música – Instituto Villa-Lobos, Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

NOGUEIRA, Monique Andries: A música e o desenvolvimento da criança. *Revista da UFG*, Vol. 5, No. 2, dez 2003. Disponível em: <[www.proec.ufg.br](http://www.proec.ufg.br)>. Acesso em agosto de 2009.

OLIVEIRA, Danilo César Guanais de; GOMES, Carolina Chaves; MELO, Isaac Samir Cortez de; BEZERRA, Jéssica Valéria Alves: A criança e a música: as implicações da música no desenvolvimento intelectual e emotivo infantil entre zero e dois anos. In ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 15, João Pessoa, 2006. *Anais...* João Pessoa: ABEM, p.740, 2006.

PENNA, Maura; MELO, Rosemary Alves de: Música na Educação Infantil: cenas cotidianas em Instituições Municipais de Campina Grande – PB. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 15, João Pessoa., 2006. *Anais...* João Pessoa: ABEM, p. 472, 2006.

SEKEFF, Maria de Lourdes: Música e (na) Educação. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM MÚSICA (ANPPOM),13. Minas Gerais, 2001. *Anais...* Minas Gerais: ANPPOM, p. 328 , 2001.

SOCOTTINI, Mariléia: *A música como recurso pedagógico na Educação Infantil*. 2006. (Projeto de Pesquisa) Pós Graduação em Ludopedagogia - Fundação Educacional Hansa Hammonia.

SOLER, Karen Ildete Stahl; FONTERRADA, Marisa Trench de Oliveira: Música na Educação Infantil: um survey nas escolas municipais da cidade de Indaiatuba – SP. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 16, 2007, Mato Grosso do Sul. *Anais...* Mato Grosso do Sul: ABEM, 2007.

TIAGO, Roberta Alves: Usos e funções da música na Educação Infantil. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 11, 2002, Rio Grande do Norte. *Anais...* Rio Grande do Norte: ABEM, 2002.

WILLE, Regiana Blank; OLIVEIRA, Carlos: A música nas escolas de Educação Infantil: quem é o professor? In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 15, Mato Grosso do Sul. *Anais...* Mato Grosso do Sul: ABEM, p. 751, 2007.

## ANEXOS

### Anexo 1. Roteiro da Entrevista

1. Faça um pequeno panorama das aulas de música nesta escola: (carga horária, periodicidade, espaço, principais atividades)
  
2. Analisando o seu trabalho e as atividades que você desenvolve, que função você considera ter a música nesta escola?
  
3. Esta função está de acordo com as suas concepções? Por que?
  
4. Você costuma fazer planos para suas aulas? Tem autonomia para criá-los e executá-los ou sofre algum tipo de intervenção?
  
5. Durante as aulas, você conta com o apoio de algum (a) auxiliar ou outro professor?
  
6. Como é a relação dos outros Professores e da Direção da Escola com as aulas de música?
  
7. Que fator você considera mais estimulante para o seu trabalho? E qual (s) tem sido sua maior(s) dificuldade(s)? Como você reage a isto?
  
8. Qual a relação do papel do professor de música e as festas e comemorações escolares? Como acontece?
  
9. Deseja relatar alguma experiência que considera relevante para a pesquisa?

## **Anexo 2. Respostas dos professores**

### **Escola A**

Entrevista realizada na escola A, em Campo Grande, zona Oeste do Rio de Janeiro, no dia 16 de setembro de 2009, às 16h.

1 - São mais de 15 turmas, têm turmas que são 20 min. A educação infantil normalmente são 20 min, no máximo meia hora. Também tem as turmas de integral, que ficam na escola fora do horário escolar, porque aqui também é creche; elas fazem aula de música duas vezes, na turma delas e no horário de integral. Eu faço muitos jogos, porque é atrativo; eles prestam mais atenção e eu dou aula no pátio. Então, se não for alguma coisa que chame muito a atenção, eles não vão entender nada. Então eu faço muitos jogos que trabalham os parâmetros de som: o ritmo, a melodia, a atenção. Uso muito CD pra trabalhar timbre, e a partir do 3º ano está começando a ter flauta doce. O berçário também tem música, eu levo bastante instrumentos, para eles terem contato, trabalho a coordenação motora. É mais ou menos isso.

2 - Aqui eles não vêem a música como passatempo, eles trabalham mesmo os aspectos musicais para desenvolver o raciocínio, a atenção, não prepara só pro dia da festa não. Eles trabalham música a fundo mesmo. Apesar de ser de pouco tempo – aqui é chamada de atividade de enriquecimento, e tem muitas atividades de enriquecimento – todas as turmas fazem aula de música, não é só quem quer, apesar de não ter avaliação. Então é uma coisa que as crianças às vezes não levam tão a sério porque não tem a avaliação. Então tem que ser mais dinâmico ainda pra eles gostarem mesmo de fazer música.

3 - Está de acordo, porque pra mim música não é só cantar. Quando eu entrei aqui, as crianças só cantavam com CD, repetindo em cima do CD. Eles não aproveitavam nada dos parâmetros musicais da música, só usavam a letra. Se a letra estivesse valendo de alguma coisa, se estivesse adequada ao projeto, estava valendo. Agora não, eles já estão gostando mais de fazer ao vivo, de praticar a música. Muitas crianças estão entrando em aulas de instrumento. Então eu acho que a função está de acordo sim; mesmo que a escola não esteja, eu tento na medida do



possível, com os recursos que eu tenho, utilizar o máximo que eu acho certo na educação musical.

4 - Eu faço planejamento e a coordenadora avalia. Mas em termo de conteúdo, eu sou livre pra trabalhar o que eu quiser. Só corrijo se está dentro do que a escola quer, mas eles não interferem na minha aula.

5 - O professor regente da turma fica comigo. Todos eles ficam comigo, e tem turma que tem estagiário, então ficam duas pessoas. Às vezes tem uma terceira, que são as facilitadoras, que ajudam nas turmas de crianças com necessidades especiais.

6 - A maioria respeita, outros não. Tudo tem uma exceção. Tem professor que acha que poderia fazer o que você está fazendo. Por exemplo: um professor que trabalhou com a mesma turma dois anos seguidos, ou seja, trabalhou no Pré 1 e no ano seguinte vai trabalhar com Pré 1 de novo, quando eu vou fazer o mesmo conteúdo, ele acha que ele já sabe. A aula não é pra ele, a aula é pra criança. Mas de uma maneira geral, eles apóiam. Até reclamam quando não tem aula.

7 - Eu me sinto muito satisfeita quando vejo os alunos realizando alguma coisa que era difícil. Por exemplo, a flauta, começou agora; então no começo era aquela dificuldade: apita daqui, apita de lá... Quando vejo que conseguiram, me sinto realizada, apesar de ter sido difícil. Aqui, a maior dificuldade é o fato de eu não ter uma sala. É muito complicado, por causa da atenção. Às vezes eu quero fazer um exercício de relaxamento e não dá. Passa um pro teatro, um pra natação. Não tem espaço específico pra nenhuma arte, é onde der. Eu reajo tentando fazer jogos, fazendo várias aulas diferentes, nada muito teórico porque teoria pra eles não funciona em nada, tem que vivenciar. Também ouço o que eles gostam de fazer, peço sugestões deles, aí eles participam mais. Deixo eles terem bastante contato com os instrumentos que eu trago. A escola tem um teclado e eu trago outros instrumentos pra eles manusearem.

8 - Eu participo das festas, mas não escolho as músicas sozinha. Tem a coordenadoria e os professores da turma que também podem opinar. Eu não sou responsável por organizar a festa, tem os profissionais específicos pra isso. Se tiver música, alguém pede pra cantar uma música, eu

analiso pra ver se está de acordo com a faixa etária, e é assim. Mas todo mundo trabalha junto. Mas eu estou e todas as festas.

9 - Acho que já até falei nas outras perguntas. O fato do CD, acho importante porque mudou a visão da escola., e eles acham mais bonito agora, e até pedem. Nem play-back eles usavam, eles cantavam por cima do CD. E também a flauta, que antes não tinha. A criança vinha sendo musicalizada na educação infantil, quando chegava no fundamental ela não ia querer continuar sendo musicalizada, ela queria tocar alguma coisa. E agora eu já consegui dar esta visão pra escola, tanto é que este ano começou com a flauta.

### **Escola B**

Entrevista realizada na escola B, na Barra da Tijuca, zona Oeste do Rio de Janeiro, no dia 02 de outubro de 2009, às 17h.

1 - São 40 min semanais, que eu particularmente considero pouco, porque o que são 40 min pra você desenvolver uma atividade? Quando você começa já está na hora de terminar, e a outra turma já está entrando. Tenho 9 turmas aqui, mas somando todas as escolas onde trabalho, tenho 35 turmas semanais. Faço sempre: movimento, percepção e ritmo. Todas as atividades têm isto. Que seja num simples “passe a bola”, mas o passe a bola é dentro do andamento daquela música que está tocando, com movimentos que tentem fazer com que eles entrem na cadência rítmica daquilo, não estou dizendo que é possível, mas a gente tem que sempre induzir, tentar fazer com que eles entrem dentro do andamento daquela música que está tocando ou cantando. Sempre tem movimento, percepção auditiva, corporal e sensitiva. Movimento, percepção e ritmo. Sempre.

2 - Ao meu ponto de vista é primordial, porque auxilia no psíquico, no mental, na coordenação motora, porque eles conseguem desenvolver melhor as atividades dentro de sala, que seja um detalhe, mas auxilia no desenvolvimento das atividades no contexto de sala de aula; na interação entre eles e com outras pessoas. Não sei se é porque sou muito comunicativa, e no pouco tempo que estou com eles eu vejo que eles tentam fazer isto, com eles e com outras pessoas. A minha aula é sempre muito visitada, pela supervisão e por outros professores, então

eles estão sempre interagindo com quem estiver ali naquele momento. E se não tem ninguém eles tentam interagir entre eles, trabalhando aquilo que a gente está fazendo no momento.

Aqui eu acho que hora a música é vista como disciplina, por alguns, e por outros como apenas um instrumento de auxílio, depende do momento que a gente tá vivendo. A realidade da escola particular é completamente diferente de qualquer outra realidade que você pode encontrar por aí: ‘Que bom que você tem um professor de música na escola! Ele pode auxiliar você a ensinar aquela coisinha dos meios de transporte, que não está no meu programa, mas que o professor tá aí, e é som – e as pessoas não diferenciam o som do ruído – então a gente vai trabalhar isso.’ Ora isso, ora: ‘Cadê a bandinha que eu precisava que você montasse? E o trabalho rítmico de banda, não tem? Ora um, ora outro.

3 - Tem muita coisa que a gente não consegue fazer... Tem muita coisa que a gente deveria fazer, mas o pouco tempo que a gente tem em sala de aula não nos permite, e as restrições: por exemplo, o lance do musical que eu prefiro fazer, porque se na escola tem uma professora de música, porque você vai “martelar” as coisas que eles vêem todo dia? Você pode trabalhar coisas novas, que eles não conhecem. E tem uma professora de música na escola, que é musicista. Então se ela tem a possibilidade de trazer o instrumento dela, ou qualquer outro para interagir com eles naquele momento, é importante. Mas este tipo de atividade que você viu hoje (as crianças estavam ensaiando para o musical) acaba que toma o teu tempo, mas eu acho importante que a professora esteja inserida, integrada naquilo. Eu acho que a música tem que auxiliar sim, mas a música tem programa. Existem coisas que eu preciso fazer. Eles precisam sair daqui no mínimo sabendo bater palma no ritmo da música, e diferenciando o som do ruído. Isso é o mínimo do mínimo que eles precisam sair daqui sabendo. É o que eu tento fazer a cada dia. Nem sempre a gente tem sucesso.

4 - Faço planos semanais e não sofro nenhuma intervenção. Todo ano eles pedem pra fazer o planejamento ou os professores de música se reúnem, este ano me pediram: Você faz um plano com o que você acha interessante trabalhar? Então eu tentei colocar mais ou menos o que precisava.

5 - Nem sempre. Elas aproveitam o momento da aula pra tomar um café, ir ao banheiro, ou até pra bater papo. Ou às vezes elas aproveitam pra adiantar algum trabalho. Quando estamos em processo de preparação do musical, eu preciso delas aqui, então elas ficam. Mas nem sempre acontece, na maioria das vezes eu fico sozinha, o que não é correto, dito pela supervisão. Tanto a direção quanto a supervisão pede pra que elas fiquem. Se eu fico aqui sozinha, como uma criança vai ao banheiro, se eu não posso levar e não posso deixá-la ir sozinha? Já aconteceu de uma criança cair e se machucar, porque eles não param. É uma média de 15 a 17 crianças por sala, e as salas aqui são pequenas, não comportam.

6 - O problema está na visão. As pessoas acham que aula de música é só cantar ou só tocar um instrumento. Perguntam pela bandinha: “Cadê a bandinha?” E não tem que ter bandinha o ano inteiro. Perguntam se eu não vou cantar, como se eu tivesse que ficar 40 min cantando. Tenho colegas que pensam assim, e tenho colegas que pensam diferente; pensam que as crianças têm que estar contextualizadas com coisas referentes à música sabem, que não é só cantar e tocar. Eles precisam manusear um instrumento, saber o que é grave e o que é agudo, por exemplo. A minha supervisão é bastante aberta com isso, mas a maioria das colegas de trabalho não. Minha supervisão me dá todo apoio. Aqui acontecem muito isso: as pessoas assistem à minha aula em alguns momentos, e questionam o porquê das atividades que eu faço, não conseguem entender o que eu quero passar pra eles. Perguntam por exemplo: pra que ela vai dar história sonorizada? E a bandinha que tem que trabalhar? Elas não falam diretamente comigo, mas falam com a supervisão, e eu sou constantemente cobrada por isso. Às vezes elas me pedem alguma coisa: Estou trabalhando alimentos, você pode trabalhar música de alimentos com eles? Ou meios de transporte. Aí eu fujo do meu planejamento pra trabalhar aquilo ali.

7 - O mais estimulante são as crianças. Eles são a compensação total. Ganha-se pouco mas se diverte! Quando vejo que eles gostam, tenho vontade de dar cada vez mais. Queria dar tudo que eu podia, mas o tempo que eu tenho não me permite. Quanto à dificuldade, às vezes me falta um pouco de suporte, mas é por parte das minhas colegas. Por exemplo, na preparação do musical, se dependesse delas, as crianças só ensaiariam às sextas-feiras, que é o dia em que eu estou na escola. Elas dizem: quem tem que fazer é ela e não eu. A união que deveríamos ter, não temos. Outro fator que desestimula, que acho que você vai encontrar em todas as escolas que

você for pesquisar é a falta de material pra trabalhar. Minha bandinha é muito ruim. Já pedi uma de plástico, mas não me deram. Tenho instrumentos que quebram com facilidade, outros com tarrachas pequenas, que uma criança já colocou na boca, e outros podem cortá-las, como o meu tambor que é de aro de aço. Era importantíssimo que tivéssemos uma sala pra isso. Em todas as escolas que trabalhei até hoje não tinham sala de música. Quando não dou aula neste espaço (sala de dança), eu desço para o parque interno, mas lá tem muito barulho. Ou então fico lá fora, mas é muito perto da rua. Tenho receio de deixar as crianças tão expostas. Tudo aqui é muito melindrado, por ser Barra da Tijuca. Eu reajo pedindo, mas não posso ter muita reação porque não posso perder o emprego. Tem horas que não posso reagir da maneira como gostaria. Mesmo que me dêem suporte, ainda sinto que falta um pouco de conhecimento em relação à música na escola.

8 - Estou sempre presente nas atividades culturais que eles fazem. Dia das mães eu sempre faço. Gosto muito de trabalhar músicas populares, que as pessoas acham que eles não são capazes de fazer, mas aprendem sim. As principais são: o dia dos pais, o chá da vovó e o musical de fim de ano. A Festa junina é mais das outras professoras, mas elas sempre me pedem ajuda pra alguma coisa. A visão daqui é muito americana: aquela coisa de musical infantil com teatro, e tem uma professora de música que toca e canta ao vivo com eles.

9 - Há alguns meses atrás, minha supervisora sentou comigo e disse: “Vou te falar tudo o que algumas das suas colegas pensam sobre o seu trabalho”.Elas haviam dito em uma reunião em que eu não estava presente. Ela me disse tudo e perguntou: “E aí, o que você me diz?” É complicado...Já disseram que eu converso o tempo todo na sala de aula com as crianças, que eu vou toda hora ao banheiro, que eu não canto com as crianças, que eu não uso a bandinha o tempo todo... Então você se pergunta “será que eu estou errando nisso mesmo?” Mas então você se auto-avalia. Eu preciso reagir, mostrando que não faço as coisas porque não tenho suporte. Digo, por exemplo, que não posso trabalhar bandinha o tempo inteiro, porque uma criança de dois anos pode engolir alguma das peças; não posso descer com eles pra mostrar o som do vento nas árvores porque não tenho árvores aqui e não posso ir pra rua. Já pedi ao meu diretor a bandinha, pesquisei e trouxe o pedido, e estou esperando até hoje. Às vezes eu cobro, e ele diz que vai comprar.

Tenho outra experiência: estava trabalhando os sons da natureza com as crianças, fazendo mímica; ensinei pra eles o som da chuva, batendo os dedos na palma da mão. Pedi a um aluno pra fazer uma mímica com o som da água, ele deitou de bruços no chão e abriu os braços. Quando perguntamos o que era, ele respondeu: “Tia, é a água, eu estou boiando!”

### **Escola C**

Entrevista realizada na escola C, no Méier, zona Norte do Rio de Janeiro, no dia 28 de setembro de 2009, às 13h.

1 - Aqui eu pego cinco turmas: desde o berçário até o CA. Com o berçário, o meu trabalho é de ambientação com a música. Eu trabalho palminhas, trabalho muito a audição, a percepção, pra que eles descubram de onde está vindo o som, e um pouquinho da concentração. Aí eu já começo a trabalhar a palminha, a cabecinha, e os movimentos psicomotores; a gente trabalha com movimento do corpo, com palmas, batendo o pé, trabalha também com a lateralidade

2 - É um incentivo. A música pra essas idades é um trabalho de apoio à escola, de apoio aos outros professores. A música aqui ajuda na parte fonética, desenvolvimento da fala; ajuda na parte de socializar a criança, ajuda na parte psicomotora principalmente. A música em si, é um grande apoio pra todas as atividades dentro da escola. Num evento, por exemplo o Dia das mães, a gente vai trabalhar uma música em cima da mãe, ou do avô, do pai, da independência, do dia do soldado. Então é um trabalho de conhecimento que ajuda nas outras matérias, apoiando o conhecimento das crianças. Em relação à música mesmo, o que eu trabalho com os maiores é o ritmo, a melodia, a história da música, os ritmos que existem, as escalas musicais. Eu mostro figuras de instrumentos, trago alguns instrumentos pra eles conhecerem. Aqui não é uma escola de música, então eu sempre digo o seguinte: há a necessidade da música pra essas idades? Há sim, mas apoiando as crianças nas outras matérias: Na matemática, trabalhando a matemática com a música, na linguagem, trabalhando os fonemas com a música, então eu não estou direcionando a criança a ser músico, porque não sei se esta é a intenção da criança. Então eu costumo dizer que a música pra este tipo de escola é de incentivar mesmo, não de formar

músicos. Por isso que a música aqui é mais um apoio pras outras matérias. É lógico que as crianças que têm o dom pra música vão desenvolver muito mais isto. Mas eu apresento instrumentos, trabalho ritmos, a gente desenvolve o ritmo na criança. Tem criança aqui que não tinha ritmo nenhum pra cantar nem pra bater palma, e a gente vai desenvolvendo isso com a brincadeira, tudo dentro do lúdico.

3 - Dentro desta área, está dentro sim. Uma criança que quer ser músico, vai procurar uma escola de música, que vai formá-lo músico. Está dentro da minha concepção sim.

4 - Eu tenho autonomia. Lógico que às vezes algum professor vai fazer um teatro, e pede um apoio e eu ajudo.

5 - É importante ter um outro adulto na sala é importante pra proteger tanto a criança como o próprio professor. Eu acho importante e até exijo a presença de um segundo adulto na sala, porque lidar com filhos dos outros é complicado...

6 - Aqui é ótimo. Temos um relacionamento muito bom. Sempre trazem idéias e aceitam as minhas idéias. E sempre trocamos informações sobre música.

7 - A maior dificuldade é conseguir concentrar. Mas aí depende muito do trabalho das outras professoras. Tem que ser um trabalho em equipe, de concentração. Eu sou meio brincalhão, não sou exigente com as crianças. E a falta de exigência, com a maneira de exigir, em forma de brincadeira, você consegue muito mais. Nem toda criança gosta de música, então você tem que fazer palhaçada... Eles me chamam de tio maluco. Às vezes preciso da concentração pra trabalhar uma música pra um evento: brinco com a música, canto letra errada, faço parte deles. Vou buscando a concentração da criança, fazendo com que ela me observe, perceba o que eu quero fazer, “enganando” a criança, numa brincadeira. O mais estimulante é trabalhar com criança. É muito gostoso.

8 - De apoio. Por exemplo, no dia do soldado trabalho músicas que tenham a marchinha, como “marcha soldado”, ou músicas que eu mesmo faço. No dia do músico a gente faz

exposições, confecção de instrumentos com sucata. No Dia da alimentação, eu pego uma música que fale sobre os alimentos, sobre as cores dos alimentos. É um trabalho de suporte.

9 - A experiência que eu passo pra todo mundo, inclusive pra professores, até aqueles bem graduados é que: a criança pode querer ser médico, bombeiro, policial, dentista, veterinário, e não gostar de música, não querer ser músico. Então na pré-escola o importante, na minha experiência, é que você entenda que você não está aqui pra formá-lo músico, mas pra dar a ele conhecimento de música, pra incentivá-lo a gostar de música. Você não pode obrigar a criança a ser músico. Não é uma escola de música, onde a pessoa que tem vontade de ser músico se matricula. Aqui, a experiência que eu tenho nesses anos todos, e que eu passo pras pessoas que querem trabalhar nesta área é que não exijam que eles sejam músicos, mas sim que eles venham a gostar de música., como tem pessoas que não são músicos mas adoram música; e que busquem sempre atrair as crianças com a brincadeira. Vejo muita falta de tato pra lidar com as crianças. É preciso entender que elas são crianças. Uma vez briguei com o diretor de uma escola em que trabalhava, que era até formado em música; ele não aceitava a minha forma de trabalhar, queria que eu ensinasse às crianças o que era um oboé, queria que eu falasse sobre Villa-Lobos pra elas, sobre notas musicais, e eu não vejo razão pra isso. Pedi demissão da escola.

### **Escola D**

Entrevista realizada na escola D, em Cachambi, zona Norte do Rio de Janeiro, no dia 27 de outubro de 2009, às 11h.

O trecho a seguir foi dito pelo professor antes do início da entrevista:

Eu me formei em pedagogia e estudei piano. Trabalho aqui há anos, como professora de turma. E a escola por saber que eu tinha essa formação, no ano 2000, a diretora me chamou pra assumir a parte de música na educação infantil e pra formar um coral na escola. Então eu falei que eu não tinha capacidade pra isso, mas que era uma boa oportunidade pra que eu fosse pra parte de música logo, até porque eu já estava um pouco cansada da sala de aula. Então eu assumi as aulas de música na educação infantil, com musicalização infantil, mas o que eu fazia era recreação musical, porque eu não tinha o conhecimento do que fazer realmente. E a escola não queria que eu trabalhasse teoria musical, notas musicais; queria que eu fizesse mesmo uma



recreação musical. Isso eu já fazia com a minha turma. Mas aí a escola comprou um teclado, que eu pedi, comprou instrumentos de percussão de bandinha, e eu comecei a fazer por aí. No meu curso de normal eu tive aula de música, para músicas de escola: a hora do lanche, a música do sol, aquelas músicas que a gente conhece; o professor até fez uma coletânea com as músicas a serem trabalhadas na escola, e eu comecei por aí. E como eu era formada em piano, eu tirava as músicas no teclado e fazia as aulas, mas eu sempre buscava mais conhecimento. Do ano 2000 pra cá a minha vida é fazer cursos; faço sempre em janeiro na ACC, onde tem coisa acontecendo direcionada à educação eu estou. E como a diretora pediu pra formar um coral na escola e eu não tinha conhecimento pra isto, apesar de cantar em coral, eu fui buscar na Oficina coral do Rio de Janeiro, com o Eduardo Lackchevitsk, filho da Elza, que estava dando um curso maravilhoso na época, de regência de coro. Fiz durante 6 meses e foi maravilhoso, depois participei dos cursos de regência internacionais com pessoas que ele trazia de fora. Fui buscando o conhecimento, e não parti pra área da disciplina em teoria musical e da formação musical pra criança, até porque, por este conhecimento que eu busquei, eu vi que eu não estava numa academia, nem num conservatório, onde as crianças estavam ali buscando a formação musical. Então eu percebi que com 16 turmas de EI, do maternal até o 1ºano, em turmas com 25 ou 27 crianças misturadas, com aptidão musical ou não, eu não podia me voltar pra educação musical propriamente dita. Então eu busco pelo ritmo, por cantigas, por CDs que não são os promocionais, de mídia, são os CDs de cursos que eu vou. Trabalho muito a coletânea de Bia Bedran, apesar de muitos educadores musicais não concordarem com o trabalho dela, porque é bem aceito em escola; ela utiliza muitas datas comemorativas, que na escola é muito bem aceito, então acabo fazendo uma miscelânea. Também faço o coral, com vozes brancas, não coloco tipo de vozes, uso a voz da criança, até porque eles não passam por nenhum tipo de avaliação; basta terem vontade. Já tivemos coral com 50 crianças no palco. No máximo eu faço cânone. No meio do coro tem crianças afinadas e desafinadas. Também trabalho ritmo com instrumentos de percussão. Até hoje eu busco conhecimento. Fiz a Pós-graduação em musicoterapia no Conservatório, e minha formação ficou por aí. Então eu fiz curso normal, fiz Pedagogia, e junto com isso fiz o curso técnico de piano clássico durante 11 anos, em um conservatório. Depois fiz a musicoterapia, e os cursos que eu sempre estou fazendo.

A rede trabalha com a unificação de planejamentos; em todas as unidades, todas as séries têm que trabalhar a mesma coisa em todas as disciplinas. E neste ano descobriram que a música

não estava assim. Eu dou aula aqui e em Bonsucesso, e tem uma professora na Taquara e outra em São Gonçalo; cada professora estava trabalhando numa situação. Uma das professoras trabalha arte com a música, então ela trabalha dobradura, origami, ela trabalha muita coisa. Ela é até autora de um livro, e uma pessoa muito legal. O livro é voltado para a música, e isso que eu ainda não entendi muito bem nela. Eu trabalho o material dela com as crianças e ela mesmo não trabalha, ela trabalha a arte com um CD tocando uma música, um clássico... A outra professora, que entrou há pouco tempo substituindo uma outra que fazia a mesma coisa que eu faço, porque fazíamos o planejamento juntas, está com a visão de trazer a música, a educação musical para a escola, para a educação infantil. Acho a luta dela maravilhosa, só que ela está suando muito não só com a Escola, com a direção e com a coordenação, mas com ela mesmo, porque ela percebe que está quase impossível, porque é um desgaste muito grande numa turma de 27 crianças de 5 anos, de 20 crianças com 4 anos, e o retorno financeiro não é específico pra isso. Com 3 meses de trabalho ela já está caindo; tivemos uma reunião entre nós 3 e o trabalho já está caindo. Nos encontramos no mês passado e vimos que cada uma leva pra uma situação, e a escola quer que unifique. Então cada uma traçou um planejamento, com os seus objetivos, e a escola vai decidir o que fazer pra unificar, porque nós não conseguimos unificar; cada um tem não só um conhecimento, como uma realidade. Ela saiu da faculdade agora, então ela está com aquela empolgação: “Eu levo o martelo pra eles baterem no ritmo!” “O carrinho em que eles andam eles têm que pedalar no ritmo!” Então ela está percebendo que está difícil demais. Eu acho que na faculdade e nos conhecimentos que a gente busca, tanto na faculdade quanto nos cursos que a gente faz, visa para aquele aluno que vai para um conservatório, para uma escola de música aprender um instrumento; que tem que começar com a musicalização, e não na escola. E a maioria dos alunos que se forma na faculdade vão pra escola, porque o campo de trabalho tá na escola. E são tão poucas escolas de música, que tem aquele pessoal da antiga, que não aceita os novos. Então os novos têm que ir pra escola. Até financeiramente pelo que eu já vi, a escola, apesar de pagar pouco, ainda está pagando mais que uma escola de música. Quando vou trabalhar na Barra vejo muitas escolas que não têm música, então a necessidade é muito grande. Mas também cabe aquela situação: a formação - quem sou eu pra falar de formação musical? - mas lá nesta escola, na Barra, a gente tem professor de piano, de flauta, em curso livre à tarde; a escola aceita quem quer aprender. Então eu tenho um grupo legal, que trabalha a musicalização, pra quem quer se inscrever. É um outro tipo de trabalho, focado pra música. A gente às vezes vê

professores que vêm da formação, e que para aquele curso livre funciona muito bem, mas se for trabalhar no horário da escola não dá certo; não conseguem, porque não têm domínio de turma: “O que eu vou fazer agora, o tempo não acabou e eu já trabalhei o que tinha que trabalhar?” Ainda é complicado.

1 - Tenho 16 turmas, trabalho dois dias na escola. No maternal o número de alunos vai até 15; no jardim já sobe para 20 e no jardim 3 para 22. As turmas aqui são fechadas; sobram alunos aí fora. Nesta época do ano as matrículas já estão quase encerradas. Eles vão até o número máximo que a lei permite. Cada turma tem 30 minutos semanais. Tenho uma sala que não é só de música; é uma sala ampla, tem um espelho maravilhoso; tem barras de um lado, porque também funciona uma sala de dança, também tem aulas de xadrez. É uma sala múltipla; cada professor pode utilizar. Na hora que eu utilizo eu levo os instrumentos pra lá, ou o material que eu vou utilizar. Mas eu utilizo muito o espelho para a expressão corporal. Como eu disse, eu não fico só na educação musical; exploro a música com o corpo, eles se olhando... Várias músicas que trabalham com o espelho, na linguagem do maternal. Às vezes utilizo o amigo como espelho: é aquela música em que um vai imitando o outro, e a gente vai trabalhando o corpo. Eu considero uma sala muito boa; o espaço é bom, mas se fosse só pra música poderia ter um piano, as coisas adequadas ali, os instrumentos de percussão ali. Mas não dá, então em cada aula eu levo e tiro tudo. Quanto às atividades, depende do planejamento de cada semana. Eu trabalho muita coisa. Esta semana estou trabalhando dedoches, que são os fantoches de dedos, e clássicos infantis; então além deles ouvirem, porque dependendo da faixa etária eles não conseguem contar a história, nem eu conto pra eles. Então eu coloco o CD com os clássicos: “Chapeuzinho Vermelho”, “Cinderela”, “Os três porquinhos”, e eles botam o dedochê. E aí você pergunta: Onde é que está a música aí? Bem, de todo o material que eu tenho eu não tenho nenhum com músicas destes clássicos. Então a gente canta a música que Chapeuzinho cantava quando ia pra casa da vovó, imitamos a voz grave do lobo...então aí eu vou trabalhando vários aspectos: o grave e o agudo, as informações e as músicas dos clássicos infantis que não se encontra em CD; e ainda bem, porque aí você tem a capacidade de trabalhar sem imitar nenhuma Xuxa, nenhuma Eliana. Tem aula que eu trago os instrumentos de percussão da bandinha, aí eu já trabalho ritmo. Às vezes a gente nem canta nada. Faço brincadeira rítmica com um pandeiro: conforme eu bater vocês vão andar, vão correr, se eu bato fraquinho vocês vão andar devagarzinho... então já

trabalho forte e fraco. Tenho uns materiais legais também, como o tapete das notas musicais e a amarelinha, que eu construí, mas não fui eu que inventei, vi num curso. Comprei um tapete de EVA e montei as notas musicais. Então com o teclado eu vou fazendo a escala musical e eles vão caminhando, pulando ou andando, e vão sentindo a escala musical subindo ou descendo. Isso é em progressão: uma semana só subindo, na outra semana descendo, depois as notinhas começam a pular. Então você percebe que aquilo vai fixando na audição da criança, e dá um resultado muito legal.

2 - A mais diversa possível. Não posso te dizer que focalizo uma situação. A música aqui é um complemento. Sempre estou ligada ao que as professoras estão fazendo, até porque, quando montamos o planejamento, estamos com o planejamento delas na mão. Às vezes a gente puxa noções delas pra música também.

3 - Eu acho isso bom. Até por eu já ter trabalhado em turma, acho que ajuda bastante.

4 - Sim, faço. A coordenação observa, mas nunca tiveram nada a opor. Não interferem. Apesar de estar sempre ligada ao que as professoras estão fazendo, tenho uma grande liberdade pra trabalhar. Já teve problema de algumas músicas trabalharem o emocional da criança, e ela chegar em casa comentando. Por exemplo, uma música da Bia Bedran, que é a história de um macaquinho que mora com o pai e não mais com a mãe, então lida com a questão familiar. E o macaquinho dorme na cama do pai. A música fala: “Macaquinho sai daí, você tem sua cama pra se deitar!” Então o pai separa o macaquinho da cama dele. Então eu trago o macaquinho de fantoche e ele vai falando com as crianças, e elas ficam encantadas. E toda hora o pai levanta porque o macaquinho inventa alguma coisa pra chamar a atenção do pai. Todo ano eu tenho problema com esta música, porque a criança vai pra casa e não quer mais dormir com o pai. Muitas famílias vêm agradecer, porque ter que comprar uma cama nova, mas outras não entendem. Ano passado uma mãe pediu atendimento porque o filho, que dormia numa cama rosa, queria uma cama só pra ele. “Que trabalho é esse dessa professora?” “O que está acontecendo com o meu filho, que ele não quer mais dormir numa cama rosa?” E nunca a escola me pediu pra deixar de trabalhar a música com as crianças. Foi passado que era realmente um trabalho pra mexer com o emocional da criança. Não entrego relatórios, só tenho o meu caderno onde coloco

os conteúdos e objetivos, e alguma observação no final. Do maternal ao jardim 3 eu trabalho o mesmo conteúdo, às vezes de forma diferente. Mas se trago qualquer noção a ser trabalhada, eu trabalho desde o maternal até o jardim 3. No planejamento eu coloco o conteúdo e qual a atividade relacionada ao conteúdo, e no final eu coloco uma observação; se no maternal, três choraram, eu relaciono; se aceitaram muito bem, foi uma coisa normal eu não boto; só se for uma coisa além do normal.

5 - Às vezes fica alguém comigo. A escola pede à professora que fique junto, até pelo problema do banheiro; nunca a escola pensa que poderia ser pra observar o que está acontecendo. Como a sala é longe do lugar onde eles estudam, no início do ano a escola sempre pede pra que fique alguém, pra levá-los ao banheiro ou pra beber água. Mas quando passam uns dois meses, as professoras têm sempre muita coisa a fazer, então deixam as crianças lá e aproveitam essa meia hora pra resolver as coisas.

6 - Não tenho problema; os professores gostam muito das atividades. Ontem mesmo uma professora relatou que na reunião de pais – às vezes a reunião acontece em dias em que eu não estou aqui, então os pais quase não têm contato comigo; só quando querem saber uma música que trabalhei, querem que eu escreva pra levar pra casa, essas coisas – então a professora veio comentar que as mães do maternal elogiaram muito o trabalho do inglês e da música.

7 - O mais estimulante são as crianças; o que elas passam pra gente é muito legal. Às vezes você está com um conteúdo planejado e o negócio muda ali na hora; e você tem que ter flexibilidade. Já que eu já fui de turma e sei que tem todo um planejamento que você tem que cumprir com uma outra disciplina, a música, pelo menos aqui na escola, é muito flexível. Se a criança chega contando que foi a um show, ou assistiu a uma peça, eu peço pra que conte para os amigos. Então aquilo muda, e aquela meia hora acaba; eu já não faço aquilo que tinha que fazer, e aquela nova situação é mais importante naquele momento, tanto pra criança quanto pra mim, quanto para os outros alunos. Acho esta parte de flexibilidade muito boa; tenho o livre arbítrio pra fazer o que eu quero na hora. A dificuldade ainda é a falta de material; se há dez anos atrás foi comprado um teclado e se eu uso instrumentos de percussão, isso está muito bom. O material restante que eu apresento são coisas que eu busco, que eu compro e se a gente tivesse como

enriquecer mais isso, com outros materiais e com uma sala pra guardar... Antes ainda era pior porque não tínhamos esta sala; então era muito difícil, porque eu ia de sala em sala carregando teclado, materiais, tudo. Liga teclado, desliga teclado, passa pra outra sala que às vezes era no segundo andar, era uma loucura; então agora, só por ter um espaço eu já estou no paraíso. Mas o material ainda é precário, e a escola não dá muito valor a esta necessidade. Eu trago muita coisa, ainda bem que tenho carro. Chego a pedir algumas coisas, mas também vejo a necessidade em outras áreas. Acabo ficando calada, porque às vezes de tanto falar você acaba ficando chato, e não vão resolver teu problema.

8 - Uma coisa que acho positiva aqui, pra quem trabalha com música: eles não me perturbam com as datas comemorativas. A escola tem, mas é com cada professora; elas criam teatro, trazem música e ensaiam todo dia; vão para o auditório, sobem no palco, cantam a mesma música. No início eu falei que eu não gostava disso; que achava que aula de música não tinha a ver com isso. Posso até ajudar, fazer alguma coisa que elas me peçam, mas não utilizo as minhas aulas pra ensaios e datas comemorativas. Até participo das festas. Por exemplo, a formatura: elas ensaiam, criam o que quiserem criar; elas ensaiam e às vezes pedem ajuda pra ficar no som, colocar o CD. Aí eu fico junto com o rapaz no som, sei a hora de colocar as músicas. Mas utilizar as minhas aulas e ser responsável pelo evento, não. Não tenho nenhuma responsabilidade com as festas.

9 - Um dia um aluno trouxe um teclado que ganhou no dia das crianças; aquele que enrola. Lógico que eu não dei a minha aula. A criança trouxe uma coisa muito importante, tanto pra ele quanto para os amigos. Tudo que eles trouxeram a gente aproveita.

Eu me sinto privilegiada por ter feito normal, por ter feito pedagogia e por trabalhar 8 anos em sala de aula com magistério. Acho que é um bem que veio, para depois eu cair na música. Vejo até em cursos, quando a gente lida com os profissionais da música, que muitos têm dificuldades neste lidar com a criança. Não é o individual; é o grupo. A professora da Taquara perguntou “Você faz relaxamento?” Eu disse que quase sempre faço, sempre depois da atividade, nos 5 últimos minutos. Coloco sempre um clássico, ou uma música que não era normal na vida deles, e eles deitam e relaxam, fecham o olhinho e colocam a mão no coração pra sentir os batimentos. E ela disse “Eu faço quando eles chegam; eles sempre chegam desesperados, e eu

fico junto, porque não sei como acalmá-los, então coloco o relaxamento no início”. Eu acho uma boa sugestão dela, só que eu tenho domínio. Eles chegam e já sabem que eles têm que acalmar, têm que calar a boca, senão eu não vou fazer a atividade. Eu não posso me desesperar junto com a agitação deles. Acho que na formação de música, principalmente na licenciatura, tinha que ter muito estágio. Estou aqui estes anos todos e você é a primeira pessoa que vem fazer uma entrevista comigo. Acho que falta estagiário, pra ver como o negócio funciona. Acho que se eu tivesse só a base da formação musical, não seria suficiente. O campo para o profissional da música está enorme, mas a escola tem que entender que é necessário, que é essencial principalmente na educação infantil; e o profissional tem que estar habilitado pra chegar na escola e dar certo.

### **Escola E**

Entrevista realizada na escola E, em Laranjeiras, zona Sul do Rio de Janeiro, no dia 07 de outubro de 2009, às 14h.

1- Aqui eu trabalho uma tarde por semana. A hora-aula na educação infantil é de 30 min. Em outras escolas que trabalho, 45 ou 50 min. Penso que 30 min é uma quantidade de tempo razoável, porque a atenção das crianças menores é pequena. O problema é que existe a necessidade do deslocamento das crianças, ou do meu deslocamento até o espaço onde elas estejam. A sala de música aqui é compartilhada com outro professor, que é o professor das outras séries. Ele trabalha no mesmo horário que eu. Então é sala de música compartilhada, e o outro professor trabalha em mesmo dia e horário. Então quanto ele está lá, eu fico em outra sala, que é uma sala de multimeios: é uma biblioteca, tem um espaço de vídeo, espaço de corpo, de jogos simbólicos, tem muitos brinquedos. Então é uma sala muito “atraente” para as crianças. Ao mesmo tempo em que a sala de música este ano, este salão compartilhado, ao mesmo tempo em que existe um armário pequenininho, com alguns instrumentos voltados pra faixa etária em questão, tem também outros instrumentos, como guitarra, bateria, teclado, timbales, congas, que não são instrumentos adequados a esta faixa etária, mas despertam um interesse muito grande. Então quando estou dando aula lá, tem o momento de explorar, tem um piano; então é um ambiente totalmente musical, que não é 100% adequado à faixa etária, mas que de alguma forma eu tomo um tipo de partido disso. Volta e meia utilizo os instrumentos. Até a bateria eu já utilizei.

Temos uma média de 15 alunos por turma. Existem grupos menores, outros que chegam a 20. Mas o movimento que se tem aqui é de dividir; já ocorre essa divisão das crianças. Começamos com um grupo 1, agora são dois grupos 2; começamos com um grupo 2, agora são dois grupos 2; no grupo 3 já são dois grupos 3, que já vieram desde o ano passado; então ocorre realmente uma expansão. Acontece que às vezes a quantidade de alunos não justifica duas aulas de música, e tem esta questão de compartilhar o ambiente, do horário, então às vezes esta equação fica difícil de colocar. A gente já teve uma divisão pra aula de música do grupo 1. Experimentamos dividir, aí vimos que ficavam poucas crianças; tem também a questão do horário, de carga horária e valores pagos; se aumenta, tem que pagar mais. Mas aí tem a questão que uma hora-aula nossa, é de 50 min. Só que eu trabalho 30min. Então há um horário vago, que seria destinado a planejamentos, a encontros com a coordenação e com a direção, que ocorrem, em horários extra-aula, mas eu sou péssimo administrador disto; nunca sei se eu estou devendo, se estão me devendo... Costumo dizer que o que eu faço é uma sensibilização musical; esse público entre um ano e meio, 3 e 4, eu prefiro dizer assim. Faço várias atividades: desde colocar as crianças em contato com o repertório do cancioneiro infantil, repertório de cultura popular, manuseio e exploração de instrumentos, brinquedos cantados, brinquedos de roda; participo também da elaboração e da montagem das apresentações, e aqui temos um ponto muito forte, que aqui a Festa junina; faço diversas atividades, desde o reconhecimento de melodias com a flauta doce, em que eu toco e eles identificam; eles esboçando também esta questão do cantar, porque eu trabalho um seguimento que não domina ainda a linguagem falada; então eu trabalho também o momento da apreensão, tanto da oralidade quanto da compreensão e apreensão da melodia. Trabalho muito com a flauta doce, que é um instrumento com o qual eu me sinto à vontade. Parte rítmica: trabalho reprodução rítmica, que eu faço como se fosse a brincadeira do eco; faço uma história, que é uma caçada, onde eles repetem aos comandos falados e por fim a gente chega numa caverna e descobre o eco. Em cima disto, tenho um trabalho também com tambor, de reprodução rítmica corporal. Tudo isso muito lúdico, porque é o caminho. Conto bastante histórias também, principalmente as que tem uma atmosfera musical; pego histórias de Bia Bedran, Palavra cantada, histórias da minha própria lembrança. Sou ex-aluno daqui, entrei com 4 anos e saí na 8ª série. Sou formado em musicoterapia.



2 - Eu acho que a música é sempre vista, tanto pelos alunos, quanto pelos professores e pais, como um elemento agregador; um momento onde a crianças sai um pouco deste estado narcisista, deste estado individualista, e começa a procurar, a ingressar numa certa coletividade. A aula de música é bem voltada a esse coletivo. Acho que tem uma função agregadora, e com isso, penso que também pelo aspecto das relações festivas e sociais, como o dia do encontro da família na escola, festa junina, enfim, são momentos festivos onde a música se torna um eixo central dessa festividade. Vejo que, principalmente aqui, esta questão da interdisciplinaridade é muito forte. As aulas de arte, de expressão corporal, eu venho de uma pratica em que eu procuro estar sempre situado e contribuir para o projeto de turma. Se a turma está trabalhando o circo, que elementos musicais, a contextualização, a questão da música no circo; vou sempre buscando trabalhar dentro dos projetos das turmas. Isto exige atenção, e uma boa dose de planejamento.

3 - Eu acho que a música na escola atende a dois aspectos: esta questão das atividades que agrega é uma coisa forte, mas ao mesmo tempo, a gente sabe que a gente está mexendo com uma idade da formação, em que o pensamento está começando a se moldar; é um momento muito especial e rico. Tenho certeza que a música contribui na corporalidade da criança, na percepção da atenção da criança, sob vários aspectos; na questão da formação cultural, da aquisição de um repertório, na questão da oralidade, na questão até do início de um pensamento espacial, matemático. Tenho certeza que estou contribuindo nestes aspectos. Mas existe aqui na escola uma intenção grande de que esta musicalização seja uma coisa duradoura. Depois da educação infantil, passa pra mão do outro professor, que dá todo um desdobramento com prática de conjunto, em que as crianças vão se capacitando pra formar uma banda, criar uma prática de violão, guitarra, teclado, bateria.. Isto é interessante; a escola tem uma infra-estrutura nesse sentido, com uma coisa mais elaborada. Mas a minha parte é mais de sensibilização; meus objetivos existem, mas não são propriamente quantificados. Procuro trabalhar dentro das minhas concepções, mas a gente esbarra na questão: Como é que uma aula de música vai funcionar com 20 crianças? É uma prática difícil. Minhas propostas são sempre coletivas, apesar de, em alguns momentos alguma atividade ser individual, em que o outro espera o seu momento, no tão idealizado silêncio. Procuro estar de acordo e buscar esta prática de uma maneira satisfatória, mas a gente esbarra nessas questões que são da própria instituição. E às vezes, em cada seguimento tem um nível de desgaste também. No caso dos pequenininhos, a questão é muito afetiva e

corporal; a minha presença é praticamente sonora e musical: eu produzo, eu canto, eu toco bastante com as crianças. Nos outros seguimentos não tanto. Isso tem um nível de desgaste, cansa.

4 - Aqui eu tenho um grau de exigência em relação ao planejamento. Em outros lugares a exigência é quase zero. Trabalho em lugares que não tenho nenhuma supervisão direta. Isso me incomoda; prefiro quando estou trocando, do que quando não estou. Aqui nós não temos um momento específico de planejamento meu com a coordenação e com os outros professores; esta é uma luta constante minha, porque o tiro sai um pouco pela culatra; quando você vê, está sempre correndo atrás de uma coisa que já está lá frente. Isso me incomoda; eu preferia estar participando do momento do planejamento. Trabalho há 15 anos com educação; aqui, há 6. Já tenho um bom tempo de casa, então conheço bem o ambiente das escolas e sei diferenciar este ambiente, e a variação desse nível de exigência em relação ao planejamento. Onde tenho a maior exigência em termos de planejamento não é aqui. Em outra escola tenho 2 h e 30min de planejamento. Não faço planejamento escrito aqui; sinto que contribuo de uma maneira muito informal. É quase aquela conversa de corredor. Temos relatórios semestrais aqui, que são de grupo. Aí mostramos o que foi feito em cada turma. Existe um interesse em que haja uma troca, e eu procuro sempre fazer, mas não apresento nenhuma proposta escrita, são contribuições informais. Ninguém interfere no que eu estou fazendo. Na Sá Pereira sim; a diretora fez musicoterapia, e Sá Pereira era músico. É uma escola convencional, mas voltada para a arte. Então existe uma preocupação desse universo da arte-Oeducação dentro da escola, e eu diria que eu conto com essa capacitação da diretora lá. Ela faz uma supervisão direta sobre a minha aula. Isso traz um nível de cobrança maior, mas é muito bom, porque é a forma como a gente anda, com a corda no pescoço. Aqui é um pouco informal, mas eu me sinto sempre querendo atender a essa necessidade. É claro que você acaba priorizando os lugares, não dá pra dar uma atenção igual.

5 - Dado não informado.

6 - Aqui é 100%. Vejo uma aposta muito grande da parte da direção da escola. Eles compram a idéia mesmo. Acho isso muito legal. Os professores também apóiam. 30min por

semana não garante nada; então a parceria do professor de sala com professor de música é fundamental. O trabalho de música é muito respaldado pelo trabalho dos outros professores.

7 - O que é mais estimulante é o afeto. A maior dificuldade é essa coisa intensa que é a aula de música na escola. É difícil tomar um fôlego durante o dia. Eu reajo procurando relaxar um pouco dentro de tudo isso.

8 - Geralmente as aulas de arte e de música acabam assumindo a dianteira de várias festas. Uma apresentação cantada das crianças, ou na festa junina, ou pra uma atividade lúdica, uma brincadeira, uma recreação, a música está sempre sendo solicitada. Porque não tem jeito: a gente é um pouco recriador, um pouco contador de história. Sinceramente, acho que isso é bacana. Acho que o professor de música que encara essa coisa de ser um pouco animador, um pouco palhaço, vai mais fácil do que o cara que fica preso.

9 - Tem, sobre a questão da hora-aula: Por que o professor de música tem uma hora-aula diferenciada, se hoje em dia todos os professores são formados, pedagogos, têm nível superior, etc? Esse era o argumento da direção. Tentei argumentar, dizendo que já fui professor de turma, e os professores têm intervalos entre as atividades, porque tem a hora do lanche, a hora do sono, e outros momentos. E o professor de música não tem intervalo; sai uma turma e entra outra, eu não tenho tempo de respirar. Argumentei sobre isso, mas eu esqueci o argumento mais forte: pra eu ter um salário compatível com o de um professor de sala de aula, eu preciso trabalhar em quatro lugares e ter 400 crianças por semana. Projetos diferentes, atividades diferentes, sábados diferentes...

### **Escola F**

Entrevista realizada na escola F, em Ipanema, zona Sul do Rio de Janeiro, no dia 07 de outubro de 2009, às 11h.

1 - Não me lembro quantas turmas são, mas aqui cada turma tem uma hora de aula semanal. São duas aulas por semana, cada uma com 30 min. Vai de berçário um, que são os bebezinhos, onde eu trabalho basicamente com sensibilização. Trago um material sonoro, toco

violão pra eles, trago música pra ouvirem, canto as cirandas, uso a prática do Villa-Lobos, aquele guia que a gente conhece, de quando ele dava aula no município. E vai até o pré-1, que é o antigo Jardim 2. Faço muito movimento com o corpo; trago músicas que possibilitem o movimento; cirandas e brincadeiras de roda, que eu acho muito importante. Acho que todos os grupos devem brincar de roda. Com os pequeninhos é só cantar e rodar, com os maiores vai aumentando o grau de dificuldade: vem a situação de destaque, de escolha, aquelas coisas que você deve conhecer, porque você dá aula de música. São vários tipos de brincadeiras, que desenvolvem várias coisas com as crianças. Desenvolvem o social, o momento de esperar, o controle do corpo, porque existem adultos que não sabem controlar o corpo; tem gente que atropela o outro no supermercado, pisa no seu pé. Então dentro de uma área específica, exercícios onde a criança possa se movimentar, dentro de um espaço limitado onde ela não vá bater na parede, não vá bater no amiguinho, são exercícios agradáveis com músicas específicas. E trabalho também percussão. Aqui não é uma escola de música, é uma escola de educação infantil. Numa escola de música é outro papo; tem os instrumentos, aqui não. Aqui tem alguns. O que eu posso trazer eu trago, e utilizo alguns instrumentos que a escola tem, como chocalho, agogô, reco-reco, xilofones com as notas. Audição de música clássica, música popular. Utilizo também um livro da OSESPA, que você deve conhecer, sobre a orquestra, que tem os desenhos dos instrumentos, com o tamanho, o nome; eles vêem a diferença do instrumento pequeninho, do som... Também falo sobre as festas, como festa junina, danças típicas; numa escola de educação infantil existem essas tarefas a cumprir. Também tem o trabalho integrado com o que eles estão aprendendo, por exemplo, se eles estiverem trabalhando os alimentos, trago músicas sobre alimentos. Trabalho o Folclore, que é importantíssimo; as músicas e danças folclóricas do Brasil e do mundo inteiro. Tenho um material, que eu pesquiso muito. Aqui nós só temos uma sala de multiuso. Como tenho várias atividades, temos que dividir. Então um dia dou aulas lá, e no outro eu vou nas salas deles.

2 - Acho que a função da música aqui é que a criança tenha um gosto musical; que não fique ouvindo certas porcarias, que eu não vou falar o nome, mas que você sabe o que é. Procuo evitar o lado televisivo, o que está na mídia, o que ele já está acostumado. Procuo trabalhar compositores que você também deve conhecer, que estejam mais voltados pra este lado infantil, que contem histórias, histórias populares, músicas como a “Velha a fiar”, parlendas que ensinem os números, as letras e uma série de coisas. Sempre procuro utilizar a música pra que a criança

aprenda. A música não tem só uma função recreativa; ela também tem uma função recreativa. A criança quando brinca, está aprendendo. Porque o que é a brincadeira? A criança quando repete a brincadeira, ela está aprendendo. O vocabulário, que também é muito importante. Conforme a faixa etária, vou trabalhando músicas com uma dificuldade maior de vocabulário. Começo com coisas pequeninhas, como “o sapo não lava o pé”, e bem marcadas, porque com criança pequeninha você tem que marcar bem. Não posso colocar, por exemplo, uma música contemporânea, desses experimentos mais modernos, porque a criança vai até escutar, e é até bom que ela escute aquilo às vezes, mas não vai aprender. Digo a música mais moderna, a música clássica; a música eletrônica, não aquela música que chamam de música eletrônica mas não tem nada a ver; esse negócio de funk, de DJ, mas a música eletrônica mesmo, pura, clássica, que existe; os compositores. Utilizo a música bem marcada, pra que a criança aprenda a acompanhar. Quando trabalho percussão, trabalho gradativamente: experimentar sem compromisso, depois eles vão acompanhando. Não é aquela bandinha clássica, tradicional, que existia antigamente, que você como professora deve conhecer, onde cada um fazia alguma coisa, mas eles acompanham o ritmo: tentam acompanhar um baião, um samba, até que, quando chegam no 1º ano, muitas crianças já estão tocando bem percussão. Quando saem daqui, as crianças vão para uma outra unidade da escola, e lá eu trabalho com eles até o 1º ano. Do 2º em diante não tem música. Que bom que agora com a lei, vai ser obrigatório o ensino de música até o 9º ano. Acho que a música é fundamental; não deveria existir escolas que não tivessem música. A música tem que ser obrigatória em todas as escolas. Eu como professor daqui, trabalho a educação musical. Aproveito as coisas que as professoras trabalham, mas eu tenho os meus objetivos. Existe um planejamento, onde eu tenho tudo o que trabalho: velocidade, intensidade, as notas, os timbres. Trabalho tudo isso aqui. Existe a educação musical dentro da escola. A diretora da escola era professora de música, então a música tem uma importância aqui dentro. Mas eu trabalho em outras escolas onde a música não tem esta função, onde tem simplesmente a função recreativa. Tenho um trabalho onde minha carteira está assinada como recriador, e não como professor. Sou um recriador musical.

3 - A função está de acordo porque me sinto livre pra trabalhar a música na escola. A escola me dá liberdade pra preparar uma criança pra ingressar em um estudo de música. Tem

alunos meus que eu mando pra uma escola de música aqui perto. Eles já chegam lá com noção de ritmo, sabendo manusear um instrumento.

4 - Quando você trabalha em uma escola, você tem certas funções. Por exemplo, trabalhar o Natal, a Festa Junina, o Dia das Mães. Mas eu tenho liberdade pra fazer o que eu quiser. Tem até um coralzinho que eu faço com as crianças de maternal 2, onde eles cantam músicas de natal que são adequadas à faixa etária deles. O importante também é observar o ouvido musical das crianças, começar com o que elas conhecem e depois colocar músicas que elas não conhecem, e ir adequando, pra que elas possam cantar. O meu objetivo é que eles se apresentem pros amigos, sem inibição, bem à vontade. Não é uma coisa massacrante para a criança, mas é dentro da brincadeira deles. É uma coisa que se desenvolve naturalmente. Não passo 3 meses massacrando a criança, acho isto horrível. Eles vão cantando cada dia um pedacinho da música, até conseguirem cantar tudo. E se apresentam com bastante liberdade. A música tem que ser uma coisa prazerosa nesta faixa etária, tem que vir naturalmente. Os conceitos musicais têm que vir implícitos no que você está fazendo; a criança vai captando, sem que você precise ficar chicoteando. Eu acho horrível aquela bandinha tradicional, onde sentava cada um com uma coisinha, a professora sentada no piano. Eu trabalho bem livre, por isso que trabalho com violão. Me movimento, deito, levanto...

5 - Fica sim. Às vezes fica a professora, outras vezes uma auxiliar pra ajudar. Eu me recuso a trabalhar com crianças pequenas sozinho. Faço esta exigência com a coordenação.

6 - Não tenho idéia de como os professores enxergam a música. Muitas vezes, na hora das aulas de arte as professoras vão fazer outra coisa. Então às vezes a professora não vai à aula. Não sei se elas tem esta visão da importância da educação musical; sinto que elas não se importam muito. Algumas professoras até vão assistir. Se eu fosse professor e tivesse um profissional específico na escola pra dar aula, eu iria assistir, pra aprender alguma coisa. A maioria não vê importância. Acho chato, seria bacana se fosse uma coisa mais integrada. Neste 20 e poucos anos que trabalho aqui, diretor e coordenador nunca apareceram na aula de música, apesar de eu ter convidado varias vezes. A maioria das pessoas não sabe que a música é fundamental para a

educação da criança. Inclusive, somos desvalorizados financeiramente. E a música é importante para o desenvolvimento do indivíduo de uma forma geral, não só para que ele seja músico.

7 - A dificuldade é que a maioria das escolas em que a gente trabalha não vê a música como uma coisa importante. Não tem espaço pra trabalhar. Imagina trabalhar em uma sala cheia de mesas e cadeiras: se quero trabalhar com movimento, preciso pedir às crianças que afastem as cadeiras. Em outras escolas não tem DVD, não tem televisão, então não dá pra passar um vídeo. A dificuldade maior é não encarar a música como uma coisa importante. Acho que se eles encarassem como uma coisa importante, teriam uma visão maior, principalmente as escolas particulares. Muitas têm música somente pra dizer que tem. Está na placa da escola, tem uma aulinha de meia hora, só pra dizer que tem. O grande prazer é ver lá na frente, o resultado do teu trabalho: ver uma criança cantando legal, ou estudando música. Eu procuro discutir, procuro bater de frente, colocar aquilo. A reação é sempre lutar. Vou continuar lutando contra essas pessoas que só dão importância à música comercial, como se o aluno fosse um cliente, e como se a educação fosse uma mercadoria.

8 - Já tive muitos problemas com isto, porque às vezes as escolas exigem certas coisas de você que eu não concordo. Não acho que o professor de música tenha que ser o responsável pelas festas, porque não tem só ele na escola. A escola não pode colocar esta responsabilidade sobre o professor de música. Estou saindo de uma escola por isto. A escola exigiu que eu esteja em certo dia e horário, fora do meu horário de trabalho, pra fazer uma festa. Já briguei com várias escolas por isto. Sou músico e tenho outros compromissos. Se me quiserem na festa, tem que ser no meu horário de trabalho. Além de trabalhar em vários lugares, tenho outros compromissos, como viagens a trabalho e alunos particulares. Sou contra esta visão de que o professor de música tem que ser responsável pelas festas da escola. Aqui eu faço quase todas as festas, mas temos um acordo, de fazermos somente no meu horário de trabalho. Sou responsável principalmente pelo trabalho com os menores, que é mais musical, então os pais vêm e participam. Não coloco os alunos em cima do palco, porque eles não fazem o que foi ensaiado, choram, e pode ser traumatizante. Sou terminantemente contra isto: o professor está lá pra dar educação musical, você pode até fazer um trabalho na festa, porque é uma coisa tradicional, mas não pode ser o responsável. Já fui mandado embora de uma escola por isto. A diretora determinou que eu teria

que estar em um sábado às 15h em uma escola, vestido de Papai Noel. Não fui. Não é nossa função. Não estou ganhando pra isto.

9 - Há muitos anos fiz um trabalho em um CIEP, onde ganhei apenas um valor pelos custos básicos, e foi uma experiência com crianças mais velhas, de 10 e 11 anos. Achei interessante o prazer que eles tiveram com aquilo, um prazer que você não vê em crianças de classe média e alta. Se você cantar uma música folclórica para uma dessas crianças, ou fizer uma brincadeira de roda, ela vai achar que você é ridículo. Elas gostam muito mais do lixo americano que vem de fora, dessas coisas enlatadas, com conceitos que nem são daquela faixa etária. As crianças deram uma importância tão grande que eu fiquei emocionado. Aqui na escola, tive uma experiência ruim. Aos poucos fui sendo cortado. Meu tempo foi diminuindo. As crianças maiores têm 30 min de aula, e é um tempo muito curto. Já trabalhei até séries maiores, com flauta doce. Hoje não trabalho mais. Chegava até a passar um pouco de leitura musical pra eles, mas hoje já não faço. Eles tinham até um pequeno contato com partituras, e não têm mais. Como fazer isso em 30 min? No ano passado, a dona da escola me prometeu que eu daria aula de música extraclasse; seriam oficinas, pagas separadamente pelos alunos. Isto não aconteceu. Aqui acontecem oficinas de balé, judô e outras coisas, mas não de música.

### **Escola G**

Entrevista realizada na escola G, no Centro do Rio de Janeiro, no dia 26 de outubro de 2009, às 12h.

1 - Vario bastante de espaço: às vezes estou lá atrás, lá na frente, já dei aula até dentro da piscina de bolinhas, e eles curtem muito. Geralmente na Educação infantil o tempo máximo é de 30min. E já está de bom tamanho pra passar o que eu quero. Aqui são 18 a 20 crianças por turma. Quanto mais eu acho mais gostoso. Às vezes estou com meu violão em pé com eles, uso o corpo, a arte cênica, trabalho com fantoches, com origami, com histórias; a música está englobada em muita coisa: no teatro, no desenho, na expressão facial, em todos os sentidos. As principais atividades são: a dança, a voz, o som, o ritmo, o folclore que também é muito importante, os instrumentos musicais – quando eles não usam os instrumentos da escola, nós confeccionamos,



pra eles terem idéia de como é feito, do barulhinho, e fazemos a exposição no final do ano – mas o que eles tocam é a bandinha da escola, porque o que eles fazem fica difícil de ser tocado. Os bebezinhos também manuseiam os instrumentos, até mesmo um apito, e ficam muito felizes. Desde pequeninhos eles já manuseiam os instrumentos musicais. No CA por exemplo eu começo com os sons; eles aprendem a apreciar a música através dos sons: sons agradáveis, sons desagradáveis. Coloco muita história cantada; trabalho muito com músicas de Bia Bedran, com sons onomatopaicos, com histórias, procuro fazer com que eles escutem os sons: sons dos amiguinhos, da professora, dos meios de transporte; muitas rodas e cirandas.

2 - Função: são os objetivos que eu quero que eles alcancem: a socialização e a integração do grupinho, o desenvolvimento do senso rítmico e das percepções auditivas; o desenvolvimento específico dos exercícios psicomotores no auxílio e na preparação das crianças para a aprendizagem da leitura e da escrita; o estímulo à criatividade; os exercícios de memorização e atenção pra cada grupo; o conhecimento do folclore; a utilização dos recursos musicais no estímulo de percepção do fenômeno rítmico e sonoro. É isso.

Eu acho que o professor trabalha todas as áreas da educação. E nessas áreas, pode desde a comunicação e expressão, do raciocínio lógico, matemático, estudos sociais, ciências, facilita também a aprendizagem, fixando assuntos relevantes. Como a música, no caso.

Eu acho que a educação musical exige um trabalho complexo quando envolve formação de grupo. É muito comum em quase todas as atividades musicais: os corais, as bandas, as rodas, os brinquedos cantados, os grupos de percussão, a flauta doce. As atividades em grupo se tornam complexas. Precisamos preservar essa expressividade de cada elemento envolvido nesse trabalho, e nem sempre é possível conciliar posturas diferentes.

Eu acho que ela é uma disciplina; uma disciplina comum. Porque além das matérias que eles têm no dia a dia, a música é outra coisa; eu desenvolvo muita coisa com eles, coisas que outras matérias não fazem, apesar de estarem muito juntas. Eu trabalho a música com o corpo, com a mente, com a audição, a visão, todas as percepções. Trabalho com as mãos; arte cênica, o teatro, o desenho. Então eu acho que é uma matéria.

3 - Concorde com certeza, justamente por causa disso; acho que eu tenho a minha parte que as outras não têm. Cada disciplina tem a sua função, e a música tem a sua função.

4 - Eu faço o meu planejamento. Às vezes a supervisora nem olha, ela diz: “Eu quero uma coreografia.” Então a gente não faz aula e faz a coreografia; às vezes ela interfere em alguma coisa. Mas o planejamento eu sempre faço, por semana, e de acordo com a faixa etária. Porque têm crianças muito pequenininhas, que eu tenho que falar sobre os bichinhos, trabalhar a parte facial deles, com os maiores eu já faço uma outra coisa com o espelho; outros já criam coreografias. Cada aulinha, pra cada faixa etária é um planejamento diferente. Eu trabalho junto com a professora. Se ela está trabalhando animais, coloco muita música de animais; se vai falar das flores, coloco uma música de flores, da primavera; sempre de acordo com o que elas estão fazendo.

5 - Quando há uma estagiária, ela fica. Às vezes eu fico sozinha com eles, e dou conta, porque eles nunca ficam parados. O tempo todo tem música; estão sempre se movimentando. Em nenhum minuto se para aula de música pra fazer alguma coisa.

6 - Quanto aos professores, acho que poderiam freqüentar mais. É o momento que elas têm pra tomar um café ou fazer qualquer outra coisa, então não ficam e não sabem o que está acontecendo. Mas às vezes eu peço, por exemplo, quando tem uma coreografia pra fazer e a seguir vai ser trabalhado um dia especial, como dia dos pais, peço pra que eles fiquem, pra depois poderem ensaiar a coreografia com elas. Acho que o professor deveria ficar mais na aula de música. Tem escolas em que é obrigatório. Aqui acontece do professor não valorizar a música. Tem professor que diz: “Vai lá brincar com a tia!” E não é uma brincadeira; tem todo um conteúdo pra fazer, todo o meu processo, mas às vezes eu ainda escuto professores falando isso: “Vai lá brincar!” ou, “Vai lá cantar uma musiquinha!” Eu acho que pra certas professoras é apenas um complemento, é aquela meia hora pra brincar. Já a direção me apóia. Às vezes peço material pra fazer um desenho, ou outra coisa, a diretora sempre me dá. Supervisão e coordenação me ajudam bastante.

7 - O mais estimulante é a apreciação das crianças; a vontade que elas têm de cantar. A maior dificuldade são aquelas crianças sapecas, que não estão nem aí, ou quando as crianças têm

medo do violão e choram, fico muito triste. Sei que é normal, mas logo numa aula tão alegre! Até no CA, naquele momento em que as crianças estão concentradas e de repente: “Acabou gente, vamos fechar o caderno, tem aulinha de música!” Eles sentem aquela alegria, isso me gratifica muito. Me entristeço quando tem crianças que não gostam da aula. Tento estimular sempre: coloco pra cantar, dou o microfone. Outra coisa que me entristece são as escolas que não têm um espaço pra aula de música; não têm uma sala grande com espelho, pra fazer uma coreografia; não têm uma bandinha; o som está escangalhado, então tem que ser no “gogó”. Tem coisas que a escola não tem pra oferecer, e eu às vezes não tenho material. Trago tudo que eu posso, mas nem sempre é suficiente.

8 - Faço todas as coreografias da Educação Infantil; dou idéia da roupa, do cenário, e escolho às músicas. Mas deixo as professoras bem à vontade pra opinar. Aqui as festividades são a Festa Junina e o final de ano. No fim de ano eles cantam e dançam, e é sob a minha responsabilidade. Nos outros dias sempre ensino uma música: dia dos pais, dia das mães, dia da vovó. Tem a formatura também, que estou envolvida. E às vezes dou uma ajuda para o Fundamental também.

9 - Uma experiência que achei linda, foi no berçário, quando entreguei os apitos, com medo ainda de entregar e alguma criança engolir. Eles assopraram e ficaram tão felizes de ver sair aquele som! Fiquei tão feliz quando vi aquilo... Parece uma coisa boba, mas pra mim foi o máximo: ver aqueles bebezinhos fazendo o seu primeiro som. E uma coisa ruim que às vezes acontece:às vezes eu passo um fim de semana montando uma linda coreografia, e quando tento passar não dá certo. Às vezes é uma coreografia que não é para aquela faixa etária, e eles não conseguem fazer. Uma vez o maternal voltou para a sala, na hora de ir embora, e as crianças se misturaram com as outras maiores que estavam ali, foi uma confusão só. Fiquei feliz por ver que eles gostavam da minha aula, e foi inesquecível.

## **Escola H**

Entrevista realizada na escola H, em Santa Tereza, região central do Rio de Janeiro, no dia 22 de outubro de 2009, às 16h.

1 - Quanto ao espaço físico: como a escola realmente valoriza o ensino, nós temos uma sala específica; na verdade temos duas salas de música, totalmente preparadas para as aulas de música, com materiais adequados, com uma discografia, com uma bibliografia, tudo ligado à música infantil de qualidade. A gente trabalha não só com instrumentos percussivos, mas também com instrumentos melódicos. Os instrumentos melódicos nós colocamos numa sala que chamamos de sala 2, e estamos utilizando o teclado. Foi uma opção nossa. A Educação infantil tem aula de música duas vezes por semana, com 45 a 50min de duração por turma. O Ensino Fundamental 1 também. Aqui a música vai desde a educação infantil ao ensino médio. Nós trabalhamos numa equipe de artes, no caso da linguagem musical, uma equipe de música; somos uma equipe de 4 professoras, onde a gente realiza um currículo que vai desde a educação infantil até o ensino médio. Nossas turmas de educação infantil não ultrapassam 20 crianças por sala. Normalmente, quando tem essa quantidade, trabalhamos com uma professora regente, uma professora auxiliar e uma atendente. Elas ficam comigo durante as aulas; elas sempre têm conhecimento sobre o projeto que está sendo desenvolvido nas aulas de música, e eu sempre sei o que está acontecendo na sala de aula. Existe um momento em que fazemos até uma interdisciplinaridade, mas não é necessário que isso aconteça. Aqui na escola trabalhamos muito com a autonomia; com a idéia de o professor ser o autor do seu planejamento. Faço meu planejamento. Nesses últimos tempo temos trabalhado com temas transversais. Este ano, por exemplo, estamos trabalhando astronomia, que é um tema transversal. Todas as disciplinas estão trabalhando a astronomia, mas na aula de música isso não é obrigatório. Dependendo do interesse, eu tenho um projeto próprio, já que eu tenho um currículo elaborado por toda a equipe de música, onde a gente valoriza os conteúdos fundamentais da linguagem musical. A gente entende que a música, sobretudo na educação infantil, é uma linguagem. E por ser uma linguagem, ela tem que entrar como um aprendizado. Aqui a gente não faz música como normalmente se tem a visão, da aula de música ser uma aula funcional. Aqui a aula de música é uma aula de produção, de construção de conhecimento; a criança vai construir o conhecimento musical, a partir da vivência dela com a linguagem musical. Então a gente organiza projetos; a

gente trabalha basicamente com a apreciação musical, que é toda a parte de repertório e toda a parte de formação do gosto musical pela música; a gente enfatiza demais a música infantil de qualidade, a música popular brasileira, a música instrumental, a música clássica; e sobretudo, aqui tem um ponto forte, uma tendência de uma extrema valorização da cultura popular brasileira. Então o trabalho fica muito forte nesse aspecto. As crianças desde muito pequenas vão trabalhando com esse conceito, e com essa idéia de brasilidade, das coisas lindas e maravilhosas que existem no nosso país. Mas a gente não descarta os estilos musicais, a música globalizada no mundo inteiro a gente não descarta. Quando as crianças trazem a música de mídia, nosso procedimento é acolher e tentar contextualizar para a criança. Por exemplo, quando a criança traz uma música que a gente não considera que ela tenha uma qualidade musical importante para o conhecimento, é apenas um divertimento – vou dar um exemplo de uma Xuxa, ou uma Kelly Key – e a gente acha que inclusive desvaloriza a criança como sujeito: desqualifica, chama a criança de baixinho. Isso na verdade é uma mensagem subliminar, porque a criança é baixinha mesmo. Quando a gente vai trabalhar um conteúdo musical, a gente nunca utiliza essa música que a gente não considera; a gente faz realmente essa avaliação e essa seleção. A gente não utiliza essa música de mídia, que não tenha qualidade pro que a gente quer: trabalhar a escuta; a gente quer que realmente esta criança passe a ter o que Schaffer fala, que é o ouvido pensante. Além da apreciação musical, trabalhamos também com outro conteúdo fundamental, que é a prática de conjunto vocal e instrumental. Desde muito pequenos eles têm contato com os instrumentos musicais, com objetos sonoros, e a gente não utiliza aquele objeto sonoro ou aquele instrumento musical estereotipado. Por exemplo o brinquedo do chocalho. A gente compra, a escola adquire um chocalho mesmo, uma maraca de diversos timbres, de madeira, de metal, de bambu, de plástico. O reco-reco, temos de madeira, de metal, e assim por diante, pra que a criança possa ter idéia dos parâmetros sonoros. Este é um outro aspecto do nosso currículo: a gente trabalha com a idéia, com a conscientização da percepção musical; os parâmetros sonoros: altura, intensidade... Isso desde o grupo 1. As turmas que temos são: grupo 1 e 2, com 1 e 2 ano; grupo 3, com 3 anos; grupo 4, com 4 anos; grupo 5, idade 5 anos. A partir do 3º ano do Fundamental, passa pra outra professora que dá continuidade ao que eu venho trabalhando. Aí nós fazemos um projeto para o ensino fundamental, que se dá, às vezes, também na educação infantil. Quando fizemos o ano da América Latina, trabalhamos desde a educação infantil até o ensino médio. As crianças conheceram todo o repertório das músicas que são cantadas na América Latina. A gente tem

muita parceria com as famílias; elas mandam muitos materiais, porque estamos sempre informando o que estamos fazendo. A gente nunca deixa de trabalhar na Educação Infantil, que é fundamental, toda a parte da movimentação e expressão corporal. Porque a criança nessa faixa etária é muito sensorial; ela é corporal, e vai construindo a linguagem verbal de acordo com o desenvolvimento dela. Então o corpo acompanha; o corpo é o primeiro grande instrumento que vem nessa projeção natural. Então a criança faz dança livre; tem um momento em que fazemos o que chamamos de gestos ilustrativos orientados, e não estereotipados, porque não precisa disso. A gente sempre aproveita o gesto trazido pela criança, mas a gente também passa pra eles os movimentos coreográficos básicos das formações de roda, de pares, de trios, de trezinhos, de passos. E isso vem muito com a idéia da dança, com as músicas da cultura popular. Então aqui as crianças dançam jongo, coco, maracatu, as crianças conhecem xote, conhecem forró, dançam valsa, afoxé, o bumba-meu-boi, o samba de raiz, o chorinho também. Mas a gente não deixa de colocar outras coisas pra eles também. Por exemplo, a Ivete Sangalo lançou um CD infantil; muitas coisas do CD dela nós escutamos e aproveitamos, são interessantes. A Adriana Partimpim, que fez um grande sucesso com o 1º CD e agora está lançando o 2º; foi completamente incorporado ao nosso repertório. Usamos toda a coleção do Palavra Cantada, Bia Bedran, e os clássicos: Os Saltimbancos, A Arca de Noé, Pedro e o Lobo, Mozart. Tem um aspecto na obra do Mozart, em que a criança, principalmente na Educação infantil, tem uma identidade imediata. É importante saber que o professor de música, com qualquer faixa etária que trabalhar, tem que ser um eterno pesquisador. Por exemplo, quando os Barbatuques surgiram, eu logo fiz contato, recebi um material deles, e a gente desenvolveu um projeto só dos Barbatuques. A partir dos Barbatuques nós criamos as nossas composições sonoro-corporais; isso deu toda uma projeção, uma possibilidade pra que as crianças tomassem conhecimento dos sons do corpo, e outros recursos também. A gente trabalha também integrado com as outras linguagens: visuais, plásticas. Esse ano tem os 100 anos do Mestre Vitalino; as crianças na faixa etária do grupo 5 estão estudando a obra do Mestre Vitalino. E nós então, na sala de música, estamos apreciando todas as canções que compõem aquelas imagens do Mestre Vitalino com as bandas de pífaros. Então eles estão aprendendo o que é pífaro, zabumba. Aprendendo escutando, apreciando, tocando, dançando, reproduzindo, acompanhando.

2 - Acho que aqui a música é vital para o desenvolvimento do sujeito. Acho que a música é fundamental na escola. Ela tem a função de trazer conhecimento da arte, da cultura, de si próprio. Expressão: a criança poder se expressar através da linguagem musical. A música é vital no desenvolvimento do ser humano. Ela vai construir as potencialidades pra esse sujeito se colocar no mundo. E a escola tem que ter espaço pra trazer para o aluno um ensino de música de qualidade. E aqui na escola tem. Nós batalhamos por isso, nós construímos e nós preservamos. Acho que esse é um dos motivos para os pais procurarem a nossa escola; a escola tem um valor enorme, não só com a música, mas com todas as linguagens artísticas. Aqui nós temos aulas de música, de artes visuais, de literatura, de corpo, de teatro. Todas as linguagens estão colocadas na escola. Temos uma equipe de artes, na verticalidade da escola, somos 14 professores. Temos a integração pela linguagem, pela disciplina, e entre nós. Fazemos a nossa interdisciplinaridade. No Ensino Fundamental 2, que é o que a gente chama de 3º seguimento – antigo ginásio – eles trabalham com as três linguagens: música, teatro e artes visuais trabalham com a interdisciplinaridade. Os alunos têm 3 oficinas ao longo do ano, com o mesmo tema, e eles gostam muito.

3 - A questão não foi colocada, pois o professor já havia manifestado estar de acordo com as funções da música na escola.

4 - Acontece assim: todo o ano a equipe de música se reúne, pra pensar no que vamos fazer naquele ano com os alunos; não recebemos nada pronto. O trabalho da coordenação aqui é coordenar, ou seja, ela trabalha junto com o professor, vai construindo com a gente. A escola tem uma singularidade, porque todos os cargos são eletivos. A coordenadora saiu de sala de aula, então ela é, antes de tudo, uma educadora. Ela não é nossa patroa, não fica mandando no que a gente tem que fazer, não fica observando. Até observa, mas sobretudo compartilha e apóia. Ela interfere na medida da crítica construtiva, e até mesmo em momentos que a coisa não está andando, ela com o olhar de fora ela pode nos ajudar. Ela dá mil sugestões, mas não fica pedindo nada. A coordenação aqui, assim como o professor, tem autonomia e autoridade, mas não é autoritária. Às vezes um aspecto da sala de aula adentra a sala de música. Aqui na escola o trabalho se estrutura da seguinte forma: no primeiro semestre, nós já sabemos qual vai ser o tema (?). Ano que vem, por exemplo, o tema vai ser a Biodiversidade, a sustentabilidade. Então nós

estamos com a idéia de criar com as crianças uma escultura musical, com tudo que a gente acha que faça som, mas não aleatoriamente. A gente vai tentar fazer uma classificação com eles, por timbre, e essa escultura musical vai ficar disponível: quem passar pode fazer a sua composição, pode tentar utilizar. A idéia é essa. Mas ano que vem, por exemplo, a gente vai desenvolver um projeto ligado ao chorinho, porque já recebemos um material muito legal do Roberto Gnatalli, que se chama “Pedro e o Choro”. E como a gente trabalha a apreciação, e na apreciação a gente trabalha a vida e a obra, a história da música, o fazer musical; essas coisas todas que estão aí nesses currículos, nesses PCNs, RCNs, a gente domina e estuda. Tem que estudar e pesquisar. A sala de música da educação infantil não é simplesmente um divertimento, ela tem que ser prazerosa, tem que socializar aquelas crianças, mas o mais importante é que essa criança se aproprie da linguagem musical, seja pra cantar, seja pra tocar, seja pra dançar, seja pra compor. A minha aula tem 40min; eu geralmente organizo e divido em 4 atividades diferentes, com uma duração máxima de 10 min cada uma. Essas atividades geralmente estão interligadas. Sempre recebo as crianças com uma música: a que estamos trabalhando ou abordando no momento; tem o momento de pausa, de escuta, em que eu faço com que a criança escute, quando coloco um cd ou toco ao vivo. Tem o momento em que a gente canta; tem o momento da dança. Enfim, é previsível, mas também é muito imprevisível. Essa imprevisibilidade é que garante o aprendizado, tanto do professor quanto do aluno, porque a criança traz alguma coisa que não está no teu planejamento. É claro que pode ser uma coisa completamente fora do que está sendo trabalhado ali, mas se for uma coisa que tenha uma ligação, nós temos autonomia pra buscar um outro caminho, por exemplo. Nós trabalhamos muito com a poesia, porque a poesia é extremamente musical, rítmica. Tem um material que eu posso citar que se chama “Clave de Lua”, é um trabalho que é música, e tem um cd de altíssima qualidade, e as poesias também. Essa idéia do professor de música ser animador de festa não existe aqui. A escola valoriza demais a disciplina da música, há muitos anos. Sou professora daqui a 28 anos, construí esse currículo. A nossa festa cultural, que acontece no meio do ano, e que dentro dela está a esta junina – porque a nossa festa junina foi crescendo e se tornou uma festa cultural abrangente – são festas temáticas, em que se trabalha desde a educação infantil até o ensino médio, com temas e elementos da cultura popular brasileira. Neste ano tivemos o cordão de pássaros, fizemos um cavalo-marinho, o boi do Maranhão. Na Educação infantil este ano fizemos uma festa de bois. Todas as crianças construíram um bozinho de caixa, tocaram chocalho, aprenderam a batida do boi, escutaram os



tambores de crioula, os tambores de caixa, dançaram cacuriá, dançaram o passo das toadas de boi. Escolhemos um repertório pra cada turma, desde a canção do Boi da cara preta. O Folclore aqui é trabalhado o ano inteiro. Trabalhamos também com as cantigas de roda, com os brinquedos cantados e dançados, com os dramatizados.

5 - Às vezes, não podem ficar os três adultos, mas sempre um outro adulto está acompanhando as aulas de música. Elas até falam: “Amanhã eu vou à sua aula!” Eu acho pouco, duas vezes por semana. A nossa escola pretende chegar ao requinte, porque é caro, mas é um grande investimento. Porque somos professores horistas, e não mensalistas. Na nossa estrutura soe possível ter duas vezes por semana, mas é melhor do que ter só uma vez.

6 - Minha equipe da Educação infantil é extremamente integrada e afinada comigo. Não só porque temos uma equipe de professores muito estável – não tem um professor que não esteja na escola há menos de 10 anos – então toda vez que a gente tem atividades, eventos coletivos como feira de livro, eventos de final de ano, aula de música aberta, ou quando a professora está fazendo uma dramatização na sala, e vem pedir não uma musiquinha para o teatrinho; eu entro integrada à ela: conheço a história, conheço o trabalho que a criança está fazendo. Então nós vamos pesquisar na sala de música, que sons poderiam fazer parte desta trilha sonora; que sonoplastia, que música nós vamos escolher. O trabalho de música aqui não está a serviço de nada, ele tem identidade própria. E essa relação com as professoras vai se construindo a partir de uma grande parceria, tanto na educação infantil, quanto no ensino fundamental.

7 - O mais estimulante é estar em constante desafio. Tenho 28 anos de construção de um trabalho musical dentro de uma escola que valoriza, e estou sempre em dúvida. Estou sempre pesquisando, buscando, trazendo novidade, me atualizando, tenho que correr atrás. Isso é muito estimulante. Você tem que ter paixão pelo trabalho; você tem que entender que você formou aquele sujeito, de alguma forma. Eu estou aqui como um agente da linguagem musical. A linguagem musical não me pertence, pertence a si própria. O desafio da sala de aula é muito estimulante. A maior dificuldade pra mim, apesar de eu ter muitos recursos, e a escola me dar muito chão, minha maior dificuldade é quando sou exigida, na instituição, em cumprir com as coisas burocráticas; é uma característica pessoal minha. Não consigo cumprir com essas coisas

muito burocratizadas e vou ficando desesperada. E aí você vai ficando estigmatizada como a professora de música; todo artista é aquele meio doido, que não se integra, que não tem regras. Acho muito bom, por um lado, mas quando você está dentro de uma instituição tem que aprender a lidar com esse continente, com os prazos, com as regras, essas coisas. Faço relatório, mas por turma ou por projeto de trabalho. Geralmente no meio do ano faço um relatório falando do projeto; faço reunião de pais, geralmente por equipe, não individual. Tenho tido sucesso, e incentivo a todos que estão se formando, que lutem pelo espaço da educação musical, que levem a educação musical de qualidade para a escola.

8 - Somos muito festeiros, mas não desgastamos. Temos dois momentos fundamentais na escola: o momento do meio do ano, que é a nossa festa cultural, onde temos a festa junina, e a escola inteira está mobilizada. Por exemplo, o professor da educação infantil pára; se ele está trabalhando na sala de aula com a astronomia, com os planetas, nesse momento ele dá uma pausa, e começa a trabalhar com as crianças o sentido do ciclo junino, por que vai ter esta festa na escola, o que estamos comemorando. O mesmo se dá na feira do conhecimento que é no fim do ano. E logo no início do ano nós temos a feira literária. Este ano fizemos na rua, integrado com o bairro. Neste ano a feira do conhecimento vai mostrar o que cada turma produziu relacionada a esse tema. Na aula de música, se eu não estiver ligada ao tema, vou fazer em algum momento com as famílias e com os pais, um momento musical que nos agregue. Este momento musical pode não estar ligado ao tema. Podemos por exemplo convidar um quarteto, pra tocar as músicas do Villa-lobos; podemos apresentar um grupo de alunos de outras séries, tocando as músicas que eles aprenderam; podemos fazer uma grande cantoria; um momento de dança com os pais. Faço ali na hora: todos nós cantamos, dançamos. As outras comemorações nós não fazemos; dia das mães, dia do índio, dia dos pais e outras. A gente não tem esse entendimento. Pra nós, a mãe é mãe o ano inteiro; o pai, a mesma coisa. No dia das crianças a gente faz uma semana das crianças. É uma semana diferente da nossa rotina: trazemos filmes do festival de cinema; fazemos um dia só de jogos e brinquedos; um dia só de fantasias; um dia só de danceteria. Nós professores, preparamos um teatro surpresa, e englobamos os funcionários da escola: o cara da recepção, os serventes, a funcionária da xerox; a gente convida e apresenta um teatro surpresa para as crianças. Este ano fizemos a fábula da festa no céu. No final do ano fazemos um encerramento de ciclo de escolaridade. Aqui, o 1º seguimento vai do grupo 1 ao 5. Com o grupo

5, fazemos especialmente um evento de encerramento. Este momento de encerramento engloba momento de recordação, ou a gente faz um DVD com os melhores momentos da turma, ou eles fazem uma poesia, ou eles criam uma composição, ou fazemos uma camiseta temática. Fazemos um agradecimento, um lanche coletivo, um agradecimento às famílias. Essas coisas marcantes a gente considera, mas dia de índio, dia de soldado, dia da árvore, dia do livro, a gente não faz. Ensinamos os hinos como cidadania, mas Dia da Bandeira não existe.

9 - Hoje por exemplo, tive um encontro inédito: Ao entrar na sala, tinha um grupo de alunos do ensino médio, ensaiando “*Que nem jiló*”, “*O morro não tem vez*”, para tocar no sarau da escola. Tinha um aluno tocando baixo, um aluno na guitarra, um no clarinete, três meninas no vocal, quatro meninos na percussão. Não temos aula específica do instrumento. Temos aula de teclado e coral na escola, como atividade extra. Trabalho utilizando teclado, e quando o aluno quer aprender um instrumento específico ele vai para a aula de instrumento. A equipe de música está em constante avaliação. Então nós percebemos que o trabalho estava muito rítmico, por conta desta cultura popular. Então decidimos entrar com uma carga melódica mais forte. Temos canto, teclado, flauta doce, e a intenção é trazer outros instrumentos.

Tenho uma experiência que me emociona demais, que foi o ano em que eu trabalhei Pixinguinha. Isso aconteceu com uma criança de 4 anos: antes de eles virem pra aula de música, eles estavam no lugar onde brincam após o lanche. Ao entrar na sala de música, coloquei um chorinho do Pixinguinha. Então eu perguntei: “Está faltando alguém? Já chegaram todos?” E esse menino disse “Está faltando um amigo sim!” Eu contei e disse “Quem está faltando? Não sei quem é.” E ele disse “Está faltando o Pixinguinha. Ele estava lá fora, brincando com a gente.” Acho que isso é uma coisa muito interessante. Tenho a certeza de que essa criança de 4 anos trouxe o Pixinguinha pra vida dele, pro brinquedo dele. Então essa coisa da música, não se restringe à educação musical. Da mesma forma que quando eu apresentei Luis Gonzaga. Eu falei que o filho do Gonzagão se chamava Gonzaguinha, e eles perguntaram pra mim “Ele é irmão do Pixinguinha?” Então a criança vai construindo o conhecimento através dessas relações. É importante trabalhar também com compositores vivos, pra não ficar com essa coisa nostálgica da morte. Trabalho também com Chico Buarque, Caetano Veloso, até porque, por ser uma escola de elite – não é uma escola popular, é uma escola que atende à classe média-alta da sociedade brasileira – e é uma elite bastante intelectualizada, as crianças têm muito acesso à informação. A

gente recebe muitos filhos de artistas na escola. Tenho por exemplo aqui, o neto do Moraes Moreira, os bisnetos do Severino Araújo. Tenho muitos filhos de Músicos, de músicos de orquestras, que às vezes é convidado, e vem à escola pra tocar pra eles, mostrar o instrumento. Sempre que a gente pode, promove os concertos didáticos; não necessariamente de música clássica. Tem experiências em que a gente se sente frustrado, quando por exemplo, a gente vem todo animado, e aquilo não dá certo. Isso é complicado. O que também posso te dizer de experiências desagradáveis, são de quando você tem que lidar com as diferenças dos valores trazidos pelas crianças, de casa. Tem crianças que têm acesso a toda e qualquer coisa lançada pela mídia; tem crianças que têm restrições. São regras familiares. Mas a criança que tem restrição é a mesma que convive com a que tem acesso. Aí essa criança que tem restrição traz um matéria pra aula de música. É importante saber que a gente faz uma preservação na formação dessa criança. Não admitimos canções com cunho erótico, com mensagens com palavrões, ligadas a drogas, à discriminação racial, é regra da escola. Mas nós também não discriminamos uma cultura social existente numa sociedade urbana. Se tem funk de qualidade, e a criança traz, a gente valoriza. Tem rap, rock, e trata de questões sociais interessantes? Então a gente traz pras crianças. Na educação infantil, acontece mais daquelas canções com arranjos completamente banalizados, péssimos pro ouvido das crianças, muitas vezes desafinados e fora da altura ideal pra criança cantar, apesar de carregados de boas intenções.